GIANE DEMO

DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES AUTISTA NÍVEL 3 NO AMBIENTE ESCOLAR REGULAR

MÉTODOS, PROGRAMAS E TÉCNICAS

55.313.102/0001-59

Clinica Integrada de Intervenção Interdisciplinar LTDA.

ROD SC 443, nº 835.

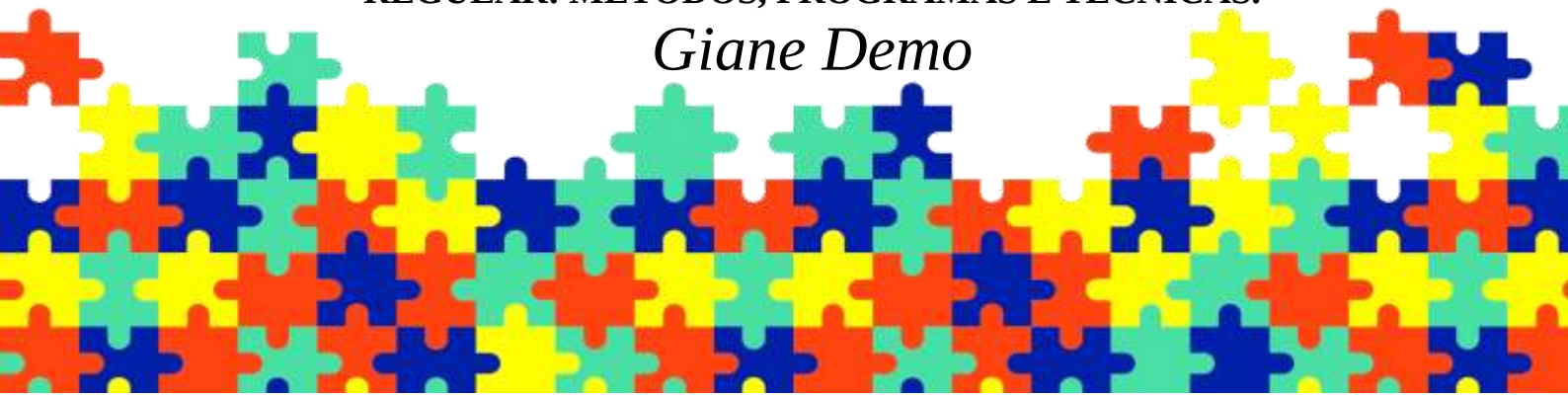
Centro – CEP: 88.717-000

SANGÃO –SC

“Não há mudança sem ação; o mundo se transforma nas mãos de quem se atreve a agir”. Giane Demo, (2025).

DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES AUTISTA NÍVEL 3 NO AMBIENTE ESCOLAR REGULAR: MÉTODOS, PROGRAMAS E TÉCNICAS.

Giane Demo

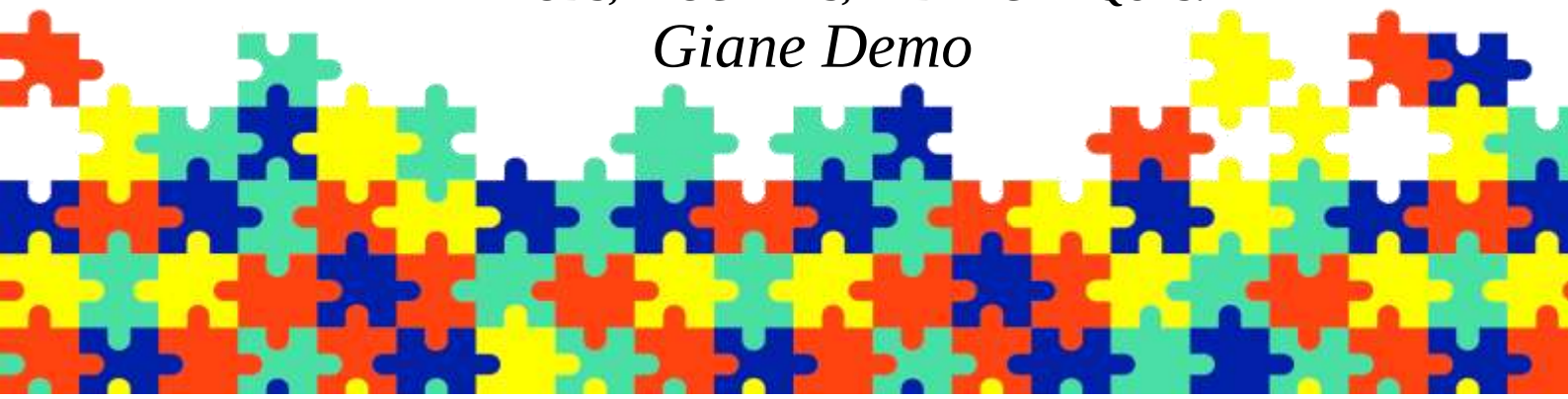


O presente estudo aborda os desafios e estratégias para o acolhimento de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nível 3 no ambiente escolar regular, enfocando métodos, programas e técnicas de intervenção pedagógica e neuropsicopedagógica. A inclusão de estudantes com TEA nível 3 representa um desafio complexo para educadores, familiares e profissionais especializados, devido às limitações na comunicação verbal, comportamentos sensoriais específicos e dificuldades na socialização. A pesquisa fundamenta-se em análises teóricas e práticas baseadas em literatura nacional e internacional, incluindo diretrizes da American Psychiatric Association (2014), estudos de Kasari et al. (2013) e experiências documentadas por Bezerra (2021) e Araújo et al. (2022), que evidenciam a necessidade de adaptação curricular e estratégias individualizadas. O estudo destaca que o acolhimento efetivo requer o planejamento de atividades pedagógicas inclusivas, a utilização de recursos visuais e tecnológicos, e a formação contínua de professores e assistentes educacionais. Estratégias de ensino baseadas em programas estruturados, como o uso de portfólios educacionais e rotinas previsíveis, demonstram eficácia na promoção da autonomia, socialização e engajamento dos estudantes com TEA nível 3. Além disso, a integração de práticas lúdicas, como relatado por Mendes (2015) e Ischkanian (2025), é essencial para estimular a expressão emocional e o aprendizado significativo, respeitando as particularidades sensoriais e cognitivas dos alunos. A análise das respostas de professores, coordenadores, familiares e profissionais terapêuticos revelou padrões recorrentes: a necessidade de comunicação adaptada, o suporte constante para manejar crises comportamentais, a personalização do currículo e o incentivo à participação social. Tais práticas corroboram estudos de Kasari & Smith (2013) e Souza et al. (2022), que enfatizam a eficácia de intervenções estruturadas, centradas no aluno e apoiadas por evidências científicas. A escuta ativa e o envolvimento familiar são apontados como elementos-chave para o sucesso da inclusão, permitindo que a escola compreenda e responda adequadamente às necessidades do estudante. Este trabalho contribui positivamente para o desenvolvimento de diretrizes práticas para escolas regulares, subsidiando a formação continuada de professores e profissionais da educação e ampliando o conhecimento científico sobre métodos, programas e técnicas de intervenção neuropsicopedagógica. Ao promover um ambiente acolhedor, estruturado e sensível às especificidades do aluno com TEA nível 3, busca-se garantir o bem-estar, a autonomia e a socialização dos estudantes, fortalecendo o compromisso da educação inclusiva.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; inclusão escolar; estratégias pedagógicas; neuropsicopedagogia; métodos de intervenção; educação regular.

CHALLENGES AND STRATEGIES FOR WELCOMING LEVEL 3 AUTISTIC STUDENTS IN REGULAR SCHOOL SETTINGS: METHODS, PROGRAMS, AND TECHNIQUES.

Giane Demo

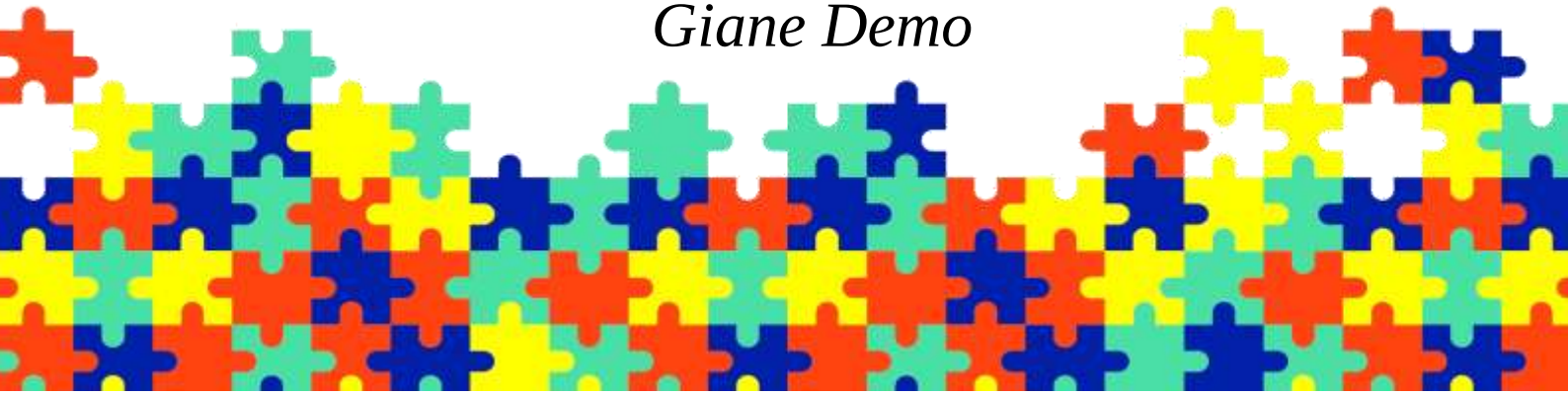


This study addresses the challenges and strategies for welcoming students with Level 3 Autism Spectrum Disorder (ASD) in regular school settings, focusing on pedagogical and neuropsychopedagogical intervention methods, programs, and techniques. Including Level 3 ASD students represents a complex challenge for educators, families, and specialized professionals due to limitations in verbal communication, specific sensory behaviors, and difficulties in socialization. The research is grounded in theoretical and practical analyses based on national and international literature, including guidelines from the American Psychiatric Association (2014), studies by Kasari et al. (2013), and documented experiences by Bezerra (2021) and Araújo et al. (2022), which highlight the need for curriculum adaptation and individualized strategies. The study emphasizes that effective inclusion requires planning inclusive pedagogical activities, utilizing visual and technological resources, and providing ongoing training for teachers and educational assistants. Teaching strategies based on structured programs, such as the use of educational portfolios and predictable routines, have shown effectiveness in promoting autonomy, socialization, and engagement among Level 3 ASD students. Additionally, integrating playful practices, as reported by Mendes (2015) and Ischkanian (2025), is essential to stimulate emotional expression and meaningful learning, respecting students' sensory and cognitive particularities. The analysis of responses from teachers, coordinators, family members, and therapeutic professionals revealed recurring patterns: the need for adapted communication, constant support to manage behavioral crises, curriculum personalization, and encouragement of social participation. These practices are supported by studies from Kasari & Smith (2013) and Souza et al. (2022), which emphasize the effectiveness of structured, student-centered, and evidence-based interventions. Active listening and family involvement are identified as key elements for successful inclusion, allowing schools to understand and appropriately respond to students' needs. This work positively contributes to the development of practical guidelines for regular schools, supporting continuous professional development for teachers and education professionals and expanding scientific knowledge about neuropsychopedagogical intervention methods, programs, and techniques. By fostering a welcoming, structured, and sensitive environment for Level 3 ASD students, the study aims to ensure students' well-being, autonomy, and socialization, reinforcing the commitment to inclusive education.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; school inclusion; pedagogical strategies; neuropsychopedagogy; intervention methods; regular education.

DESAFÍOS Y ESTRATEGIAS PARA LA INCLUSIÓN DE ESTUDIANTES CON AUTISMO NIVEL 3 EN EL ENTORNO ESCOLAR REGULAR: MÉTODOS, PROGRAMAS Y TÉCNICAS.

Giane Demo



El presente estudio aborda los desafíos y estrategias para la inclusión de estudiantes con Trastorno del Espectro Autista (TEA) nivel 3 en el entorno escolar regular, enfocándose en métodos, programas y técnicas de intervención pedagógica y neuropsicopedagógica. La inclusión de estudiantes con TEA nivel 3 representa un desafío complejo para educadores, familiares y profesionales especializados, debido a las limitaciones en la comunicación verbal, comportamientos sensoriales específicos y dificultades en la socialización. La investigación se fundamenta en análisis teóricos y prácticos basados en la literatura nacional e internacional, incluyendo directrices de la American Psychiatric Association (2014), estudios de Kasari et al. (2013) y experiencias documentadas por Bezerra (2021) y Araújo et al. (2022), que evidencian la necesidad de adaptar el currículo y aplicar estrategias individualizadas. El estudio resalta que una inclusión efectiva requiere la planificación de actividades pedagógicas inclusivas, la utilización de recursos visuales y tecnológicos, y la formación continua de docentes y asistentes educativos. Las estrategias de enseñanza basadas en programas estructurados, como el uso de portafolios educativos y rutinas previsibles, han demostrado eficacia en la promoción de la autonomía, la socialización y el compromiso de los estudiantes con TEA nivel 3. Además, la integración de prácticas lúdicas, como señalan Mendes (2015) e Ischkanian (2025), es esencial para estimular la expresión emocional y el aprendizaje significativo, respetando las particularidades sensoriales y cognitivas de los alumnos. El análisis de las respuestas de profesores, coordinadores, familiares y profesionales terapéuticos reveló patrones recurrentes: la necesidad de comunicación adaptada, apoyo constante para manejar crisis conductuales, personalización del currículo e incentivo a la participación social. Estas prácticas se respaldan en estudios de Kasari & Smith (2013) y Souza et al. (2022), que destacan la eficacia de intervenciones estructuradas, centradas en el estudiante y basadas en evidencia científica. La escucha activa y la participación familiar son señaladas como elementos clave para el éxito de la inclusión, permitiendo que la escuela comprenda y responda adecuadamente a las necesidades del estudiante. Este trabajo contribuye de manera positiva al desarrollo de directrices prácticas para escuelas regulares, apoyando la formación continua de docentes y profesionales de la educación y ampliando el conocimiento científico sobre métodos, programas y técnicas de intervención neuropsicopedagógica. Al promover un entorno acogedor, estructurado y sensible a las especificidades del estudiante con TEA nivel 3, se busca garantizar el bienestar, la autonomía y la socialización de los alumnos, reforzando el compromiso con la educación inclusiva.

Palabras clave: Trastorno del Espectro Autista; inclusión escolar; estrategias pedagógicas; neuropsicopedagogía; métodos de intervención; educación regular.

1. INTRODUÇÃO

O acolhimento de estudantes autistas de nível 3 no ensino regular é desafiador, exigindo estratégias como a adaptação do ambiente físico e de rotinas, uso de apoios visuais claros (como quadros de rotina) e foco na comunicação direta e objetiva. É fundamental também o apoio individualizado, o treinamento da equipe escolar, a parceria com as famílias e a promoção de atividades lúdicas adaptadas aos interesses e habilidades do aluno. Neste contexto, destaca-se que os enfoques pedagógicos e metodológicos deste artigo foram desenvolvidos na Clínica Integrada de Intervenção Interdisciplinar LTDA, ROD SC 443, nº 835, Centro – CEP: 88.717-000, Sangão – SC, onde foi possível desenvolver diversos estudos em prol do tema "*Desafios e Estratégias para o Acolhimento de Estudantes Autista Nível 3 no Ambiente Escolar Regular: Métodos, Programas e Técnicas"***.** Durante esse processo, foram coletados, analisados, selecionados e projetados materiais específicos para o acolhimento desses estudantes, destacando-se métodos, programas e técnicas eficazes no contexto escolar.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica que se manifesta de maneira única em cada indivíduo, razão pela qual o termo "espectro" é utilizado. Bernier, Dawson e Nigg (2021) enfatizam que, se você conheceu uma criança com autismo, conheceu apenas uma criança com autismo, evidenciando a diversidade de manifestações clínicas dentro do diagnóstico. Cada estudante apresenta déficits sociais e comunicacionais, mas com variações significativas em termos de habilidades e desafios, o que requer abordagens individualizadas e flexíveis.

A inclusão de estudantes com TEA nível 3 no ensino regular enfrenta desafios complexos relacionados à socialização Ischkanian (2024). Muitos alunos apresentam isolamento durante atividades em grupo, dificuldade em compreender regras sociais

implícitas e relutância em participar de dinâmicas de sala de aula Machado (2019) e Matos (2022). Estes fatores impactam diretamente o engajamento e a aprendizagem, exigindo que docentes estejam preparados para criar oportunidades de interação estruturada.

A comunicação constitui outro desafio central. Estudantes com TEA nível 3 frequentemente necessitam de suporte substancial para interações sociais, podendo apresentar pouca ou nenhuma comunicação verbal Bernier, Dawson e Nigg (2021) Estratégias que utilizam recursos visuais, linguagem objetiva e direta, além de atenção aos sinais não verbais, são essenciais para promover compreensão e participação efetiva.

A adaptação a mudanças na rotina e eventos inesperados é um ponto crítico, pois esses estudantes tendem a apresentar ansiedade e comportamentos desafiadores frente a situações imprevisíveis Bernier, Dawson e Nigg (2021). A previsibilidade por meio de rotinas claras e consistentes, associada ao uso de quadros de rotina visuais, contribui para reduzir o estresse e organizar o ambiente escolar.

Comportamentos repetitivos e interesses restritos também precisam ser considerados Machado (2019) e Matos (2022). É fundamental que as estratégias pedagógicas integrem os interesses especiais dos alunos (hiperfocos) nas atividades, garantindo engajamento sem comprometer os objetivos de aprendizagem.

A sobrecarga sensorial é outro desafio a ser gerenciado. Estímulos excessivos ou inadequados podem interferir no aprendizado, tornando necessária a organização do espaço físico de forma previsível e minimizando ruídos e estímulos visuais desnecessários.

O preconceito e o estigma ainda são barreiras significativas para a inclusão efetiva Machado (2019) e Matos (2022). Falta de conhecimento e atitudes negativas podem levar à exclusão social e bullying. A sensibilização da equipe escolar, colegas e familiares é essencial para promover um ambiente acolhedor e seguro.

Entre as estratégias de ensino eficazes estão a utilização de materiais adaptados sem alteração do conteúdo, atividades lúdicas estruturadas, apoio visual constante e integração de tecnologias assistivas. O engajamento dos alunos aumenta quando seus interesses e habilidades são considerados no planejamento pedagógico.

O apoio individualizado, como acompanhamento terapêutico ou mediador escolar, é imprescindível Machado (2019) e Matos (2022). A colaboração entre pais, professores e profissionais especializados deve ser constante para monitorar progressos, ajustar estratégias e garantir consistência nas intervenções.

A elaboração de um Plano de Ensino Individualizado (PEI), centrado nas necessidades específicas, pontos fortes e dificuldades do aluno, é uma estratégia pedagógica essencial para garantir a inclusão escolar efetiva. O PEI constitui um documento norteador

que organiza, de forma sistemática e colaborativa, os objetivos educacionais, as adaptações curriculares, os recursos pedagógicos e tecnológicos necessários, bem como as estratégias de ensino e avaliação mais adequadas ao perfil do estudante (Paulo et al., 2010). Essa ferramenta permite que a equipe escolar desenvolva práticas intencionais e coerentes, evitando improvisações e garantindo continuidade no processo de aprendizagem. De acordo com o Portal eduCAPES, a estruturação de um PEI deve envolver uma análise detalhada das habilidades comunicativas, cognitivas, sensoriais e socioemocionais do aluno, para que os objetivos sejam realistas, mensuráveis e ajustáveis ao longo do tempo.

Como destacam Machado (2019) e Matos (2022), o PEI não se limita a adaptar conteúdos, mas busca promover o acesso equitativo ao currículo, respeitando o ritmo e as formas de aprendizagem de cada estudante. Isso implica, por exemplo, a utilização de rotinas estruturadas, apoios visuais personalizados, estratégias lúdicas, tecnologias assistivas e métodos de ensino alternativos, como instruções passo a passo ou sistemas de comunicação aumentativa e alternativa (CAA), que favorecem a compreensão e a participação do aluno nas atividades escolares.

A participação de professores, coordenadores pedagógicos, profissionais de apoio, terapeutas e familiares é imprescindível para garantir uma visão ampla e integrada do estudante (Machado, 2019; Matos, 2022). Essa parceria fortalece a comunicação entre escola e família, possibilitando o acompanhamento contínuo dos avanços e desafios, além de permitir ajustes pedagógicos em tempo oportuno. O envolvimento da família é especialmente relevante para alinhar práticas escolares e domésticas, reforçando aprendizagens e criando uma rede de apoio sólida.

O PEI deve ser entendido como um instrumento dinâmico, sujeito a revisões periódicas conforme a evolução do estudante (Minayo & Guerriero, 2014) Avaliações formativas, observações cotidianas e registros sistemáticos fornecem subsídios para adaptar objetivos e estratégias, garantindo que o ensino seja responsivo e significativo. Dessa forma, o PEI torna-se não apenas um documento burocrático, mas uma ferramenta pedagógica viva, capaz de orientar intervenções intencionais, fortalecer a autonomia e potencializar o desenvolvimento global de estudantes com Transtorno do Espectro Autista nível 3 no contexto escolar regular

A escuta ativa constitui um dos pilares fundamentais para a efetivação da inclusão escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nível 3, pois permite à escola captar, de maneira sensível e detalhada, as singularidades de cada aluno. Segundo Pietrszak (2006), compreender as especificidades individuais é um passo essencial para planejar intervenções coerentes com as necessidades cognitivas, comunicativas e

socioemocionais de crianças autistas. A autora destaca que a relação entre a escola e a família deve ser pautada por uma comunicação aberta, empática e constante, possibilitando o compartilhamento de informações relevantes sobre comportamentos, preferências e dificuldades que influenciam diretamente o processo educativo.

A escuta ativa favorece um planejamento pedagógico mais responsivo, capaz de integrar diferentes perspectivas — pedagógica, terapêutica e familiar — em prol do desenvolvimento integral do estudante. De acordo com Facion (2006), quando a escola se abre para ouvir atentamente os familiares, profissionais de saúde e os próprios alunos (de acordo com suas possibilidades de comunicação), cria-se um espaço de corresponsabilidade, no qual decisões pedagógicas são tomadas de forma colaborativa, fundamentadas em evidências e em experiências reais.

A participação ativa da família também desempenha um papel estratégico no sucesso das práticas inclusivas. Quivy e Campenhoudt (2008) ressaltam que, em processos educativos complexos como a inclusão de estudantes com TEA nível 3, é imprescindível que haja uma construção coletiva de saberes. As famílias possuem conhecimentos práticos e afetivos que complementam a visão técnica da escola, oferecendo dados fundamentais sobre rotinas, sensibilidades sensoriais, estratégias que funcionam em casa e formas de comunicação mais eficazes para cada criança.

Essa aproximação entre escola e família não deve se limitar a reuniões esporádicas, mas se consolidar como um processo contínuo de diálogo e cooperação. Pietrszak (2006) enfatiza que as famílias, ao se sentirem ouvidas e acolhidas, tornam-se parceiras ativas na implementação de estratégias pedagógicas e comportamentais, contribuindo para a consistência entre o ambiente escolar e o doméstico. Essa coerência de práticas potencializa o aprendizado e reduz comportamentos desafiadores, uma vez que o aluno passa a experimentar maior previsibilidade e segurança nos diferentes contextos que frequenta.

Na escuta ativa e a participação familiar fortalecem o vínculo entre escola e comunidade, favorecendo a construção de uma cultura inclusiva. Segundo Quivy e Campenhoudt (2008), práticas pedagógicas que valorizam o diálogo não apenas ampliam o repertório de estratégias disponíveis para os educadores, como também estimulam a corresponsabilidade dos diversos atores envolvidos no processo educativo. Isso é particularmente importante no caso de alunos com TEA nível 3, que demandam planejamento específico, formação continuada dos profissionais e metodologias baseadas em evidências.

O acolhimento efetivo de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nível 3 ultrapassa, de forma significativa, a noção de mera presença física na sala de aula

regular. Não se trata apenas de inserir o aluno em um espaço educacional comum, mas de criar condições reais para sua participação ativa e aprendizagem significativa Ischkanian (2024). Para que isso ocorra, é indispensável um planejamento pedagógico minucioso, construído de maneira intencional e fundamentada nas necessidades específicas de cada estudante. Esse planejamento deve contemplar adaptações curriculares, definição de objetivos pedagógicos individualizados, uso de metodologias diversificadas e previsão de recursos de apoio, assegurando que o aluno possa interagir com o conteúdo e com os colegas de maneira acessível e funcional.

A atuação dos docentes desempenha um papel central nesse processo Ischkanian (2024). A sensibilidade pedagógica se manifesta na capacidade dos professores de reconhecer sinais comportamentais sutis, interpretar formas alternativas de comunicação e ajustar práticas em tempo real para responder às demandas do aluno. Essa postura exige uma escuta atenta e uma compreensão profunda da singularidade de cada estudante, como destacam Pietrszak (2006) e Facion (2006), o que implica superar modelos pedagógicos rígidos e adotar uma perspectiva inclusiva, centrada no aluno e em seu potencial de desenvolvimento.

O acolhimento efetivo requer estratégias pedagógicas estruturadas e, ao mesmo tempo, flexíveis Ischkanian (2024). Estruturadas, porque alunos com TEA nível 3 beneficiam-se de rotinas previsíveis, regras claras e suportes visuais bem definidos, que oferecem segurança e reduzem a ansiedade diante de mudanças inesperadas. Flexíveis, porque a realidade escolar é dinâmica e demanda ajustes constantes para lidar com situações emergentes, crises comportamentais ou novas descobertas sobre os modos de aprendizagem de cada estudante. Facion (2006) enfatiza que a qualidade da resposta pedagógica está diretamente ligada à capacidade da escola de articular essas duas dimensões de modo equilibrado e responsivo.

A construção dessa rede se baseia na escuta ativa e no diálogo contínuo, reconhecendo que a inclusão é uma responsabilidade compartilhada e não uma tarefa isolada de um único profissional. Quivy e Campenhoudt (2008) argumentam que o envolvimento coletivo possibilita uma visão mais ampla e integrada do aluno, ampliando as possibilidades de intervenção e fortalecendo o suporte educacional e socioemocional oferecido.

Estudos recentes têm aprofundado as discussões sobre intervenções escolares direcionadas a alunos com TEA que apresentam limitações significativas na linguagem e comunicação. Kasari et al. (2013) ressaltam a importância de avaliações detalhadas e contínuas para crianças em idade escolar com pouca ou nenhuma verbalização, a fim de adequar estratégias de comunicação alternativa e ampliar as possibilidades de interação.

Intervenções pedagógicas planejadas, com base em evidências científicas, mostram-se fundamentais para promover avanços acadêmicos e sociais.

A literatura internacional também aponta que métodos de ensino estruturados e individualizados, aliados ao uso de recursos visuais e tecnológicos, podem favorecer a autonomia e a socialização desses estudantes. Kasari e Smith (2013) destacam que intervenções realizadas no ambiente escolar, quando bem articuladas, apresentam resultados significativos na adaptação comportamental e no engajamento do aluno, desde que sejam contínuas, personalizadas e conduzidas por uma equipe capacitada.

2. DESENVOLVIMENTO

No Brasil, estudos contemporâneos têm desempenhado um papel significativo na consolidação de práticas pedagógicas inclusivas voltadas para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nível 3, contribuindo para a construção de ambientes escolares mais responsivos, estruturados e humanizados. Ischkanian (2023), em seu projeto "Autismo e Educação", destaca a importância de um trabalho pedagógico integrado e contínuo, no qual todos os profissionais da escola — professores, mediadores, gestores e equipe de apoio — atuem de maneira colaborativa, planejada e intencional. A autora ressalta que a eficácia das estratégias inclusivas não depende apenas da adoção de métodos isolados, mas da articulação coerente entre diferentes intervenções pedagógicas, neuropsicopedagógicas e terapêuticas, sempre fundamentadas em diagnósticos precisos e na observação sistemática do desenvolvimento individual do aluno.

Um dos principais desafios enfrentados pelas escolas regulares é superar práticas fragmentadas e improvisadas, que muitas vezes resultam em intervenções inconsistentes ou pouco alinhadas às reais necessidades dos estudantes. Nesse sentido, o planejamento colaborativo desponta como uma ferramenta estratégica essencial. Ele permite que os profissionais compartilhem informações, definam metas comuns, estabeleçam indicadores de progresso e ajustem continuamente suas práticas com base em dados concretos. Essa abordagem dialoga com os princípios da educação inclusiva, que defendem a construção coletiva de saberes e a corresponsabilidade entre diferentes atores escolares, indo além da ação isolada do professor em sala de aula.

A escuta ativa das famílias, conforme salientado por Ischkanian (2023), também se configura como um elemento estruturante para o sucesso do acolhimento. As famílias possuem um conhecimento aprofundado sobre os modos de comunicação, preferências sensoriais, gatilhos emocionais e formas de interação dos estudantes com TEA nível 3. Ao serem incluídas no processo pedagógico, por meio de reuniões regulares, planos

individualizados construídos em conjunto e canais abertos de diálogo, elas fornecem informações fundamentais para a personalização das estratégias educacionais. Além disso, esse envolvimento fortalece o vínculo entre escola e comunidade, promovendo uma rede de apoio mais sólida e eficaz.

Entre as estratégias pedagógicas destacam-se o uso sistemático de recursos visuais, a estruturação clara das rotinas diárias e a adaptação cuidadosa do ambiente físico, reduzindo estímulos sensoriais excessivos e prevenindo crises comportamentais. Tais práticas, quando aplicadas de forma consistente, ajudam os alunos a compreender melhor o que se espera deles, favorecendo a previsibilidade e o senso de segurança — fatores essenciais para estudantes com TEA nível 3, que costumam apresentar dificuldades em lidar com mudanças inesperadas e ambientes caóticos. O uso de quadros de rotina, pictogramas, sinalizações visuais e suportes tecnológicos (como tablets ou softwares específicos de comunicação alternativa) são exemplos de recursos amplamente utilizados nesse contexto.

Programas estruturados de ensino, como o uso de Portfólios Educacionais, também têm se mostrado eficazes para organizar metas pedagógicas individualizadas e documentar avanços ao longo do tempo (Ischkanian, 2024). Esse tipo de ferramenta permite que a equipe escolar acompanhe de forma detalhada o progresso acadêmico, social e comunicativo do estudante, ajustando as intervenções conforme necessário. A combinação de métodos visuais e lúdicos — com jogos, histórias sociais e atividades sensoriais adaptadas — potencializa o engajamento e torna o aprendizado mais significativo.

A realidade educacional brasileira ainda apresenta lacunas significativas na preparação docente para lidar com as especificidades do TEA nível 3. Muitas vezes, professores enfrentam situações complexas sem formação adequada ou suporte institucional, o que pode gerar sentimentos de insegurança e práticas pouco efetivas. Investir em capacitações regulares, fundamentadas em evidências científicas e conduzidas por especialistas, possibilita que os educadores desenvolvam competências técnicas e atitudinais necessárias para planejar e executar estratégias inclusivas com segurança e criatividade.

É importante destacar que o acolhimento de estudantes com TEA nível 3 deve ser concebido como um processo contínuo, dinâmico e flexível. Ele não se resume a intervenções pontuais ou a adaptações iniciais no momento da matrícula, mas envolve acompanhamento constante, reavaliações periódicas, trocas entre profissionais e atualização das práticas pedagógicas à medida que o aluno evolui. Como argumentam Kasari et al. (2013) e Kasari e Smith (2013), intervenções bem-sucedidas no ambiente escolar exigem consistência, personalização e integração entre diferentes áreas do conhecimento, assegurando que os estudantes recebam um suporte abrangente e eficaz.

De forma complementar, Ischkanian (2024) apresenta uma análise detalhada sobre práticas de alfabetização para estudantes com TEA, destacando que o uso de métodos visuais, rotinas previsíveis e adaptações de linguagem podem potencializar o processo de aprendizagem. O estudo evidencia que a personalização do ensino e a clareza comunicativa são fatores determinantes para que esses alunos avancem academicamente em contextos inclusivos.

A integração entre escuta ativa, participação familiar e práticas pedagógicas intencionais transforma o ambiente escolar em um espaço acolhedor, previsível e significativo Ischkanian (2024). Quando a escola valoriza a contribuição das famílias, promove espaços de troca sistemática de informações e implementa práticas baseadas em evidências, cria condições para que o estudante com TEA nível 3 se sinta pertencente e compreendido. Essa sensação de pertencimento é determinante para o desenvolvimento da autonomia, do engajamento e do progresso acadêmico e social dos alunos, além de fortalecer a cultura institucional de respeito à diversidade.

2.1. METODOLOGIA DA PESQUISA PARA DELINEAMENTO DO ARTIGO

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa de natureza bibliográfica e documental, com foco na análise interpretativa dos discursos científicos sobre os desafios e estratégias para o acolhimento de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nível 3 no ambiente escolar regular. A escolha por essa abordagem justifica-se pela necessidade de compreender significados, sentidos e processos relacionados às práticas pedagógicas inclusivas, indo além da simples mensuração de dados quantitativos. Conforme ressalta Creswell (2021), os métodos qualitativos possibilitam uma investigação profunda de fenômenos sociais e educacionais, permitindo ao pesquisador interpretar contextos complexos e dinâmicos. Essa perspectiva é fundamental para analisar como métodos, programas e técnicas são aplicados na inclusão de alunos com TEA nível 3, respeitando as singularidades e especificidades do ambiente escolar.

Gil (2018) acrescenta que a pesquisa qualitativa, quando aplicada ao campo da educação, favorece uma compreensão mais ampla das práticas e dos discursos produzidos na área, permitindo identificar padrões, contradições e lacunas que precisam ser enfrentadas. A investigação bibliográfica, neste contexto, representa um caminho metodológico essencial para sistematizar o conhecimento existente e fundamentar teoricamente propostas pedagógicas. Por essa razão, a pesquisa baseia-se no exame rigoroso de obras publicadas, como artigos científicos, dissertações, livros e documentos eletrônicos, possibilitando uma leitura crítica do estado da arte sobre a temática abordada.

Lüdke e André (1986) destacam a importância de utilizar diferentes técnicas de coleta de dados em pesquisas qualitativas, como a análise documental, entrevistas e observações, a fim de enriquecer a interpretação dos fenômenos estudados. Embora este artigo não envolva coleta de dados de campo, a análise documental desempenha um papel central ao possibilitar o acesso a informações produzidas em contextos diversos e a experiências relatadas por pesquisadores, professores e instituições. A pesquisa bibliográfica e documental se complementam, oferecendo uma base teórica sólida para a reflexão sobre estratégias pedagógicas eficazes para a inclusão de estudantes com TEA nível 3.

Marconi e Lakatos (2021) afirmam que a pesquisa bibliográfica se caracteriza por reunir, sistematizar e analisar a produção científica existente sobre determinado tema, com o objetivo de compreender seu desenvolvimento histórico e identificar contribuições teóricas relevantes. Esse tipo de investigação permite que o pesquisador estabeleça conexões entre diferentes abordagens e teorias, contribuindo para o avanço do conhecimento na área estudada. No caso deste artigo, a bibliografia selecionada foi essencial para mapear práticas pedagógicas e programas educacionais voltados ao acolhimento de alunos com TEA nível 3.

Na mesma linha, Marconi e Lakatos (2022) ressaltam que a metodologia científica exige rigor na seleção das fontes, no tratamento das informações e na análise dos dados obtidos. Foram adotados critérios claros de inclusão das obras: atualidade das publicações, pertinência temática e consistência metodológica. Essa estratégia buscou garantir que os dados analisados tivessem relevância acadêmica e contribuíssem de maneira significativa para a discussão proposta.

Vergara (2014) observa que a pesquisa bibliográfica permite construir um referencial teórico robusto, capaz de sustentar a análise de fenômenos complexos. Com base nesse entendimento, este estudo organizou o processo metodológico em etapas bem definidas, que envolveram desde a coleta e triagem dos materiais até a análise categorial dos dados. Richardson (1999) complementa que a pesquisa qualitativa demanda um olhar atento e interpretativo, pois seu foco está em compreender os significados subjacentes aos textos e não apenas em descrever informações.

Severino (2016) salienta que a pesquisa documental amplia o alcance da investigação ao incorporar fontes primárias e secundárias de diferentes naturezas, como documentos institucionais, relatórios, legislações e publicações acadêmicas. Neste trabalho, foram consultadas bases digitais e científicas como CAPES, Scopus, Web of Science, SciELO, Academia Edu e Google Acadêmico, que forneceram materiais essenciais para o desenvolvimento da análise. A diversidade de fontes contribuiu para uma visão mais

abrangente do fenômeno investigado, respeitando diferentes perspectivas teóricas e contextuais.

Lakatos e Marconi (2010) reforçam que a etapa de coleta de dados deve iniciar com a definição clara de palavras-chave e descritores, que orientarão o levantamento das obras mais relevantes. Assim, foram selecionados termos como "Transtorno do Espectro Autista nível 3", "inclusão escolar", "estratégias pedagógicas", "métodos e programas educacionais" e "intervenções neuropsicopedagógicas". Esse processo possibilitou mapear um conjunto de estudos representativos que abordam a temática sob diferentes prismas, permitindo um olhar interdisciplinar e aprofundado.

Quivy e Campenhoudt (2008) defendem que a análise científica deve ser conduzida com rigor metodológico, garantindo coerência entre objetivos, métodos e interpretação dos resultados. Com base nessa orientação, após a seleção inicial, procedeu-se à leitura exploratória dos títulos, resumos e palavras-chave, filtrando os textos de acordo com sua aderência aos objetivos da pesquisa. Em seguida, os artigos selecionados passaram por uma leitura analítica detalhada, com o intuito de identificar elementos comuns, divergências e contribuições específicas.

Sousa, Oliveira e Alves (2021) ressaltam a importância da sistematização criteriosa das informações durante a análise, evitando contradições ou interpretações equivocadas. Para isso, foram adotadas categorias temáticas relacionadas aos principais eixos do estudo: desafios estruturais e pedagógicos no acolhimento escolar; métodos e programas educacionais voltados ao TEA nível 3; estratégias de comunicação e apoio individualizado; e práticas colaborativas entre escola, família e equipe interdisciplinar. Essa categorização temática possibilitou um cruzamento sistemático dos achados, revelando padrões recorrentes e tensões conceituais entre as diferentes produções analisadas.

Gil (2008) argumenta que o uso da categorização na análise qualitativa é uma ferramenta essencial para organizar dados complexos e transformar informações dispersas em conhecimento estruturado. A partir dessa estratégia, foi possível identificar recorrências entre os estudos e compreender como diferentes abordagens teóricas e práticas convergem para promover uma educação mais inclusiva e eficiente. Lakatos e Marconi (2017) complementam que o cruzamento entre categorias teóricas e dados documentais fortalece a consistência analítica, permitindo conclusões mais robustas e fundamentadas.

American Psychiatric Association (2014) – A definição clínica e os critérios diagnósticos do TEA apresentados no DSM-5 oferecem a base conceitual necessária para compreender as especificidades dos estudantes com autismo nível 3 no contexto escolar.

Araújo, Araújo e Trento (2022) – A análise das experiências familiares contribui para compreender como o acolhimento escolar impacta diretamente a inclusão e o desenvolvimento de crianças autistas.

Bernier, Dawson e Nigg (2021) – A discussão científica sobre as evidências do TEA fundamenta práticas pedagógicas mais embasadas e eficazes para o acolhimento educacional.

Bezerra (2021) – O relato de experiência em escola pública oferece um olhar prático sobre os desafios cotidianos da inclusão de estudantes com autismo nível 3.

Bezerra et al. (2021) – A investigação sobre inclusão escolar destaca a importância da adaptação de estratégias pedagógicas para garantir a participação efetiva de crianças autistas.

Brasil (2001) – A Resolução CNE/CEB nº 2 de 2001 estabelece diretrizes que orientam políticas inclusivas e reforçam o direito à educação para alunos com deficiência.

Brasil (2008) – A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva constitui um marco para a implementação de estratégias estruturadas de acolhimento no ensino regular.

Brasil (1996) – A LDB fornece o arcabouço legal que assegura o acesso e a permanência de alunos com necessidades educacionais específicas nas escolas regulares.

Brunoni (2011) – A abordagem genética amplia a compreensão sobre os aspectos biológicos do TEA, essenciais para planejar intervenções pedagógicas mais adequadas.

Camargo e Rispoli (2013) – A análise do comportamento aplicada (ABA) é apresentada como um método eficaz de intervenção para promover aprendizagem e autonomia no ambiente escolar.

Cabral (2025) – A valorização do pensamento crítico contribui para a formação docente reflexiva e para a criação de práticas pedagógicas inovadoras na inclusão.

Creswell (2021) – A abordagem metodológica qualitativa proposta por Creswell sustenta a escolha de métodos interpretativos para analisar práticas inclusivas na escola.

Demo et al. (2025) – O estudo sobre estratégias pedagógicas inclusivas contribui com práticas adaptáveis que podem ser transferidas ao contexto dos alunos com TEA nível 3.

Freire (1996) – A perspectiva freireana fundamenta a importância da escuta sensível, do diálogo e da autonomia no processo educativo inclusivo.

Gaiato e Teixeira (2018) – As orientações práticas para lidar com comportamentos desafiadores são diretamente aplicáveis ao cotidiano escolar de alunos com autismo severo.

Gaiato (2018) – A obra oferece subsídios para a compreensão ampla do espectro autista e para o planejamento pedagógico intencional.

Gasparotto e Menegassi (2016) – A pesquisa colaborativa é destacada como estratégia formativa para fortalecer práticas docentes inclusivas.

Gil (2018) – As diretrizes metodológicas de pesquisa ajudam a estruturar a análise científica sobre as estratégias pedagógicas para alunos com TEA.

Gil (2008) – A categorização e sistematização teórica defendidas por Gil orientam a organização dos dados da pesquisa sobre inclusão.

Girianelli et al. (2023) – A importância do diagnóstico precoce é relacionada à criação de programas educacionais individualizados mais eficazes.

Gomes (2007) – O ensino de habilidades acadêmicas para alunos autistas é explorado como uma estratégia de adaptação curricular.

Guedes e Tada (2015) – A produção científica nacional sobre autismo é contextualizada para embasar práticas educacionais inclusivas no Brasil.

Ischkanian e Ischkanian (2022) – O uso de portfólios educacionais é apresentado como ferramenta facilitadora no processo de aprendizagem de crianças com autismo.

Ischkanian (2020) – Os métodos e programas educacionais discutidos fornecem subsídios concretos para o acolhimento de alunos com TEA nível 3.

Ischkanian et al. (2024) – A análise sobre os desafios da inclusão escolar evidencia caminhos pedagógicos contemporâneos para práticas mais eficazes.

Ischkanian (2025) – As brincadeiras e jogos são abordados como estratégias pedagógicas essenciais para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais.

Ischkanian (2023) – A atuação docente é destacada como elemento central para o sucesso das práticas inclusivas no cotidiano escolar.

Ischkanian et al. (2025) – A abordagem neuropsicopedagógica contribui para entender os processos de aprendizagem e inclusão de estudantes com diferentes perfis.

Ischkanian (2024) – A análise sobre alfabetização no TEA apresenta elementos fundamentais para adaptar métodos de ensino à realidade desses alunos.

Ischkanian (2023) – O projeto “Autismo e Educação” enfatiza a importância de ações articuladas entre escola e família no acolhimento de estudantes com TEA.

Kasari et al. (2013) – A avaliação de crianças minimamente verbais fornece parâmetros para intervenções educacionais individualizadas.

Kasari e Smith (2013) – As recomendações de intervenção em escolas orientam práticas pedagógicas baseadas em evidências.

Lakatos e Marconi (2017) – A metodologia científica apresentada sustenta o rigor analítico adotado na pesquisa sobre inclusão.

Lakatos e Marconi (2010) – As técnicas de pesquisa orientam a coleta e análise de dados bibliográficos para fundamentar teoricamente o estudo.

Lüdke e André (1986) – A análise documental e qualitativa reforça a escolha de métodos adequados para investigar práticas inclusivas.

Marconi e Lakatos (2022) – A metodologia científica atualizada orienta a organização do referencial teórico sobre estratégias inclusivas.

Marconi e Lakatos (2021) – As técnicas de pesquisa são aplicadas para sistematizar a literatura sobre métodos e programas educacionais voltados ao TEA.

Machado (2019) – A importância da rotina na educação básica é diretamente relacionada à criação de ambientes previsíveis para alunos autistas.

Matos (2022) – A discussão sobre diversidade e práticas inclusivas amplia a compreensão sobre acolhimento escolar efetivo.

Minayo e Guerriero (2014) – A reflexividade metodológica contribui para a análise crítica das práticas escolares voltadas à inclusão.

Paulo et al. (2010) – A produção científica em educação apoia a construção de estratégias pedagógicas fundamentadas.

Pietrszak e Facion (2006) – A integração entre família, escola e comunidade é destacada como fundamental para o acolhimento de estudantes com TEA.

Quivy e Campenhoudt (2008) – A análise científica rigorosa sustenta a coerência metodológica da pesquisa sobre inclusão escolar.

Richardson (1999) – Os métodos de análise qualitativa contribuem para a interpretação crítica dos dados sobre práticas pedagógicas inclusivas.

Santos (2018) – A estatística descritiva pode auxiliar na organização e leitura dos dados levantados sobre práticas de acolhimento.

Severino (2016) – A metodologia do trabalho científico fundamenta a estrutura e organização da pesquisa.

Souza, Araújo e Barbosa (2022) – As revisões sistemáticas sobre ensino de habilidades sociais oferecem estratégias úteis para o acolhimento de alunos autistas.

Tozoni-Reis (2020) – O método materialista histórico-dialético contribui para a análise crítica das práticas educacionais inclusivas.

UNESCO (1994) – A Declaração de Salamanca estabelece princípios universais para a educação inclusiva, norteando políticas e práticas escolares.

Uzêda e Barbosa (2020) – A formação de professores é destacada como elemento chave para a efetividade das práticas inclusivas.

Uzêda (2019) – A obra contribui para a compreensão teórica e prática da educação inclusiva no contexto brasileiro.

Vergara (2014) – Os projetos de pesquisa oferecem base para organizar a investigação científica de maneira clara e consistente.

Volkmar e Wiesner (2018) – O guia essencial para compreensão do autismo fornece orientações clínicas aplicáveis ao ambiente educacional.

Volkmar e Wiesner (2019) – A avaliação diagnóstica detalhada apoia o planejamento de estratégias pedagógicas individualizadas.

WHO (2013) – O documento da OMS destaca a importância de políticas públicas e práticas escolares coordenadas para promover inclusão efetiva.

Yianni-Coudurier et al. (2008) – As características clínicas que influenciam a inclusão escolar são analisadas para orientar práticas adaptadas a diferentes perfis de alunos.

Essa metodologia permitiu construir uma narrativa analítica coesa, articulando contribuições teóricas, evidências empíricas e experiências práticas.

O enfoque qualitativo bibliográfico e documental foi fundamental para aprofundar a compreensão sobre métodos, programas e técnicas voltados ao acolhimento de estudantes com TEA nível 3 no contexto da escola regular. Essa perspectiva favorece a consolidação de práticas pedagógicas mais bem estruturadas, colaborativas e sensíveis às necessidades individuais dos estudantes, fortalecendo os princípios da educação inclusiva.

2.2. TEA NÍVEL 3: ADAPTAÇÃO PEDAGÓGICA INDIVIDUALIZADA E PLANEJAMENTO ESTRUTURADO

O acolhimento de estudantes com TEA nível 3 no ambiente escolar regular demanda um planejamento pedagógico minucioso, que considere o perfil específico de cada aluno. Cada estudante apresenta desafios únicos de comunicação, socialização e comportamento, tornando essencial a personalização das estratégias educativas (Cabral, 2025). A compreensão dessas singularidades permite organizar um plano pedagógico mais eficiente, promovendo autonomia e inclusão efetiva.

A elaboração de Planos de Ensino Individualizados (PEI) surge como ferramenta central para sistematizar ações pedagógicas, estabelecer metas claras e definir recursos necessários para o desenvolvimento do aluno (Creswell, 2021). O PEI oferece um roteiro de intervenção educacional que articula os objetivos do currículo regular às necessidades particulares do estudante com TEA nível 3.

A utilização de recursos visuais, como quadros de rotina, pictogramas e agendas visuais, contribui para reduzir a ansiedade e aumentar a previsibilidade do ambiente escolar (Demo et al., 2025). Tais recursos auxiliam na compreensão das atividades diárias e das expectativas do professor, fortalecendo o senso de segurança e organização do aluno.

Passo a passo adaptado dos "métodos, programas e técnicas educacionais para autistas" de Ischkanian (2020), de como proceder para promover a adaptação pedagógica individualizada e planejamento estruturado:

Conhecimento do aluno: Inicie coletando informações detalhadas sobre o estudante, considerando suas habilidades cognitivas, interesses, preferências sensoriais, dificuldades comportamentais e formas de comunicação. Conversas com a família, observações em sala e relatórios de profissionais de saúde ou terapeutas ajudam a compreender o perfil do aluno de forma completa.

Definição de objetivos claros: Estabeleça metas de aprendizagem realistas e específicas, que respeitem o ritmo do aluno e promovam habilidades acadêmicas, sociais e comportamentais. Os objetivos devem ser mensuráveis e passíveis de avaliação periódica, permitindo ajustes conforme o progresso observado.

Elaboração do Plano de Ensino Individualizado (PEI): Organize as informações coletadas em um PEI, que descreva: objetivos de curto e longo prazo, estratégias pedagógicas específicas, recursos necessários, adaptações curriculares e métodos de avaliação. O PEI deve servir como guia para toda a equipe escolar, garantindo coerência nas práticas pedagógicas.

Adaptação do ambiente físico: Prepare a sala de aula para reduzir sobrecargas sensoriais e facilitar a previsibilidade. Isso inclui organizar materiais de forma ordenada, minimizar estímulos visuais e sonoros, criar áreas de descanso ou refúgio e garantir que o espaço permita movimentos seguros e autonomia para o aluno.

Estruturação de rotinas e previsibilidade: Estabeleça uma rotina diária clara e consistente, utilizando recursos visuais como quadros de rotina, agendas e pictogramas. A previsibilidade ajuda o aluno a antecipar atividades, reduzindo a ansiedade e favorecendo o engajamento nas tarefas.

Adaptação de materiais e recursos pedagógicos: Ajuste materiais didáticos conforme as necessidades do estudante, sem alterar os objetivos do currículo. Isso pode incluir uso de cores, formatos, materiais táteis, tecnologias assistivas e softwares educativos. A adaptação garante acessibilidade e aprendizagem significativa.

Implementação de estratégias de comunicação: Utilize linguagem direta, objetiva e concreta, complementada por recursos visuais ou gestuais. Esteja atento a sinais não verbais

do aluno e promova canais alternativos de comunicação, como dispositivos ou cartões de comunicação, garantindo participação ativa em sala.

Integração de interesses específicos (hiperfocos): Sempre que possível, incorpore os interesses do aluno nas atividades pedagógicas. Isso aumenta a motivação, promove atenção sustentada e contribui para a aprendizagem significativa.

Formação e sensibilização da equipe escolar: Capacite professores, mediadores e auxiliares para compreenderem as características do TEA nível 3 e aplicarem estratégias pedagógicas adequadas. O treinamento contínuo permite manejo assertivo de comportamentos e respostas coerentes às necessidades do aluno.

Colaboração com família e profissionais externos: Mantenha comunicação constante com os pais e cuidadores, bem como com terapeutas e profissionais de saúde que acompanham o estudante. A troca de informações permite alinhar práticas escolares e domiciliares, garantindo consistência no ensino e suporte integral.

Implementação e monitoramento das estratégias: Coloque em prática as ações planejadas, observando continuamente como o aluno responde às atividades e adaptações. Registre comportamentos, engajamento e progresso acadêmico para ajustar intervenções quando necessário.

Avaliação contínua e ajustes do PEI: Revise periodicamente os objetivos, métodos e recursos previstos no PEI. Avalie se as estratégias estão atingindo os resultados desejados e faça modificações de acordo com a evolução do estudante, garantindo um ensino cada vez mais individualizado e eficaz.

Promoção de atividades lúdicas e sociais: Inclua atividades recreativas e jogos adaptados para estimular habilidades sociais, cognitivas e emocionais. A ludicidade facilita a integração do aluno no grupo, promove autonomia e fortalece vínculos com colegas e professores.

Documentação e reflexão pedagógica: Registre todas as ações, observações e resultados obtidos. Utilize esses registros para reflexão crítica, aprimoramento contínuo do planejamento e compartilhamento de práticas eficazes com a equipe escolar, fortalecendo a cultura de ensino inclusivo.

A adaptação de materiais pedagógicos também é uma estratégia imprescindível. Ajustar cores, formatos ou incluir elementos táteis e tecnológicos permite que o aluno com TEA nível 3 acesse o conteúdo de maneira significativa, sem alterar os objetivos de aprendizagem definidos pelo currículo (Freire, 1996). Esse cuidado valoriza a aprendizagem inclusiva e respeita o ritmo individual do estudante.

O conhecimento prévio do aluno é essencial para a personalização do ensino. A coleta de informações sobre interesses, habilidades cognitivas e sensibilidade sensorial possibilita a criação de atividades que engajem o estudante de forma motivadora (Gaiato e Teixeira, 2018). Integrar os interesses específicos, também chamados de hiperfocos, nas tarefas pedagógicas aumenta a atenção e facilita a aquisição de novas competências.

A formação da equipe escolar é um aspecto complementar. Professores, mediadores e auxiliares precisam ser capacitados para compreender as especificidades do TEA nível 3 e aplicar estratégias pedagógicas adequadas (Gaiato, 2018). A sensibilização da equipe possibilita um manejo mais assertivo das dificuldades comportamentais e de comunicação.

A organização do espaço físico deve seguir princípios de previsibilidade e acessibilidade. Minimizar estímulos visuais e sonoros, criar áreas de descanso e manter um ambiente ordenado contribuem para reduzir sobrecargas sensoriais, permitindo que o aluno se concentre nas atividades propostas (Gasparotto e Menegassi, 2016).

A observação sistemática do aluno constitui outra etapa crucial do planejamento pedagógico. Acompanhar respostas, comportamentos e evolução acadêmica possibilita ajustes contínuos no PEI e nas estratégias pedagógicas, tornando o ensino mais eficaz e centrado no estudante (Cabral, 2025).

O uso de tecnologias assistivas, como softwares educativos, tablets e aplicativos de comunicação alternativa, reforça o aprendizado e promove autonomia (Demo et al., 2025). Estas ferramentas possibilitam que o estudante participe ativamente das atividades, mesmo diante de limitações na comunicação verbal.

O envolvimento familiar fortalece o planejamento pedagógico individualizado. Pais e cuidadores fornecem informações essenciais sobre rotinas, preferências e sinais de desconforto, permitindo que o professor ajuste intervenções e atividades (Freire, 1996). Essa parceria garante a coerência entre o ambiente escolar e o doméstico.

A criação de rotinas estruturadas com horários previsíveis favorece o desenvolvimento de hábitos e reduz comportamentos de ansiedade ou estresse (Gaiato e Teixeira, 2018). A repetição de padrões de atividades permite que o aluno se antecipe às demandas escolares, promovendo maior independência.

O feedback constante sobre desempenho e participação é relevante para o engajamento do aluno. Reforços positivos, aliados à comunicação clara e objetiva, ajudam na aquisição de habilidades sociais e acadêmicas (Creswell, 2021). O retorno contínuo também permite ajustes imediatos no planejamento pedagógico.

A colaboração entre profissionais de diferentes áreas, como pedagogos, psicólogos e terapeutas ocupacionais, enriquece o processo educativo. Estratégias interdisciplinares

asseguram que o ensino seja adaptado às necessidades cognitivas, sensoriais e comportamentais do aluno (Gasparotto e Menegassi, 2016).

A avaliação periódica do PEI é essencial. Revisar objetivos, estratégias e recursos aplicados permite verificar a eficácia das intervenções e ajustar o planejamento conforme o progresso do estudante (Gaiato, 2018). Este ciclo contínuo de observação, análise e ação garante um acolhimento pedagógico verdadeiramente inclusivo.

2.3. TEA NÍVEL 3: FORMAÇÃO CONTINUADA E ATUAÇÃO COLABORATIVA DA EQUIPE ESCOLAR

O investimento na formação continuada de professores, mediadores e profissionais de apoio é fundamental para promover a inclusão efetiva de estudantes com TEA nível 3, considerando suas necessidades específicas, dificuldades de comunicação e comportamentos repetitivos. Segundo Brunoni (2011), compreender a base genética e neurodesenvolvimental do autismo é essencial para que os profissionais possam adaptar intervenções pedagógicas de maneira consistente e baseada em evidências, promovendo estratégias que respeitem o ritmo e as particularidades de cada aluno.

A formação continuada possibilita o desenvolvimento de habilidades práticas para estruturar rotinas previsíveis e adaptar materiais pedagógicos, incluindo o uso de tecnologias assistivas, que favorecem o aprendizado e a autonomia do aluno (Camargo & Rispoli, 2013). O domínio dessas técnicas permite que os docentes respondam de forma adequada a comportamentos desafiadores, reduzindo a ansiedade do estudante e promovendo um ambiente seguro e organizado.

A atuação colaborativa entre professores, equipe técnica, terapeutas e familiares fortalece a rede de apoio ao estudante, garantindo coerência nas estratégias aplicadas em diferentes contextos educacionais. Gomes (2007) destaca que a comunicação constante entre esses profissionais é crucial para ajustar rotinas, acompanhar progressos e identificar dificuldades de maneira precoce, permitindo intervenções mais precisas e eficazes.

Conforme Guedes e Tada (2015) enfatizam que equipes interdisciplinares bem formadas promovem uma visão mais integral do estudante, integrando saberes da psicologia, neuropsicopedagogia e educação. Essa abordagem permite que os desafios do TEA nível 3 sejam tratados de maneira ampla, articulando aspectos cognitivos, emocionais e sociais, o que resulta em intervenções mais significativas e contextualizadas ao cotidiano escolar.

O uso de portfólios educacionais como aponta Ischkanian e Ischkanian (2022), é uma estratégia eficaz para documentar o progresso do estudante e sistematizar a prática pedagógica. Esses portfólios permitem que todos os profissionais acompanhem as

conquistas e dificuldades, tornando o planejamento mais objetivo e alinhado às metas do Plano de Ensino Individualizado (PEI).

A formação continuada também capacita a equipe a lidar com crises comportamentais e situações inesperadas de forma estruturada. Brunoni (2011) reforça que o desenvolvimento de protocolos claros e a aplicação consistente de estratégias são determinantes para reduzir a imprevisibilidade e garantir um ambiente seguro, que promova aprendizado e engajamento do aluno.

Girianelli et al. (2023) destacam que a participação ativa da família é indispensável para o sucesso da inclusão. A colaboração entre pais e escola permite que as intervenções pedagógicas sejam ajustadas às necessidades do aluno, considerando hábitos, preferências e aspectos socioemocionais. Esse alinhamento fortalece a consistência das estratégias aplicadas em casa e na escola, consolidando aprendizagens e habilidades sociais.

Além da colaboração familiar, o trabalho conjunto entre docentes e terapeutas possibilita o planejamento de atividades adaptadas que respeitem os interesses do aluno e promovam engajamento. Gomes (2007) reforça que estratégias que incorporam os interesses específicos dos estudantes aumentam a motivação, melhoram a atenção e facilitam a aprendizagem, especialmente em estudantes com TEA nível 3 que possuem hiperfocos definidos.

Camargo e Rispoli (2013) destacam que a troca constante de informações entre a equipe é essencial para que cada intervenção seja fundamentada em evidências e ajustada às respostas do aluno. A reflexão contínua sobre a eficácia das estratégias aplicadas contribui para melhorias permanentes na prática pedagógica e fortalece a cultura colaborativa dentro da escola.

A formação continuada deve contemplar também aspectos socioemocionais e éticos do trabalho docente, preparando os profissionais para lidar com diversidade comportamental e promover respeito à singularidade do estudante (Brunoni, 2011). Sensibilizar a equipe para o respeito à individualidade e à dignidade do aluno é tão importante quanto a aplicação de técnicas pedagógicas, pois impacta diretamente na qualidade da inclusão.

Segundo Guedes e Tada (2015), a integração de diferentes áreas do conhecimento dentro da equipe escolar potencializa a inovação pedagógica, permitindo que estratégias personalizadas sejam desenvolvidas para cada aluno. Essa abordagem multidisciplinar fortalece a capacidade de adaptação da escola e promove práticas educacionais mais efetivas e diversificadas.

Conforme Ischkanian e Ischkanian (2022) ressaltam que a colaboração estruturada entre profissionais e familiares garante a continuidade das intervenções e promove a

autonomia do aluno, mantendo ao mesmo tempo o suporte necessário. Essa articulação cria condições para que o estudante participe ativamente do processo de aprendizagem e desenvolva competências acadêmicas e sociais de forma progressiva.

O acompanhamento sistemático por parte da equipe escolar, aliado à formação continuada, permite avaliar constantemente a eficácia das estratégias pedagógicas. Brunoni (2011) destaca que a análise contínua das respostas do aluno às intervenções permite ajustes rápidos, evitando estagnação e promovendo avanços significativos no desenvolvimento educacional e social do estudante.

A construção de uma rede de apoio sólida, articulando formação continuada, colaboração entre profissionais e engajamento familiar, constitui o alicerce para uma inclusão efetiva de estudantes com TEA nível 3. Girianelli et al. (2023) reforçam que apenas a ação conjunta e coordenada pode garantir que a inclusão seja funcional, significativa e respeitosa, assegurando que o estudante não esteja presente apenas fisicamente, mas participe ativamente do processo educativo.

2.4. TEA NÍVEL 3: COLÓQUIOS EM INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS E NEUROPSICOPEDAGÓGICAS

A Mediadora Giane Demo, pedagoga, neuropsicopedagoga clínica, MSc em Intervenções Psicológicas no Desenvolvimento e na Educação e doutoranda em Ciências da Educação, buscou investigar os principais desafios enfrentados no acolhimento de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nível 3 no ambiente escolar regular. Por meio de pesquisas teóricas, colóquios e análises documentais, a profissional objetivou projetar estratégias pedagógicas e neuropsicopedagógicas eficientes, com foco em métodos, programas e técnicas adaptadas às necessidades específicas desses estudantes.

Segundo Ischkanian (2025), o uso de brincadeiras estruturadas no processo de aprendizagem do autista é um recurso fundamental, pois permite que o estudante interaja com o ambiente de forma lúdica, desenvolvendo competências cognitivas, sociais e emocionais de maneira significativa. Essa perspectiva fundamenta a criação de atividades que respeitam os interesses individuais e favorecem o engajamento em sala de aula.

A atuação do professor também é destacada como elemento central para o sucesso da inclusão. Conforme Ischkanian (2023), docentes preparados e conscientes das especificidades do TEA nível 3 conseguem organizar o ambiente escolar de maneira a reduzir a sobrecarga sensorial, utilizar recursos visuais adequados e implementar rotinas previsíveis, promovendo autonomia e aprendizagem ativa dos estudantes.

O trabalho colaborativo, envolvendo mediadores, professores, terapeutas e familiares, é apontado como estratégia essencial para uma intervenção educativa consistente. Ischkanian et al. (2025) enfatizam que a articulação entre profissionais permite que o plano pedagógico seja personalizado, acompanhando de forma contínua os progressos do aluno e ajustando estratégias quando necessário, fortalecendo a inclusão de forma estruturada e intencional.

A coleta e análise de dados sobre a eficácia das intervenções é outro ponto relevante abordado no estudo. Santos (2018) destaca a importância do uso de estatística descritiva e registros sistematizados para acompanhar o desempenho acadêmico e social do aluno, permitindo ajustes precisos nas estratégias pedagógicas aplicadas.

Ensinar habilidades sociais é um dos principais desafios do acolhimento de estudantes com TEA nível 3. Souza, Araújo e Barbosa (2022) evidenciam que intervenções pedagógicas estruturadas, apoiadas por recursos visuais e práticas lúdicas, contribuem para o desenvolvimento de interações sociais mais adequadas, promovendo inclusão efetiva no contexto escolar regular.

A base legal e normativa da inclusão também orienta a atuação pedagógica. A Declaração de Salamanca (1994) da UNESCO destaca que a escola deve ser um espaço acolhedor e adaptado, capaz de atender às necessidades educativas especiais, garantindo igualdade de oportunidades para todos os estudantes, incluindo aqueles com TEA nível 3.

O planejamento estruturado, com o uso de recursos adaptados, rotinas previsíveis e atividades individualizadas, é enfatizado como ferramenta central para reduzir a ansiedade e melhorar a participação dos alunos. Ischkanian (2025) reforça que metodologias lúdicas e interativas possibilitam o aprendizado significativo e favorecem a integração social de estudantes autistas.

A atuação colaborativa é potencializada quando a equipe escolar compartilha informações sobre o desempenho e as respostas dos alunos às estratégias pedagógicas. Ischkanian (2023) ressalta que reuniões periódicas, supervisão e feedback constante permitem ajustar práticas e garantir que as intervenções estejam sempre alinhadas às necessidades do estudante.

A avaliação contínua do progresso acadêmico e social, fundamentada em evidências, fortalece a tomada de decisão pedagógica. Souza, Araújo e Barbosa (2022) sugerem que a implementação de instrumentos de monitoramento e registro, em conjunto com relatórios descritivos, possibilita identificar padrões de evolução e áreas que necessitam de maior atenção.

A integração de práticas pedagógicas com suporte familiar é destacada como um elemento-chave. Ischkanian et al. (2025) apontam que a participação ativa da família na educação do aluno contribui para a consistência das estratégias e promove continuidade entre os ambientes escolar e doméstico, garantindo maior eficácia no desenvolvimento global do estudante.

O papel da mediadora, neste contexto, é essencial para articular os diferentes elementos do processo de inclusão. Giane Demo, ao conduzir colóquios, pesquisas e análises documentais, demonstra que o alinhamento entre teoria e prática permite projetar soluções pedagógicas individualizadas e baseadas em evidências para o acolhimento de estudantes com TEA nível 3.

A utilização de métodos, programas e técnicas estruturadas fortalece a aprendizagem significativa, favorece a autonomia e promove a socialização, integrando aspectos cognitivos, emocionais e sociais do aluno. Ischkanian (2025) reforça que a aplicação de atividades lúdicas adaptadas ao perfil sensorial e cognitivo do estudante é determinante para que o aprendizado seja engajador e duradouro.

Finalmente, o colóquio sobre intervenções pedagógicas e neuropsicopedagógicas evidencia que a formação continuada, a colaboração entre profissionais e a participação familiar são elementos indispensáveis para que o ambiente escolar se torne efetivamente inclusivo. UNESCO (1994) lembra que políticas inclusivas devem ser aplicadas de forma contínua, planejada e intencional, assegurando que todos os estudantes tenham acesso equitativo à aprendizagem.

2.4.1. Introdução

A inclusão escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente aqueles classificados como nível 3, representa um dos maiores desafios contemporâneos para a educação inclusiva. Esses alunos apresentam características específicas, como comunicação verbal limitada ou ausente, dificuldades acentuadas na interação social e a presença de comportamentos repetitivos ou restritivos, exigindo do ambiente escolar adaptações pedagógicas individualizadas e suporte especializado contínuo. Nesse contexto, o papel da escola vai muito além da simples integração física do estudante à sala de aula, demandando planejamento detalhado, estratégias de mediação pedagógica e utilização de recursos adaptados para favorecer o aprendizado significativo.

Segundo a resolução 02/2001 do Conselho Nacional de Educação (CNE/CEB), em seu artigo 3º, a educação especial é definida como um processo educacional caracterizado por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais,

organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em certos casos, substituir os serviços educacionais comuns.

O objetivo é garantir o acesso à educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais em todas as etapas e modalidades da educação básica (Brasil, 2001). Essa normativa reforça a necessidade de planejamento pedagógico específico, adaptado às características únicas de cada aluno com TEA nível 3, e a implementação de práticas educacionais inclusivas que vão além da abordagem tradicional da sala de aula.

De acordo com o CNE/CEB, a resolução 02/2001 em seu artigo 3°, indica que a educação especial é definida:

> Art. 3º Por educação especial, modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica (Brasil, 2001).

A inclusão efetiva desses estudantes depende também da formação continuada dos professores e da atuação colaborativa da equipe escolar. Uzêda e Barbosa (2020) destacam que a capacitação docente em cursos de pedagogia deve contemplar a perspectiva inclusiva, permitindo que o professor compreenda as especificidades de cada estudante, conheça estratégias de mediação e esteja apto a aplicar metodologias baseadas em evidências. Essa formação contínua fortalece a competência profissional para lidar com as demandas sensoriais, cognitivas e comportamentais dos alunos com TEA, promovendo intervenções pedagógicas mais eficazes e contextualizadas.

A articulação entre escola e família é um fator determinante para o sucesso da inclusão. Uzêda (2019) aponta que a participação familiar garante a continuidade das estratégias de aprendizagem e socialização no ambiente doméstico, além de fornecer informações valiosas sobre as preferências, interesses e respostas comportamentais do estudante. A comunicação constante entre pais, professores e equipe de apoio contribui para ajustes contínuos nas práticas pedagógicas, tornando o processo de inclusão mais consistente e centrado nas necessidades individuais do aluno.

Estratégias pedagógicas adaptadas, como o uso de recursos visuais, rotinas previsíveis, tecnologias assistivas e atividades lúdicas, permitem que o estudante compreenda melhor o ambiente escolar e participe de forma ativa das atividades propostas

(Uzêda, 2019). Dessa forma, promove-se não apenas o aprendizado acadêmico, mas também habilidades sociais essenciais para a integração no contexto escolar.

A construção de Planos de Ensino Individualizados (PEI) emerge como ferramenta central nesse processo (Brasil, 2001; Uzêda e Barbosa, 2020). Esses planos permitem a definição de metas realistas e estratégias pedagógicas adequadas ao perfil de cada aluno, considerando suas potencialidades, dificuldades e interesses específicos. Ao estabelecer objetivos claros e personalizados, os PEIs garantem que o ensino seja significativo e que o estudante tenha oportunidade de desenvolver suas habilidades de forma estruturada e progressiva, respeitando suas particularidades.

A formação de professores para atuar com estudantes com TEA nível 3 também deve contemplar o desenvolvimento de competências para o manejo de comportamentos desafiadores. A mediação pedagógica exige sensibilidade para identificar sinais de sobrecarga sensorial, ansiedade ou frustração, permitindo intervenções imediatas e ajustadas ao contexto (Uzêda, 2019). Essa abordagem não apenas reduz a ocorrência de crises, mas também cria um ambiente mais seguro e previsível, favorecendo o bem-estar emocional do estudante.

A utilização de recursos tecnológicos e visuais é igualmente importante no planejamento pedagógico para TEA nível 3. Quadros de rotina, imagens, aplicativos educacionais e ferramentas de comunicação aumentam a previsibilidade das atividades e facilitam a compreensão das instruções, promovendo maior autonomia e engajamento do aluno (Uzêda e Barbosa, 2020). Esses recursos complementam as estratégias pedagógicas tradicionais, permitindo que o estudante participe das atividades com menor dependência de apoio direto do professor.

A articulação entre diferentes profissionais, como mediadores, terapeutas e coordenadores pedagógicos, fortalece a rede de apoio ao estudante. Uzêda (2019) destaca que o trabalho colaborativo permite a troca de informações sobre respostas às intervenções, ajustes necessários e planejamento de atividades futuras, garantindo coerência e consistência no processo educacional. Essa integração multiprofissional contribui para intervenções mais amplas, que atendam simultaneamente às dimensões cognitivas, emocionais e sociais do aluno.

O acompanhamento sistemático do progresso acadêmico e socioemocional do estudante é outro aspecto essencial para garantir a eficácia das estratégias de inclusão. Uzêda e Barbosa (2020) sugerem que registros detalhados de desempenho e observações contínuas possibilitam identificar áreas que necessitam de maior atenção, ajustar planos de ensino e

validar a efetividade das intervenções aplicadas. A análise de dados sobre evolução do aprendizado permite decisões pedagógicas fundamentadas e oportunas.

Promover a inclusão efetiva de estudantes com TEA nível 3 envolve sensibilização de toda a comunidade escolar. Ensinar colegas sobre diversidade, empatia e respeito às diferenças contribui para a construção de um ambiente mais acolhedor e diminui o risco de estigmatização ou bullying (Uzêda, 2019). A educação inclusiva, portanto, deve ser compreendida como um compromisso coletivo, que envolve todos os atores do contexto escolar.

A integração de todos esses elementos – planejamento individualizado, formação docente continuada, recursos adaptados, participação familiar e articulação colaborativa – possibilita a criação de um ambiente escolar verdadeiramente inclusivo. Uzêda e Barbosa (2020) reforçam que a educação inclusiva não se limita à presença física do aluno na sala, mas envolve intervenções estruturadas e contínuas que promovem o desenvolvimento acadêmico, social e emocional do estudante, garantindo seu direito à educação de qualidade.

2.4.2. Justificativa

Embora políticas públicas de inclusão escolar estejam formalmente em vigor, a realidade das escolas regulares evidencia lacunas significativas na capacitação docente, na disponibilidade de recursos pedagógicos adaptados e no suporte multidisciplinar necessário para atender às demandas de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nível 3. De acordo com a legislação brasileira, a educação especial deve oferecer recursos e serviços que apoiem, complementem e suplementem a escolarização regular, garantindo o desenvolvimento das potencialidades de alunos com necessidades educativas especiais (Brasil, 2001). A inclusão efetiva vai além da presença física do estudante na sala de aula, demandando planejamento, adaptação pedagógica e articulação entre escola e família.

O atendimento educacional especializado é um componente central no processo de inclusão de estudantes com TEA nível 3, pois vai além de simples intervenções pontuais, atuando de maneira sistemática na identificação, elaboração e organização de recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem barreiras à participação plena desses alunos (Brasil, 2008). Esses recursos podem incluir materiais adaptados, tecnologias assistivas, sistemas de comunicação alternativa, suporte individualizado e estratégias de mediação, todos planejados para atender às necessidades específicas de cada estudante. O atendimento educacional especializado não substitui a escolarização regular; pelo contrário, ele complementa e potencializa o aprendizado na sala de aula comum, permitindo que o aluno

desenvolva habilidades cognitivas, sociais e emocionais de forma mais independente e autônoma, promovendo a inclusão real no ambiente escolar.

> O atendimento educacional especializado identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando as suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela (Brasil, 2008).

A integração entre o atendimento educacional especializado e as práticas pedagógicas regulares favorece uma abordagem holística, que considera o aluno em sua totalidade, incluindo seus interesses, limitações sensoriais, formas de comunicação e ritmos de aprendizagem. Ischkanian (2024) ressalta que a implementação de práticas estruturadas de inclusão, como rotinas previsíveis, quadros de rotina, portfólios educacionais e atividades lúdicas adaptadas, contribui significativamente para a promoção da autonomia, socialização e engajamento acadêmico desses estudantes. Tais estratégias permitem não apenas o desenvolvimento de competências acadêmicas, mas também a ampliação da autoestima, da capacidade de interação social e da regulação emocional, elementos essenciais para o bem-estar do aluno com TEA nível 3.

A atuação planejada e estruturada do atendimento educacional especializado também envolve constante monitoramento e avaliação das estratégias implementadas, ajustando-as conforme a resposta do aluno. Essa flexibilidade é crucial, pois cada estudante apresenta padrões de comportamento e aprendizagem singulares. Conforme destaca Demo et al. (2025), a personalização do ensino, apoiada em dados observacionais e registros de progresso, potencializa o engajamento do aluno e permite intervenções mais precisas e eficazes. Assim, o atendimento educacional especializado funciona como um elo de ligação entre as demandas do aluno e as práticas pedagógicas da escola, promovendo uma inclusão de fato, baseada em evidências e adaptada à singularidade de cada estudante.

O acolhimento de estudantes autistas nível 3 exige planejamento pedagógico diferenciado, uma vez que esses alunos apresentam maior dependência para comunicação, regulação emocional e participação nas atividades escolares. Volkmar e Wiesner (2018) enfatizam que a utilização de métodos estruturados, recursos visuais e tecnologias assistivas é essencial para tornar o ambiente escolar mais previsível e reduzir a ansiedade, promovendo uma aprendizagem significativa.

A sistematização de práticas pedagógicas eficazes permite fornecer subsídios claros para professores e mediadores, aumentando a efetividade das intervenções no cotidiano

escolar. Demo et al. (2025) salientam que estratégias bem planejadas contribuem para a organização de rotinas, planejamento de atividades lúdicas e adaptação de materiais, promovendo engajamento e aprendizado consistente.

A investigação dos desafios cotidianos enfrentados por professores, alunos e familiares. Gomes (2007) aponta que compreender as dificuldades de socialização, comunicação e comportamento repetitivo é imprescindível para a construção de estratégias pedagógicas adequadas, garantindo o bem-estar emocional e acadêmico do estudante com TEA nível 3.

A pesquisa também se propõe a identificar metodologias, programas e técnicas que promovam aprendizagem significativa e socialização plena, como o uso de quadros de rotina, portfólios educacionais e atividades adaptadas aos interesses do aluno. Ischkanian (2025) afirma que a integração de brincadeiras e atividades lúdicas é um recurso poderoso para estimular habilidades cognitivas, emocionais e sociais de forma natural e motivadora.

A formação continuada dos profissionais da educação é outro elemento-chave para a efetividade do acolhimento escolar. Uzêda (2020) destaca que professores, mediadores e demais membros da equipe precisam compreender as especificidades do TEA nível 3 e dominar metodologias inclusivas baseadas em evidências para atuar de forma coerente e colaborativa. Esse investimento favorece uma atuação integrada e consistente em todas as atividades escolares.

A participação da família é igualmente crucial, uma vez que garante a continuidade das estratégias pedagógicas e a coerência entre o ambiente escolar e o domiciliar. Ischkanian (2023) aponta que o diálogo constante entre escola e família possibilita ajustes nas práticas pedagógicas, promovendo intervenções mais eficazes e personalizadas, alinhadas às necessidades específicas de cada aluno.

O desenvolvimento de ambientes previsíveis e estruturados também é fundamental. Machado (2019) evidencia que a rotina clara e o uso de recursos visuais ajudam a reduzir a ansiedade e facilitam a organização das atividades, permitindo que o aluno compreenda melhor o que se espera dele, promovendo independência e confiança.

Estratégias de ensino individualizadas, como o Plano de Ensino Individualizado (PEI), permitem que metas pedagógicas e intervenções sejam planejadas de acordo com os pontos fortes, interesses e dificuldades do aluno. Matos (2022) reforça que a adaptação de materiais e a atenção às particularidades sensoriais do estudante potencializam a aprendizagem e favorecem a inclusão real na sala regular.

A abordagem neuropsicopedagógica se mostra eficaz na integração de dimensões cognitivas, sociais e emocionais do estudante. Ischkanian et al. (2025) argumentam que essa

perspectiva permite intervenções que vão além do ensino tradicional, promovendo desenvolvimento integral e respeitando a singularidade de cada aluno.

A necessidade de articulação entre os diferentes profissionais que acompanham o estudante, como terapeutas, psicólogos, mediadores e professores. Camargo e Rispoli (2013) destacam que a atuação colaborativa fortalece a rede de apoio, garantindo que todas as estratégias pedagógicas estejam alinhadas e tenham maior consistência.

A justificativa do estudo está fundamentada na necessidade de garantir que a inclusão escolar de estudantes com TEA nível 3 seja efetiva, promovendo autonomia, socialização, desenvolvimento acadêmico e bem-estar emocional. Uzêda (2019) reforça que uma educação inclusiva de qualidade exige investimento contínuo na formação de professores, planejamento estruturado e atuação colaborativa de toda a comunidade escolar, garantindo direitos e promovendo igualdade de oportunidades.

2.4.3. Objetivo Geral

Discutir e propor estratégias e intervenções pedagógicas e neuropsicopedagógicas para o acolhimento e inclusão de estudantes com TEA nível 3 em escolas regulares, da educação infantil ao ensino médio.

2.4.4. Objetivos Específicos

Identificar os principais desafios enfrentados por professores, alunos e familiares no acolhimento de estudantes com TEA nível 3;

Analisar práticas pedagógicas e programas que favoreçam a inclusão e a participação ativa desses alunos;

Avaliar o impacto de recursos e técnicas neuropsicopedagógicas no desempenho acadêmico e socioemocional;

Desenvolver diretrizes para a implementação de estratégias inclusivas adaptadas às necessidades específicas de cada estudante;

Contribuir para a formação de professores e profissionais da educação sobre métodos de intervenção eficazes.

2.4.5. Metodologia

A metodologia adotada nesta pesquisa segue um enfoque qualitativo e exploratório, priorizando a compreensão aprofundada dos desafios e das estratégias envolvidas no

acolhimento de estudantes com TEA nível 3 no ambiente escolar regular. O caráter qualitativo permite interpretar significados, experiências e práticas pedagógicas, indo além da simples quantificação de dados, fornecendo uma visão contextualizada do fenômeno estudado. Segundo Creswell (2021), a abordagem qualitativa é adequada para investigar situações complexas, onde o objetivo central é compreender processos, interações e perspectivas dos participantes, considerando suas singularidades cognitivas, comportamentais e emocionais.

A pesquisa contempla a realização de grupos de discussão (GD) com professores, coordenadores e familiares, com o intuito de mapear percepções, expectativas e desafios enfrentados no processo de inclusão. Ischkanian (2020) destaca que os grupos de discussão permitem que os profissionais compartilhem experiências práticas, possibilitando o levantamento de estratégias pedagógicas que funcionam em contextos reais e a identificação de lacunas na implementação de métodos inclusivos. Tais discussões favorecem a reflexão coletiva e o desenvolvimento de soluções colaborativas para o atendimento de estudantes com TEA nível 3.

Entrevistas semiestruturadas serão conduzidas com profissionais especializados em TEA e em neuropsicopedagogia, permitindo que práticas pedagógicas, métodos de intervenção e técnicas adaptadas sejam descritas em detalhes. Segundo Volkmar e Wiesner (2019), a coleta de informações com especialistas proporciona insights valiosos sobre como estratégias baseadas em evidências podem ser aplicadas de forma personalizada, considerando as necessidades individuais de cada estudante. Essas entrevistas possibilitam também analisar a percepção dos profissionais sobre a eficácia das abordagens utilizadas e os desafios enfrentados na prática escolar.

A observação participante em ambientes escolares regulares complementa os métodos anteriores, permitindo a análise das interações, comportamentos e respostas dos estudantes em situações reais. Yianni-Coudurier et al. (2008) ressaltam que a observação sistemática oferece uma visão direta do contexto, possibilitando identificar fatores que impactam a participação, o engajamento e a socialização dos alunos com TEA nível 3. Essa técnica auxilia na compreensão das barreiras ambientais, sensoriais e pedagógicas que podem interferir no aprendizado e no bem-estar emocional do estudante.

A análise documental constitui outro componente central da metodologia, abrangendo a revisão de planos de ensino individualizados, programas pedagógicos e registros escolares. De acordo com WHO (2013), a análise de documentos permite sistematizar informações sobre a organização das atividades escolares, estratégias de ensino

e recursos utilizados, possibilitando avaliar como as práticas pedagógicas são estruturadas para atender às necessidades específicas dos alunos.

A análise dos dados será conduzida por meio da análise temática e categorial, permitindo identificar padrões recorrentes, desafios comuns e estratégias pedagógicas eficazes. Ischkanian (2020) enfatiza que a categorização sistemática das informações contribui para a construção de um panorama integrado das práticas inclusivas, evidenciando elementos que favorecem a aprendizagem, a socialização e a autonomia dos estudantes com TEA nível 3.

O processo de coleta e análise de dados será realizado em etapas articuladas. Inicialmente, será feita a leitura exploratória de todos os registros e transcrições das entrevistas e grupos de discussão, com o objetivo de identificar temas emergentes. Segundo Creswell (2021), essa fase permite uma visão geral do material e facilita a organização posterior em categorias e subcategorias.

Na etapa seguinte, serão aplicadas técnicas de codificação, em que elementos recorrentes ou relevantes são destacados e agrupados por categorias temáticas. Volkmar e Wiesner (2019) destacam que a codificação sistemática é essencial para garantir consistência e confiabilidade na interpretação dos dados qualitativos, permitindo que padrões significativos sejam evidenciados de forma objetiva.

A triangulação dos dados será realizada, cruzando informações provenientes de grupos de discussão, entrevistas, observações e documentos escolares. Yianni-Coudurier et al. (2008) sugerem que essa estratégia aumenta a validade da pesquisa, pois permite confrontar diferentes perspectivas e reduzir vieses decorrentes de uma única fonte de informação.

A pesquisa também contempla a análise das relações entre os dados coletados e a literatura científica existente, de forma a verificar a coerência das práticas pedagógicas identificadas com métodos reconhecidos e validados. WHO (2013) afirma que a integração de dados empíricos com evidências científicas contribui para a construção de recomendações pedagógicas mais sólidas e fundamentadas.

A metodologia prevê atenção às questões éticas, garantindo confidencialidade, anonimato e consentimento informado de todos os participantes. Ischkanian (2020) reforça que a pesquisa em educação inclusiva deve respeitar os direitos dos envolvidos, sobretudo quando se trata de crianças com TEA nível 3, que possuem vulnerabilidades específicas.

Espera-se sistematizar as informações coletadas em um conjunto de recomendações práticas, que possam subsidiar professores, mediadores, terapeutas e gestores escolares na promoção de estratégias inclusivas, individualizadas e eficazes. Creswell (2021) destaca que

a análise qualitativa bem estruturada permite transformar dados brutos em conhecimento aplicável, contribuindo para a melhoria das práticas pedagógicas.

Tabela 1: Analise metodológica

Tema Área de Observação	Desafios Identificados nas Entrevistas	Estratégias Sugeridas / Possíveis Intervenções	Mudanças Positivas Esperadas	Referência Autor Individual
Comunicação	Dificuldade na comunicação verbal ou ausência de fala; dificuldades em interpretar instruções complexas	Uso de recursos visuais, pictogramas, aplicativos de comunicação assistida, linguagem simplificada	Melhora na compreensão das atividades, maior autonomia, redução da ansiedade	Kasari, C. 2013
Rotina e previsibilidade	Ansiedade diante de mudanças e imprevistos na rotina escolar	Estabelecimento de quadros de rotina, horários visuais, planejamento antecipado de mudanças	Redução do estresse, maior adaptação às atividades, engajamento mais consistente	Machado, G. 2019
Habilidades sociais	Isolamento em atividades coletivas, dificuldades de interação com colegas	Programas estruturados de habilidades sociais, dinâmicas de integração, jogos cooperativos	Maior socialização, desenvolvimento de empatia e cooperação	Souza, C.A.F. et al., 2022
Apoio pedagógico	Falta de estratégias individualizadas na sala regular	Elaboração de PEI, adaptações curriculares, acompanhamento terapêutico individual	Aumento do desempenho acadêmico e participação ativa	Ischkanian, S.H.D., 2020
Formação docente	Professores sem capacitação específica para TEA nível 3	Formação continuada, workshops práticos, supervisão pedagógica	Melhora da qualidade do ensino, aplicação de estratégias inclusivas mais eficazes	Uzêda, S.Q., 2019
Comportamentos restritivos repetitivos	Episódios de comportamento que interferem nas atividades	Estratégias de manejo comportamental, reforço positivo, atividades sensoriais direcionadas	Diminuição de comportamentos disruptivos, maior foco nas atividades	Camargo, S.P.H.; Rispoli, M., 2013
Engajamento acadêmico	Falta de motivação e interesse por atividades padrão	Integração dos interesses do aluno (hiperfocos) nas atividades, uso de tecnologias e jogos educativos	Maior engajamento, aprendizagem significativa, motivação intrínseca	Gaiato, M., 2018
Colaboração	Comunicação limitada entre	Reuniões periódicas, envio de relatórios	Acompanhamento contínuo	Ischkanian, S.H.D.;

família-escola	familiares e escola	visuais, canais digitais de acompanhamento	do progresso do aluno, coerência entre casa e escola	Cabral, G.N., 2024
Avaliação contínua	Falta de monitoramento sistemático do progresso	Observação sistemática, registro de conquistas, feedback constante	Ajuste oportuno de estratégias pedagógicas, melhoria da aprendizagem	Volkmar, F.; Wiesner, L., 2019
Inclusão emocional	Baixa autoestima e frustração diante das atividades	Intervenções psicopedagógicas, atividades lúdicas e terapêuticas, reforço positivo	Desenvolvimento da confiança, maior resiliência emocional	Ischkanian, S.H.D., 2025

Fonte: Giane Demo, (2025).

A metodologia adotada combina múltiplos instrumentos e perspectivas, promovendo uma compreensão ampla e detalhada do fenômeno estudado. Segundo Volkmar e Wiesner (2019), essa abordagem integrada é essencial para lidar com a complexidade da inclusão escolar de estudantes com TEA nível 3, proporcionando informações que podem ser aplicadas de maneira prática e contextualizada no cotidiano escolar.

2.4.6. Contribuições Esperadas

As contribuições esperadas deste estudo abrangem diversos aspectos do processo de inclusão escolar de estudantes com TEA nível 3, visando impactar positivamente a prática pedagógica, a formação profissional e o ambiente educacional como um todo. Bezerra (2021) destaca que a sistematização de estratégias pedagógicas eficazes possibilita a elaboração de diretrizes práticas para escolas regulares, orientando professores e gestores na criação de ambientes mais inclusivos e acolhedores, adaptados às necessidades específicas de cada aluno.

No âmbito da formação continuada, este trabalho oferece subsídios para capacitar docentes, mediadores e profissionais de apoio, garantindo que compreendam as particularidades do TEA nível 3 e saibam aplicar metodologias inclusivas baseadas em evidências. O Conselho Nacional de Educação (Brasil, 2001) reforça que a educação especial deve organizar recursos e serviços educativos que complementem a escolarização comum, e a pesquisa contribui para operacionalizar essa orientação, fortalecendo a atuação docente e ampliando competências profissionais.

A ampliação do conhecimento científico sobre métodos, programas e técnicas de intervenção neuropsicopedagógica constitui outro impacto relevante. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008) aponta a necessidade de práticas pedagógicas fundamentadas em evidências, de forma a assegurar a aprendizagem significativa e a participação plena dos alunos com necessidades especiais. Este estudo contribui diretamente para essa demanda ao reunir e analisar experiências, protocolos e técnicas aplicáveis ao contexto escolar regular.

Espera-se a melhoria do acolhimento escolar, promovendo o bem-estar, a autonomia e a socialização dos estudantes. Estratégias individualizadas, rotinas estruturadas, recursos visuais e atividades lúdicas adaptadas podem favorecer o engajamento dos alunos com TEA nível 3, fortalecendo seu desenvolvimento emocional e cognitivo (Bezerra, 2021).

O estudo objetiva fortalecer o vínculo entre família, escola e comunidade educacional (Brasil, 2001; Brasil, 2008). A participação ativa das famílias e a articulação com professores e profissionais especializados promovem uma rede de suporte mais coesa, permitindo intervenções consistentes e integradas que atendam às necessidades específicas de cada aluno, contribuindo para a construção de uma educação inclusiva, humanizada e sensível às diversidades.

2.4.7. Perguntas GD – Inclusão de Estudantes com TEA Nível 3

GD – Questão 1: Quais são os principais desafios enfrentados pelos professores na inclusão de estudantes com TEA nível 3 em salas de aula regulares, considerando aspectos de comunicação, comportamento e aprendizagem?

GD – Questão 2: Quais estratégias podem ser utilizadas para prevenir e gerenciar comportamentos agressivos ou crises de ansiedade, de modo a garantir a segurança do aluno e da turma?

GD – Questão 3: Que técnicas e recursos podem favorecer a comunicação de alunos não verbais, incluindo o uso de linguagem alternativa, pictogramas e tecnologias assistivas?

GD – Questão 4: Como promover a socialização e a interação positiva de estudantes com TEA nível 3 com seus colegas, respeitando suas limitações sensoriais e comportamentais?

GD – Questão 5: Quais adaptações curriculares e metodológicas podem ser implementadas para atender às necessidades de aprendizagem individualizada desses alunos?

GD – Questão 6: Que métodos e programas pedagógicos são eficazes para tornar atividades inclusivas, envolvendo tanto alunos com TEA quanto alunos típicos, e garantindo participação ativa?

GD – Questão 7: Como lidar com a sensibilidade a ruídos, luzes e outros estímulos sensoriais no ambiente escolar, de modo a reduzir estresse e promover conforto?

GD – Questão 8: Qual é o papel do apoio de assistentes educacionais, terapeutas ocupacionais, psicólogos e outros profissionais de suporte no acolhimento e inclusão de estudantes com TEA nível 3?

GD – Questão 9: Quais estratégias podem ser utilizadas para incentivar a autonomia dos alunos, incluindo a execução de tarefas, tomada de decisões e autorregulação emocional?

GD – Questão 10: Que tecnologias assistivas e ferramentas digitais podem ser aplicadas para melhorar a comunicação, a aprendizagem e o acompanhamento do progresso do aluno?

GD – Questão 11: Como envolver e sensibilizar os colegas típicos, promovendo empatia, compreensão e inclusão genuína de estudantes com TEA nível 3 nas atividades escolares?

GD – Questão 12: Qual é a importância do planejamento individualizado, de planos de intervenção e de rotinas estruturadas para apoiar o aprendizado e a integração social desses alunos?

GD – Questão 13: De que forma os pais e familiares podem colaborar com a escola, tanto no desenvolvimento de estratégias pedagógicas quanto no acompanhamento do progresso do aluno?

GD – Questão 14: Quais recursos visuais (como quadros de rotina, agendas visuais, pictogramas e cartões de apoio) são mais eficientes para facilitar comunicação, compreensão de regras e autonomia dos alunos não verbais?

GD – Questão 15: Como monitorar e registrar o progresso acadêmico, comportamental e socioemocional de estudantes com TEA nível 3 de forma sistemática e eficaz?

GD – Questão 16: Que estratégias ajudam a reduzir a resistência a mudanças na rotina e a transições entre atividades, minimizando ansiedade e comportamentos desafiadores?

GD – Questão 17: Como equilibrar atividades sociais e acadêmicas de forma que promovam aprendizagem significativa, interação social e inclusão plena de estudantes com TEA nível 3?

GD – Questão 18: Qual a importância do treino de habilidades de vida diária, autonomia funcional e habilidades socioemocionais dentro do contexto escolar?

GD – Questão 19: Como promover uma cultura escolar inclusiva e acolhedora, que valorize a diversidade, respeite as diferenças individuais e favoreça a participação de todos os alunos?

GD – Questão 20: Quais programas, métodos e intervenções pedagógicas têm maior evidência científica de eficácia para inclusão de estudantes com TEA nível 3, e como podem ser adaptados às realidades das escolas regulares?

2.4.8. Respostas das Entrevistas

GD – Questão 1: Quais são os principais desafios enfrentados pelos professores na inclusão de estudantes com TEA nível 3 em salas de aula regulares?

P1 (Professor): O maior desafio é equilibrar o atendimento individualizado sem prejudicar o andamento da turma.

P2 (Professor): Lidar com comportamentos inesperados e crises de ansiedade em sala de aula é muito desgastante.

P3 (Coordenador): A formação docente limitada dificulta o planejamento de estratégias inclusivas adequadas.

P4 (Familiar): Muitas vezes sentimos que o professor não entende totalmente as necessidades do nosso filho.

P5 (Profissional terapêutico): É desafiador adaptar metodologias tradicionais para alunos com comunicação não verbal.

GD – Questão 2: Quais estratégias podem ser utilizadas para prevenir e gerenciar comportamentos agressivos ou crises de ansiedade?

P6 (Professor): Uso de rotinas estruturadas e previsíveis ajuda a reduzir crises. P7 (Profissional terapêutico): Técnicas de respiração e estratégias de autorregulação são essenciais durante crises.

P8 (Familiar): Ter um espaço seguro na escola para que a criança se acalme é muito importante.

GD – Questão 3: Que técnicas e recursos podem favorecer a comunicação de alunos não verbais?

P9 (Professor): Pictogramas, cartões de escolhas e aplicativos de comunicação aumentam a interação.

P10 (Profissional terapêutico): Treinamento em comunicação alternativa, como PECS, facilita o entendimento das necessidades do aluno.

GD – Questão 4: Como promover a socialização e a interação positiva de estudantes com TEA nível 3 com seus colegas?

P11 (Professor): Atividades em pares ou pequenos grupos ajudam a reduzir a sobrecarga sensorial e promovem interação gradual.

P12 (Familiar): Ensinar os colegas a respeitar o tempo e o espaço do aluno é fundamental.

GD – Questão 5: Quais adaptações curriculares e metodológicas podem ser implementadas?

P13 (Coordenador): Dividir tarefas em etapas curtas e utilizar instruções visuais claras facilita a aprendizagem.

P14 (Professor): Flexibilizar prazos e permitir diferentes formas de expressão de aprendizagem são estratégias eficazes.

GD – Questão 6: Que métodos e programas pedagógicos tornam atividades inclusivas?

P15 (Professor): Jogos cooperativos e atividades baseadas em interesses do aluno aumentam engajamento.

P16 (Profissional terapêutico): Programas estruturados como TEACCH ou ABA adaptados à escola regular funcionam bem.

GD – Questão 7: Como lidar com a sensibilidade a ruídos e estímulos sensoriais?

P17 (Familiar): Trazer fones de ouvido ou criar áreas silenciosas ajuda muito.

P18 (Professor): Planejar atividades em horários com menor movimentação reduz sobrecarga sensorial.

GD – Questão 8: Qual o papel do apoio de assistentes educacionais e terapeutas? P19 (Profissional terapêutico): Garantir suporte individualizado, auxiliando comunicação, autorregulação e participação social.

P20 (Coordenador): O assistente ajuda a integrar o aluno nas atividades sem sobrecarregar o professor.

GD – Questão 9: Como incentivar a autonomia dos alunos?

P21 (Professor): Ensinar pequenas tarefas diárias de forma guiada promove independência.

P22 (Familiar): Reforços positivos e reconhecimento ajudam a criança a tentar novas atividades.

GD – Questão 10: Que tecnologias assistivas podem ser aplicadas?

P23 (Profissional terapêutico): Tablets com aplicativos de comunicação, softwares de organização e pictogramas digitais.

P24 (Professor): Quadros de rotina digitais ajudam na compreensão das atividades diárias.

GD – Questão 11: Como envolver e sensibilizar os colegas típicos?

P25 (Familiar): Explicar a condição do aluno de forma simples, incentivando respeito e empatia.

P26 (Professor): Jogos cooperativos e dinâmicas de grupo promovem integração sem pressão.

GD – Questão 12: Qual é a importância do planejamento individualizado?

P27 (Coordenador): Planejamentos específicos permitem atender às necessidades individuais e monitorar progressos.

P28 (Profissional terapêutico): O planejamento facilita a coordenação entre escola, família e terapias externas.

GD – Questão 13: Como os pais podem colaborar com a escola?

P29 (Familiar): Compartilhando estratégias que funcionam em casa e mantendo diálogo constante com professores.

P30 (Familiar): Participando de reuniões e ajudando a criar planos de apoio consistentes.

GD – Questão 14: Quais recursos visuais são mais eficientes para alunos não verbais?

P31 (Professor): Pictogramas, agendas visuais e quadros de rotina diários. P32 (Profissional terapêutico): Cartões de escolha e rotinas visuais com fotos reais.

GD – Questão 15: Como monitorar o progresso acadêmico e socioemocional?

P33 (Professor): Registros diários, observações e avaliações adaptadas.

P34 (Coordenador): Relatórios periódicos e reuniões de acompanhamento com familiares e terapeutas.

GD – Questão 16: Que estratégias ajudam a reduzir resistência a mudanças na rotina?

P35 (Professor): Avisos prévios, horários visuais e pequenas transições graduais.

P36 (Familiar): Preparar a criança antecipadamente para mudanças ajuda na adaptação.

GD – Questão 17: Como equilibrar atividades sociais e acadêmicas?

P37 (Professor): Intercalar momentos de aprendizagem individual e em grupo.

P38 (Profissional terapêutico): Integrar interesses do aluno em atividades acadêmicas aumenta engajamento.

GD – Questão 18: Qual a importância do treino de habilidades de vida diária e socioemocionais?

P39 (Familiar): Ensinar rotinas básicas, higiene e autocuidado fortalece autonomia.

P40 (Profissional terapêutico): Treinos estruturados de habilidades sociais promovem inclusão real.

GD – Questão 19: Como promover uma cultura escolar inclusiva?

P41 (Coordenador): Formação contínua de professores e sensibilização de toda a comunidade escolar.

P42 (Professor): Incentivar valores de respeito, empatia e colaboração entre todos os alunos.

GD – Questão 20: Quais programas e intervenções têm maior evidência científica?

P43 (Profissional terapêutico): ABA, TEACCH, PECS, programas de socialização e uso de recursos visuais estruturados.

P44 (Professor): Metodologias adaptadas aos interesses e necessidades individuais de cada aluno têm melhor resultado.

2.4.9. Análise da escuta ativa

A inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nível 3 em escolas regulares apresenta desafios complexos, envolvendo desde a adaptação curricular até o manejo de comportamentos restritivos e a promoção da socialização (Brunoni, 2011). O grau de comprometimento desses alunos exige que professores, coordenadores, familiares e profissionais terapêuticos trabalhem de forma articulada, utilizando estratégias baseadas em evidências e práticas pedagógicas individualizadas. Nesse contexto, a escuta ativa se apresenta como ferramenta essencial para compreender as necessidades específicas de cada estudante e promover um acolhimento efetivo.

A escuta ativa permite que educadores percebam sinais não verbais, comportamentos de ansiedade e resistência a mudanças, aspectos frequentemente não comunicados verbalmente pelos alunos com TEA nível 3 (Camargo & Rispoli, 2013). Professores relatam que a observação cuidadosa das reações dos alunos é crucial para organizar atividades inclusivas, planejar tarefas em etapas compreensíveis e disponibilizar recursos visuais que facilitem a comunicação e a compreensão de instruções.

Para coordenadores pedagógicos, a escuta ativa contribui para identificar limitações na formação da equipe docente, compreender demandas específicas de cada aluno e implementar ajustes na rotina escolar, como a inclusão de assistentes educacionais ou terapeutas especializados (Gomes, 2007). Essa percepção permite que a gestão escolar articule medidas preventivas e corretivas, garantindo que os estudantes recebam suporte adequado em tempo hábil.

As famílias destacam que a escuta ativa por parte da escola reforça a confiança, promove a continuidade das estratégias utilizadas em casa e fortalece a parceria escola-família (Girianelli et al., 2023). A atenção aos relatos parentais oferece subsídios valiosos para a individualização das intervenções, contribuindo para o desenvolvimento acadêmico e socioemocional dos alunos com TEA nível 3.

Profissionais terapêuticos enfatizam que o acolhimento eficaz depende de um diálogo constante entre escola, família e especialistas, permitindo a aplicação de métodos

estruturados como ABA, TEACCH e PECS, bem como a implementação de programas pedagógicos planejados e adaptados (Brunoni, 2011). A escuta ativa possibilita ainda a avaliação contínua da eficácia dessas estratégias, permitindo ajustes imediatos conforme a resposta do aluno, promovendo intervenções cada vez mais personalizadas.

A prática da escuta ativa também contribui para sensibilizar os colegas típicos, estimulando atitudes de respeito e cooperação, e valorizando a diversidade como elemento enriquecedor da aprendizagem coletiva (Camargo & Rispoli, 2013). Alterações na rotina, quando comunicadas de forma antecipada, podem reduzir ansiedade e comportamentos desafiadores, favorecendo a participação plena do estudante nas atividades escolares.

A escuta ativa possibilita o desenvolvimento de habilidades de vida diária e autonomia, promovendo o bem-estar emocional e reforçando a confiança do aluno em suas capacidades (Gomes, 2007). Professores bem preparados e atentos às necessidades individuais podem criar estratégias que equilibram desafios acadêmicos e sociais, promovendo aprendizagem significativa e desenvolvimento integral.

A escuta ativa funciona como instrumento de integração entre métodos, programas e técnicas, permitindo que as intervenções sejam continuamente ajustadas às necessidades do aluno (Girianelli et al., 2023). Essa prática assegura que o estudante seja compreendido, respeitado e incluído de maneira efetiva em sua comunidade escolar, tornando o ambiente educativo mais seguro, estimulante e inclusivo.

O acompanhamento contínuo do aluno, aliado à escuta ativa, fortalece a cultura escolar inclusiva, onde professores, coordenadores, familiares e terapeutas colaboram de forma sistemática para superar barreiras de aprendizagem e sociais (Brunoni, 2011). Essa articulação promove um clima escolar mais empático, reforçando valores de respeito à diversidade e valorização das potencialidades individuais.

A escuta ativa também permite a identificação precoce de dificuldades emergentes, possibilitando que a escola implemente intervenções preventivas antes que desafios se consolidem (Camargo & Rispoli, 2013). Essa abordagem proativa garante que os estudantes recebam suporte adequado, prevenindo o isolamento social e promovendo o engajamento em atividades escolares.

A comunicação constante entre todos os agentes envolvidos no processo educativo contribui para a construção de estratégias coerentes, integradas e personalizadas (Girianelli et al., 2023). Dessa forma, a escola não apenas cumpre seu papel legal de inclusão, conforme a LDB nº 9394/96 (Brasil, 1996), mas também promove um ambiente pedagógico que respeita a individualidade do aluno e valoriza seu desenvolvimento integral.

A escuta ativa consolida-se como prática essencial na educação inclusiva, especialmente para estudantes com TEA nível 3, pois permite que intervenções pedagógicas, terapêuticas e sociais se complementem, promovendo aprendizagens significativas, bem-estar emocional e participação plena no contexto escolar (Gomes, 2007). A implementação contínua dessa prática contribui para o fortalecimento do vínculo entre família, escola e comunidade, criando uma educação mais justa, humanizada e inclusiva.

2.4.10. Diretrizes e estratégias para inclusão de estudantes com TEA nível 3

A inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nível 3 em escolas regulares requer diretrizes e estratégias pedagógicas que considerem o grau de comprometimento do aluno, suas habilidades cognitivas, sociais e comunicacionais, além de suas particularidades sensoriais e comportamentais (Guedes & Tada, 2015). Esses estudantes apresentam desafios significativos na comunicação e interação social, necessitando de adaptações curriculares e recursos pedagógicos diferenciados para garantir participação plena e aprendizagem significativa.

Uma das estratégias centrais é a implementação de Planos de Ensino Individualizados (PEI), que organizam metas realistas e personalizadas, considerando o perfil específico de cada estudante. Esses planos devem integrar recursos visuais, rotinas estruturadas, tecnologias assistivas e métodos pedagógicos baseados em evidências, facilitando o engajamento e a autonomia do aluno (Ischkanian, 2020).

O uso de portfólios educacionais surge como ferramenta facilitadora, permitindo o registro sistemático das conquistas do estudante, a documentação das estratégias utilizadas e a avaliação contínua do progresso acadêmico e socioemocional (Ischkanian & Ischkanian, 2022). Essa prática promove a individualização do ensino, fortalece o vínculo entre aluno, professores e familiares, e oferece subsídios concretos para ajustes pedagógicos conforme as necessidades observadas.

A formação continuada de professores e profissionais da educação é outra diretriz essencial, garantindo que a equipe escolar compreenda as especificidades do TEA nível 3 e saiba aplicar métodos pedagógicos inclusivos (Volkmar & Wiesner, 2019). A capacitação contínua permite que os educadores utilizem estratégias de ensino estruturadas, como a divisão de tarefas em etapas, reforços positivos, instruções claras e previsíveis, além de técnicas de manejo comportamental, proporcionando um ambiente escolar seguro e acolhedor.

A articulação entre escola, família e profissionais especializados é indispensável para garantir coerência nas intervenções. O diálogo constante possibilita a adaptação das

estratégias de ensino às demandas emergentes do estudante e promove o alinhamento das práticas pedagógicas com as experiências do aluno fora da escola, garantindo continuidade e consistência nas ações educativas (Guedes & Tada, 2015).

A avaliação diagnóstica detalhada, considerando perfil funcional, habilidades acadêmicas, comportamentos adaptativos e dificuldades específicas, é fundamental para planejar intervenções adequadas (Volkmar & Wiesner, 2019). A coleta de dados sistemática, aliada à análise contínua do desempenho, possibilita ajustes pontuais nos métodos pedagógicos, promovendo a aprendizagem significativa e a inclusão plena do aluno na comunidade escolar.

O uso de programas estruturados de intervenção que combinem ensino acadêmico, habilidades sociais e desenvolvimento emocional. Metodologias como ABA, TEACCH e PECS podem ser adaptadas ao contexto escolar, garantindo que o aluno receba suporte consistente e alinhado às suas necessidades individuais (Ischkanian, 2020).

O monitoramento constante do progresso acadêmico e comportamental do estudante, aliado à escuta ativa de professores, familiares e terapeutas, permite identificar barreiras à aprendizagem e implementar intervenções corretivas de forma ágil (Ischkanian & Ischkanian, 2022). Essa prática fortalece a participação do aluno, reduz a frustração e aumenta a motivação para engajamento nas atividades escolares.

A criação de um ambiente previsível, organizado e sensorialmente adequado contribui significativamente para reduzir a ansiedade, aumentar a concentração e favorecer a interação social dos estudantes com TEA nível 3 (Guedes & Tada, 2015). Estratégias como rotinas visuais, horários estruturados e áreas de apoio individualizadas são fundamentais para tornar a escola um espaço acessível e acolhedor.

O envolvimento ativo da família no processo educativo reforça as estratégias aplicadas na escola, permitindo que intervenções pedagógicas e comportamentais sejam consistentes e contínuas (Volkmar & Wiesner, 2019). A comunicação regular entre docentes e familiares possibilita ajustes imediatos, compartilhamento de observações e construção conjunta de metas realistas para o desenvolvimento do aluno.

A utilização de recursos tecnológicos, como aplicativos educativos, softwares de comunicação alternativa e ferramentas digitais interativas, amplia as possibilidades de aprendizagem e favorece a inclusão de estudantes com dificuldades de comunicação verbal (Ischkanian, 2020). Esses recursos devem ser integrados de forma planejada às atividades diárias, garantindo relevância pedagógica e estímulo à autonomia.

Programas de formação colaborativa entre professores, especialistas e terapeutas promovem o compartilhamento de boas práticas, construção de soluções criativas e

alinhamento das estratégias pedagógicas (Ischkanian & Ischkanian, 2022). Essa abordagem fortalece a rede de apoio escolar e contribui para um acolhimento mais efetivo do estudante com TEA nível 3.

A avaliação contínua, com base em indicadores acadêmicos, socioemocionais e comportamentais, possibilita medir a eficácia das estratégias implementadas e identificar áreas que requerem intervenção específica (Guedes & Tada, 2015). Esse processo sistemático garante que cada aluno receba suporte adequado, promovendo inclusão plena e aprendizagem significativa.

A construção de uma cultura escolar inclusiva, que valorize a diversidade e respeite as potencialidades individuais, é fundamental para a promoção de direitos e equidade educacional (Volkmar & Wiesner, 2019). Diretrizes e estratégias pedagógicas bem estruturadas garantem que estudantes com TEA nível 3 possam participar de forma efetiva do cotidiano escolar, desenvolvendo habilidades acadêmicas, sociais e emocionais de forma integral.

2.4.10.1. Desenvolvimento de Diretrizes Práticas para Escolas Regulares

O desenvolvimento de diretrizes práticas para escolas regulares tem como objetivo fornecer orientações concretas para a implementação de práticas inclusivas voltadas para estudantes com TEA nível 3, considerando suas necessidades específicas e a complexidade de seu processo de aprendizagem (American Psychiatric Association, 2014). A elaboração de estratégias pedagógicas estruturadas permite que a escola atue de maneira planejada e consistente, promovendo a inclusão efetiva e o bem-estar do aluno.

Um dos primeiros passos para a inclusão é o planejamento individualizado, que consiste na criação de planos de intervenção personalizados (Araújo, Araújo & Trento, 2022). Estes planos devem levar em consideração as habilidades cognitivas, interesses, preferências sensoriais e desafios comportamentais de cada estudante, permitindo a definição de metas realistas e estratégias pedagógicas adequadas ao seu perfil.

A adaptação curricular é essencial para garantir que os conteúdos e atividades acadêmicas sejam compreensíveis e acessíveis. Isso envolve dividir tarefas em etapas curtas, utilizar instruções claras e objetivas e integrar recursos visuais e tecnológicos que facilitem a compreensão e o engajamento do aluno (Bernier, Dawson & Nigg, 2021). Tais adaptações possibilitam que o estudante participe das atividades de forma ativa e significativa, respeitando seu ritmo de aprendizagem.

A organização do ambiente escolar também exerce papel fundamental na promoção da inclusão. Salas estruturadas, com áreas silenciosas para atividades individuais, materiais acessíveis e espaços de apoio, contribuem para reduzir sobrecarga sensorial e ansiedade, criando um contexto mais previsível e seguro para o estudante (Bezerra, 2021). A disposição dos móveis, a sinalização visual e a separação de espaços por funções são estratégias que auxiliam na manutenção da atenção e na regulação emocional do aluno.

Estabelecer rotinas previsíveis é outra diretriz prática importante. Horários consistentes, transições claras entre atividades e avisos prévios sobre mudanças ajudam o estudante a se preparar para diferentes momentos do dia, diminuindo comportamentos de resistência e aumentando a sensação de segurança (American Psychiatric Association, 2014). A previsibilidade da rotina permite que o aluno desenvolva autonomia e independência dentro do contexto escolar.

O monitoramento contínuo do progresso acadêmico, comportamental e socioemocional do estudante é indispensável para a eficácia das estratégias implementadas (Araújo, Araújo & Trento, 2022). Avaliações periódicas permitem ajustes imediatos nas intervenções, garantindo que o ensino se mantenha alinhado às necessidades individuais do aluno e que as dificuldades sejam identificadas e abordadas de forma proativa.

A interação entre professores, equipe técnica, terapeutas e familiares fortalece a rede de apoio, permitindo que cada intervenção seja contextualizada, coerente e consistente (Bernier, Dawson & Nigg, 2021). A comunicação constante entre todos os envolvidos facilita a troca de informações sobre o desempenho e as estratégias que se mostraram mais eficazes, garantindo que o aluno receba suporte integral em todos os ambientes.

A formação continuada dos profissionais da educação é um elemento central para a implementação bem-sucedida dessas diretrizes (Bezerra, 2021). Professores capacitados em metodologias inclusivas, manejo de comportamentos e uso de recursos adaptativos tornam-se mais confiantes e preparados para atender às demandas complexas dos estudantes com TEA nível 3.

O desenvolvimento de diretrizes práticas para escolas regulares visa criar um modelo educativo mais inclusivo, que considere as singularidades do estudante com TEA nível 3, promovendo sua participação plena, aprendizado significativo e integração social (American Psychiatric Association, 2014). Essas orientações funcionam como um guia para a construção de uma escola que valoriza a diversidade e respeita as potencialidades de cada aluno.

2.4.10.2. Subsídios para Formação Continuada de Professores

O desenvolvimento de subsídios para a formação continuada de professores e profissionais da educação é essencial para enfrentar os desafios da inclusão de estudantes com TEA nível 3 em escolas regulares. A capacitação contínua garante que toda a equipe escolar compreenda as características específicas do transtorno, suas implicações pedagógicas e a aplicação de estratégias baseadas em evidências, como destacam Bezerra (2021) em estudos sobre inclusão escolar de crianças com TEA.

Os treinamentos sobre TEA devem abranger a compreensão do comportamento, das necessidades sensoriais, comunicacionais e sociais do aluno, permitindo que os profissionais identifiquem sinais de ansiedade, resistência a mudanças e dificuldades de interação. Conforme indicado pelo Conselho Nacional de Educação, por meio da Resolução CNE/CEB nº 2/2001, esses conhecimentos fornecem a base para a tomada de decisões pedagógicas adequadas e para a elaboração de planos de ensino individualizados (Brasil, 2001).

Workshops de técnicas de intervenção oferecem capacitação prática no uso de programas estruturados como ABA (Análise do Comportamento Aplicada), TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Related Communication-Handicapped Children) e PECS (Picture Exchange Communication System). Tais metodologias, apontadas pelo Ministério da Educação em sua Política Nacional de Educação Especial (Brasil, 2008), são fundamentais para promover a aprendizagem significativa, desenvolver habilidades de comunicação e reduzir comportamentos desafiadores.

Oficinas voltadas para escuta ativa e comunicação não verbal ajudam os profissionais a perceber sinais comportamentais e emocionais frequentemente não expressos verbalmente pelos alunos com TEA nível 3. Bezerra (2021) ressalta que desenvolver essas habilidades permite uma interpretação mais precisa das necessidades do estudante, possibilitando respostas pedagógicas adequadas e individualizadas, fortalecendo a parceria escola-família.

Simulações de situações em sala de aula são estratégias eficazes para preparar professores para lidar com crises, resistência a mudanças, comportamentos repetitivos e outros desafios diários. A prática simulada proporciona segurança, confiança e habilidade na tomada de decisões em tempo real, minimizando impactos negativos na aprendizagem e no bem-estar do aluno, conforme destacam normas da LDB (Brasil, 1996).

O apoio contínuo e a supervisão profissional são complementos indispensáveis à formação continuada. Consultorias com terapeutas, psicólogos e especialistas em educação inclusiva permitem que os professores recebam orientações personalizadas, ajustando

práticas pedagógicas e garantindo que as intervenções sejam consistentes, eficazes e alinhadas às necessidades do estudante, segundo Bezerra (2021).

Os subsídios para formação continuada não apenas fortalecem a competência técnica da equipe escolar, mas também promovem uma cultura de colaboração, reflexão e aprendizado contínuo. Ao investir na capacitação de docentes e profissionais de apoio, as escolas ampliam a capacidade de acolher estudantes com TEA nível 3, promovendo inclusão efetiva, socialização, autonomia e desenvolvimento acadêmico e socioemocional, reforçando as diretrizes legais e pedagógicas estabelecidas pelo Ministério da Educação.

2.4.10.3. Ampliação do conhecimento científico sobre Métodos, Programas e Técnicas de Intervenção Neuropsicopedagógica

A ampliação do conhecimento científico sobre métodos, programas e técnicas de intervenção neuropsicopedagógica é fundamental para a atualização das práticas escolares voltadas à inclusão de estudantes com TEA nível 3. A implementação de programas estruturados, como ABA (Análise do Comportamento Aplicada), TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Related Communication-Handicapped Children) e PECS (Picture Exchange Communication System), deve ser adaptada à realidade da escola e às necessidades individuais dos alunos, conforme destacado por Brunoni (2011) ao abordar os aspectos genéticos e neurodesenvolvimentais do autismo e a importância de intervenções especializadas.

O uso de recursos visuais e tecnológicos constitui uma estratégia central no apoio pedagógico. Quadros de rotina, agendas visuais, softwares de comunicação e aplicativos educativos ajudam a tornar o ambiente previsível e estruturado, facilitando a compreensão e a participação ativa dos estudantes, especialmente aqueles com limitações de comunicação e atenção, como evidenciado por Camargo (2013) em sua análise sobre comportamento aplicado como intervenção para o autismo.

O registro e a análise sistemática de dados são essenciais para avaliar a efetividade das intervenções implementadas. Informações sobre desempenho acadêmico, comportamento e interação social permitem ajustes contínuos nos programas pedagógicos, promovendo respostas mais precisas às necessidades de cada aluno. Girianelli (2023) reforça a importância do diagnóstico precoce e do acompanhamento contínuo no desenvolvimento de estratégias de intervenção adequadas e individualizadas.

Pesquisas internas e publicações de estudos de caso constituem mecanismos importantes para compartilhar práticas bem-sucedidas entre os profissionais da instituição. A

troca de experiências e a disseminação de evidências fortalecem o corpo docente e ampliam a compreensão sobre a aplicação de métodos neuropsicopedagógicos, contribuindo para a melhoria contínua das estratégias de ensino. Gomes (2007) demonstra que a aplicação de técnicas estruturadas no ensino de habilidades acadêmicas, como adição e subtração, apresenta resultados positivos quando adaptadas às necessidades cognitivas e sensoriais de estudantes com TEA, reforçando a necessidade de fundamentação científica nas práticas escolares.

O investimento na formação contínua, na aplicação de métodos baseados em evidências e na análise sistemática de dados fortalece a intervenção neuropsicopedagógica, promovendo inclusão efetiva, aprendizagem significativa e desenvolvimento socioemocional de estudantes com TEA nível 3, criando ambientes educacionais mais inclusivos, previsíveis e estimulantes.

2.4.10.4. Melhoria do acolhimento escolar, promovendo bem-estar, autonomia e socialização dos alunos

A melhoria do acolhimento escolar de estudantes com TEA nível 3 requer a criação de um ambiente inclusivo, seguro e estimulante, que favoreça o bem-estar, a autonomia e a socialização. A disponibilização de espaços de apoio e relaxamento é essencial, permitindo que o aluno se acalme durante crises ou momentos de sobrecarga sensorial, reduzindo níveis de ansiedade e promovendo maior controle emocional, como enfatizado por Guedes (2015) em estudos sobre a produção científica em psicologia e educação no contexto do autismo.

Atividades sociais mediadas são igualmente importantes para estimular a interação entre estudantes. Pequenos grupos, jogos cooperativos e projetos baseados nos interesses do aluno contribuem para o desenvolvimento de habilidades sociais e para a construção de vínculos com colegas, conforme indicado por Ischkanian (2022), que defende o uso de portfólios educacionais como estratégia facilitadora para a aprendizagem e socialização de crianças com TEA.

O incentivo à autonomia deve ser incorporado gradualmente às práticas escolares, treinando habilidades de vida diária, participação em tarefas escolares e autocuidado, com acompanhamento individualizado. Ischkanian (2020) destaca que métodos, programas e técnicas educacionais estruturadas permitem que estudantes com TEA adquiram maior independência sem comprometer seu engajamento acadêmico.

A integração familiar é outro elemento central para um acolhimento eficaz. Estimular a parceria entre escola e família garante que estratégias pedagógicas e

comportamentais sejam consistentes entre os ambientes escolar e doméstico, fortalecendo vínculos afetivos e promovendo segurança emocional. Volkmar e Wiesner (2019) ressaltam que a colaboração entre professores, terapeutas e familiares é fundamental para o desenvolvimento de programas individualizados e para o acompanhamento contínuo do aluno.

A construção de uma cultura escolar inclusiva envolve sensibilizar toda a comunidade escolar para o respeito à diversidade, valorização das diferenças individuais e participação ativa de todos os alunos. A conscientização e o engajamento de professores, funcionários e estudantes favorecem a aceitação, diminuem o preconceito e criam condições para uma aprendizagem colaborativa, como apontam as recomendações da Organização Mundial da Saúde (WHO, 2013) sobre a inclusão de crianças com transtornos do espectro autista.

A análise das características clínicas individuais dos estudantes permite ajustes finos na organização das atividades escolares, garantindo que cada intervenção seja adaptada às necessidades específicas de cada aluno. Yianni-Coudurier et al. (2008) evidenciam que compreender essas particularidades influencia diretamente a eficácia das estratégias de inclusão em salas de aula regulares, tornando possível a maximização da aprendizagem e da socialização dos estudantes com TEA nível 3.

O acolhimento escolar não se restringe à presença física do aluno na sala de aula, mas envolve um conjunto articulado de estratégias que promovem bem-estar emocional, autonomia, desenvolvimento social e engajamento acadêmico. A combinação de espaços adaptados, atividades mediadas, incentivo à autonomia, integração familiar e cultura inclusiva constitui um conjunto de práticas fundamentais para garantir que estudantes com TEA nível 3 tenham oportunidades de aprendizagem significativas e participação plena na comunidade escolar.

2.4.11. Análise dos dados das respostas das questões

A avaliação de crianças com autismo minimamente verbal constitui um desafio complexo e multifacetado, como destacado por Kasari, Brady, Lord e Tager-Flusberg (2013). Esses autores enfatizam que, embora essas crianças apresentem limitações significativas na comunicação verbal, a avaliação deve ser abrangente e considerar habilidades cognitivas, sociais e adaptativas de forma integrada. O estudo propõe instrumentos específicos e protocolos de observação para capturar nuances da comunicação não verbal, incluindo gestos, expressões faciais, contato visual e tentativas de interação,

elementos essenciais para um diagnóstico preciso e para o planejamento de intervenções pedagógicas. A análise desses dados permite identificar padrões individuais, estabelecer metas realistas de aprendizado e orientar estratégias personalizadas, que respeitem as características únicas de cada criança.

Na perspectiva escolar, Kasari e Smith (2013) abordam a implementação de intervenções para crianças com TEA, destacando métodos eficazes que combinam instrução direta, ensino estruturado e integração social. A pesquisa enfatiza que intervenções baseadas em evidências, como ABA (Applied Behavior Analysis) e TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Communication related handicapped Children), podem ser adaptadas ao contexto da escola regular, promovendo inclusão e aprendizado significativo. Além disso, os autores sugerem que o envolvimento dos professores e da equipe escolar é crucial, pois a consistência na aplicação de métodos pedagógicos, alinhada à rotina diária do aluno, aumenta a eficácia das intervenções. Essa abordagem também requer treinamento contínuo dos profissionais da educação, garantindo que compreendam tanto os desafios comportamentais quanto as potencialidades cognitivas dos alunos com TEA.

O contexto familiar exerce papel determinante no desenvolvimento social e emocional da criança com autismo, conforme analisado por Pietrszak e Facion (2006). O estudo destaca que a relação entre a criança autista e seus irmãos pode influenciar significativamente o aprendizado de habilidades sociais e a regulação emocional. A dinâmica familiar, incluindo o apoio afetivo, a estruturação de rotinas e a comunicação consistente, impacta diretamente o engajamento da criança em atividades escolares e terapêuticas. Além disso, o envolvimento ativo da família na elaboração de planos de intervenção e na manutenção de estratégias aplicadas na escola contribui para a generalização de comportamentos positivos e habilidades sociais em múltiplos contextos.

No campo metodológico, a aplicação de estatística descritiva é essencial para analisar o progresso de alunos com TEA, permitindo compreender tendências individuais e coletivas. Santos (2018) destaca que técnicas de estatística descritiva, como médias, desvios padrão, frequência e percentuais, podem ser usadas para interpretar dados educacionais, comportamentais e adaptativos de forma clara e objetiva. Essa abordagem possibilita a visualização de padrões de aprendizagem, a identificação de áreas de dificuldade e a avaliação da eficácia de programas educacionais e terapêuticos. Além disso, a utilização de dados quantitativos integrada à análise qualitativa, como observações e relatos familiares, fortalece a tomada de decisão pedagógica baseada em evidências.

A promoção de habilidades sociais é um dos pilares centrais do ensino para crianças com TEA, especialmente para aquelas minimamente verbais. Souza, Araújo e

Barbosa (2022) ressaltam que intervenções estruturadas que combinam modelagem, reforço positivo e atividades mediadas por pares são eficazes na aquisição de competências sociais, como turn-taking, compreensão de regras e iniciação de interações. O estudo evidencia que essas práticas devem ser contínuas, individualizadas e contextualizadas, respeitando o ritmo de aprendizado da criança e adaptando-se aos estímulos do ambiente escolar. A implementação dessas estratégias contribui não apenas para a integração social, mas também para a autonomia, autoestima e regulação emocional do aluno.

Volkmar e Wiesner (2018) oferecem uma visão abrangente sobre autismo, destacando que a compreensão das características individuais de cada criança é fundamental para o sucesso das intervenções. A obra enfatiza que, além das habilidades cognitivas e comunicativas, é essencial considerar fatores sensoriais, emocionais e motivacionais, pois esses elementos influenciam diretamente o engajamento e a participação na escola. Os autores defendem que a colaboração entre profissionais da educação, terapeutas e familiares é imprescindível para criar um ambiente consistente, seguro e estimulante, que permita o desenvolvimento de habilidades acadêmicas e sociais de forma integrada.

A integração dessas perspectivas evidencia a importância de intervenções multicomponentes, que combinem avaliação precisa, planejamento pedagógico individualizado, suporte familiar e estratégias terapêuticas baseadas em evidências. As pesquisas de Kasari e Smith (2013) e Souza et al. (2022) sugerem que programas estruturados, quando adaptados à realidade escolar, podem promover avanços significativos em comunicação, socialização e autonomia, mesmo em crianças minimamente verbais. Além disso, a coleta sistemática de dados, conforme orientações de Santos (2018), permite monitorar progresso, ajustar estratégias e documentar resultados de forma objetiva.

A análise dos dados também evidencia que a escuta ativa e a observação detalhada são ferramentas fundamentais para compreender as necessidades individuais dos alunos com TEA nível 3. Kasari et al. (2013) destacam que a atenção aos sinais não verbais, como gestos, expressões e tentativas de interação, é essencial para orientar estratégias pedagógicas e terapêuticas. Essa abordagem permite antecipar crises, personalizar intervenções e promover experiências de aprendizado positivas, fortalecendo o engajamento da criança e aumentando a efetividade do acolhimento escolar.

A articulação entre escola e família, considerada por Pietrszak e Facion (2006) e Volkmar e Wiesner (2018) como determinante para o sucesso educacional e social da criança. A colaboração constante, o alinhamento de estratégias e o compartilhamento de informações entre professores, terapeutas e familiares favorecem a generalização de

habilidades, fortalecem vínculos afetivos e promovem um ambiente de suporte consistente em múltiplos contextos.

A análise das referências evidencia que a inclusão de estudantes com TEA nível 3 em escolas regulares requer uma abordagem integrada, que combine avaliação precisa, intervenção estruturada, escuta ativa, ensino de habilidades sociais e envolvimento familiar. O uso de métodos baseados em evidência, adaptação curricular, monitoramento sistemático e colaboração entre todos os agentes educativos constitui a base para um acolhimento eficaz, promovendo não apenas aprendizagem acadêmica, mas também bem-estar, autonomia e socialização dos alunos.

Tabela 2: Analise da inclusão de estudantes com TEA Nível 3 em escolas regulares.

Categoria Temática	Desafios Identificados	Estratégias Eficazes	Responsáveis Colaboradores
Comunicação e Interação Social	- Dificuldade de comunicação verbal e não verbal - Isolamento ou interação inadequada com colegas	- Recursos visuais, pictogramas, agendas visuais - Tecnologias assistivas (PECS, tablets) - Atividades em pequenos grupos e jogos cooperativos - Treinamento de colegas típicos	Professores, Profissionais terapêuticos, Familiares
Planejamento, Currículo e Métodos Pedagógicos	- Necessidade de adaptações curriculares - Falta de capacitação docente - Equilibrar atenção individual e dinâmica da turma	- Planos de intervenção individualizados - Flexibilização de tarefas e formas de expressão acadêmica - Implementação de programas estruturados (ABA, TEACCH, PECS)	Professores, Coordenadores, Profissionais terapêuticos
Gestão Comportamental e Bem-Estar	- Crises de ansiedade e comportamentos desafiadores - Sensibilidade a estímulos sensoriais (ruídos, luzes)	- Rotinas previsíveis e avisos de transição - Espaços de apoio e relaxamento - Técnicas de autorregulação e reforço positivo - Acompanhamento terapêutico	Professores, Profissionais terapêuticos, Familiares
Formação, Parceria e Cultura Escolar	- Lacunas na formação docente - Falta de colaboração entre escola, família e especialistas	- Formação continuada em neuropsicopedagogia - Escuta ativa e alinhamento de estratégias - Reuniões periódicas entre escola, família e terapeutas - Sensibilização da comunidade escolar	

Fonte: Giane Demo e Simone Ischkanian, 2025.

2.5. TEA NÍVEL 3: PROMOÇÃO DE UM AMBIENTE ACOLHEDOR

A promoção de práticas inclusivas e a criação de um ambiente acolhedor são aspectos centrais para o sucesso da inclusão de estudantes com TEA nível 3 em escolas regulares. A valorização da participação social desses alunos exige atenção às suas necessidades individuais e à adaptação das atividades pedagógicas para promover aprendizado significativo e integração social. Segundo a American Psychiatric Association (2014), crianças com TEA nível 3 apresentam limitações severas de comunicação e interação social, o que torna essencial a implementação de estratégias que facilitem a participação plena em atividades coletivas e individuais.

O uso de atividades lúdicas adaptadas é uma das práticas recomendadas, permitindo que os estudantes explorem suas habilidades de forma divertida e engajadora. A integração de interesses específicos do aluno nas tarefas pedagógicas aumenta a motivação e fortalece o vínculo entre professor e estudante, como destaca Bernier, Dawson e Nigg (2021), que ressaltam a importância de adaptar os conteúdos ao perfil individual de cada criança para promover aprendizado significativo.

O estímulo à comunicação alternativa, incluindo recursos visuais, quadros de rotina, aplicativos de comunicação e sinais gestuais, favorece a expressão de necessidades, desejos e emoções, permitindo que o estudante se envolva ativamente nas atividades escolares. A inclusão desses recursos no cotidiano da sala de aula contribui para a autonomia e reduz a frustração decorrente da dificuldade de comunicação, conforme evidenciado por Araujo, Araujo e Trento (2022) em estudos sobre escolarização de crianças com transtorno do espectro autista.

Incentivar a interação com os pares é outra estratégia relevante. Bezerra (2021) enfatiza que atividades em pequenos grupos, jogos cooperativos e projetos compartilhados ajudam a desenvolver habilidades sociais e a criar oportunidades de socialização segura. Essa prática não apenas melhora a competência social, mas também contribui para a compreensão e aceitação da diversidade pelos colegas típicos.

Combater o preconceito e promover a conscientização da comunidade escolar são medidas essenciais. Bezerra et al. (2021) destacam que programas de sensibilização para professores, alunos e familiares contribuem para a construção de uma cultura escolar inclusiva, onde as diferenças individuais são valorizadas e respeitadas. Essa abordagem ajuda a prevenir o isolamento social, reduz comportamentos discriminatórios e fortalece o sentimento de pertencimento do estudante com TEA.

A observação e a adaptação contínua do ambiente escolar. Bezerra (2021) relata que ajustes no espaço físico, organização de rotinas previsíveis e disponibilidade de áreas de

descanso contribuem para reduzir sobrecarga sensorial e ansiedade, favorecendo o engajamento e a participação do aluno em todas as atividades.

A construção de um ambiente sensível, acolhedor e inclusivo depende da articulação de múltiplas estratégias pedagógicas e sociais, da formação continuada dos professores e da participação ativa da comunidade escolar. Bezerra (2021) reforça que a implementação consistente dessas práticas promove um espaço seguro e estimulante, no qual o estudante com TEA nível 3 pode desenvolver suas potencialidades, socializar de forma significativa e participar plenamente da vida escolar.

3. CONCLUSÃO

A inclusão de estudantes com TEA nível 3 em escolas regulares é um desafio que exige sensibilidade, planejamento e dedicação, mas também oferece oportunidades valiosas de aprendizagem e crescimento para toda a comunidade escolar. Quando a escola se compromete com a implementação de métodos, programas e técnicas adaptadas, cria-se um ambiente que respeita as necessidades individuais e valoriza a diversidade como um recurso pedagógico, promovendo experiências significativas para todos os alunos.

O acolhimento desses estudantes fortalece a prática pedagógica ao estimular a reflexão sobre estratégias de ensino, rotinas estruturadas e recursos de apoio que beneficiam não apenas os alunos com TEA, mas toda a sala de aula. Ao investir em planejamento individualizado, a escola garante que cada estudante possa desenvolver suas habilidades cognitivas, sociais e emocionais em ritmo próprio, permitindo conquistas graduais que reforçam a autoestima e a autonomia.

O desenvolvimento de programas estruturados e metodologias baseadas em evidências possibilita que os professores atuem com segurança e clareza, sabendo quais intervenções podem promover maior engajamento e aprendizagem. Ao mesmo tempo, a adaptação de atividades e recursos torna o ambiente mais acessível, previsível e acolhedor, reduzindo situações de ansiedade e frustrando menos o processo de aprendizagem.

A formação continuada da equipe escolar emerge como fator determinante para o sucesso da inclusão. Quando professores, mediadores e profissionais de apoio recebem capacitação constante, o conhecimento sobre características, comportamentos e necessidades dos estudantes com TEA nível 3 se transforma em práticas efetivas, colaborativas e inovadoras. Esse investimento promove confiança e competência para lidar com situações complexas e desafiadoras do cotidiano escolar.

A colaboração entre docentes, familiares e profissionais terapêuticos fortalece a rede de apoio e garante coerência nas estratégias adotadas. Essa parceria possibilita que

intervenções sejam alinhadas e ajustadas de acordo com as respostas do estudante, promovendo progressos consistentes e integrando a aprendizagem acadêmica com o desenvolvimento socioemocional. A comunicação aberta entre todos os envolvidos contribui para um acolhimento contínuo e humanizado.

A utilização de recursos visuais, tecnológicos e de comunicação alternativa amplia as possibilidades de expressão, interação e participação ativa do aluno com TEA nível 3. Esses instrumentos, aliados a atividades lúdicas, jogos cooperativos e projetos adaptados, promovem a socialização e fortalecem vínculos afetivos com colegas e educadores, favorecendo um ambiente inclusivo e estimulante.

O compromisso da escola com a construção de uma cultura inclusiva tem impactos positivos não apenas nos estudantes com TEA, mas também no desenvolvimento de valores de empatia, respeito e solidariedade em toda a comunidade escolar. A valorização das diferenças e a percepção das potencialidades de cada indivíduo transformam a escola em um espaço democrático, onde a diversidade é reconhecida como fonte de aprendizagem e enriquecimento coletivo.

A implementação de estratégias de acolhimento estruturadas, associada ao acompanhamento contínuo e à avaliação constante das práticas pedagógicas, possibilita ajustes em tempo real que garantem a eficácia das intervenções. Esse processo permite que os alunos com TEA nível 3 alcancem progresso acadêmico, maior independência e participação plena nas atividades escolares, fortalecendo a confiança em si mesmos e a percepção de pertencimento à comunidade escolar.

A inclusão de estudantes com TEA nível 3 em ambientes regulares, quando realizada de forma planejada, colaborativa e baseada em estratégias adaptadas, revela-se uma experiência enriquecedora para toda a escola. O desafio de acolher essas crianças transforma-se em oportunidade de inovação pedagógica, desenvolvimento humano e construção de uma educação mais justa, inclusiva e capaz de reconhecer e potencializar as singularidades de cada aluno.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 50-59.

ARAÚJO, Leydiane Monteiro Merlo; ARAÚJO, Michell Pedruzzi Mendes Araújo; TRENTO, Sabrina da Silva Machado. **Inclusão e escolarização da criança com transtorno do espectro autista na Educação infantil: um olhar a partir da perspectiva de uma mãe**. In: As transformações plurais dos cenários educativos: volume 2. Organizadoras: Eunice Nóbrega Portela, Dirce Maria da Silva, Bruna Beatriz da Rocha, Rebeca Freitas Ivanicska. Itapiranga: Schreiben, 2022. 266 p.: il.; e-book.

BERNIER, Raphael; DAWSON, Geraldine; NIGG, Joel T. **O que a ciência nos diz sobre o transtorno do espectro autista: fazendo as escolhas certas para o seu filho**. Tradução: Sandra Maria Mallmann da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2021.

BEZERRA, Agata Ananda de Aquino. **O Transtorno do Espectro Autista (TEA): relato de experiência vivenciado numa escola municipal de Natal/RN**. Natal, 2021.

BEZERRA, Nathália do Nascimento Silva et al. **Inclusão escolar de crianças dentro do transtorno do espectro autista**. 2021.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001: Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília, DF, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial (SEESP). **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**.

BRUNONI, Décio. **Genética e os Transtornos do Espectro do Autismo**. In: SCHWARTZMAN, José Salomão; ARAÚJO, Ceres Alves. Transtorno do Espectro do Autismo. São Paulo: Memnon, 2011. Cap. 05, p. 55–64.

CAMARGO, S. P. H.; RISPOLI, M. **Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos**. Revista Educação Especial, Santa Maria, RS, v. 26, n. 47, p. 639-650, set./dez. 2013.

CABRAL, Gladys Nogueira. **Benefícios e estratégias do pensamento crítico: o caminho para um raciocínio mais eficaz.** In: CABRAL, Gladys Nogueira. (org.). Unindo Saberes: Caminhos para o desenvolvimento do pensamento crítico, formação e inovação educacional. *Volume 2*. Formiga (MG): Editora MultiAtual. 174 p. Il. ISBN 978-65-6009-159-7. DOI: 10.5281/zenodo.15136248. 2025.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

DEMO, Giane; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; VIEIRA, Nívea Maria Costa; CARVALHO, Silvana Nascimento de; ISCHKANIAN,

Sandro Garabed. **Estratégias pedagógicas inclusivas para alunos com dislexia no Ensino Fundamental I.** 2025. Disponível em: https://www.academia.edu/143414199/Estrat%C3%A9gias_pedag%C3%B3gicas_inclusivas_para_alunos_com_dislexia_no_ensino_F1. Acesso em: 12 out. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAIATO, Mayra; TEIXEIRA, Gustavo. **O reizinho autista: Guia para lidar com comportamentos difíceis**. São Paulo: nVersos, 2018.

GAIATO, Mayra. **S.O.S. autismo: guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista**. São Paulo: nVersos, 2018.

GASPAROTTO, Denise Moreira; MENEGASSI, Renilson José. **Aspectos da pesquisa colaborativa na formação docente**. Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 948-973, set./ago. 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIRIANELLI, Vania Reis et al. **Diagnóstico precoce do autismo e outros transtornos do desenvolvimento. Brasil, 2013–2019**. Revista de Saúde Pública, v. 57, p. 21, 2023.

GOMES, Camila Graciella Santos. **Autismo e ensino de habilidades acadêmicas: adição e subtração**. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 13, p. 345-364, 2007.

GUEDES, Nelzira Prestes da Silva; TADA, Iracema Neno Cecilio. **Brazilian Scientific Production in Psychology and Education on Autism**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 31, p. 303-309, 2015.

ISCHKANIAN, Sandro Garabed; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond. **Inclusão, Autismo e Educação: O método de Portfólios Educacionais como estratégia facilitadora no processo de ensino e aprendizagem de crianças**. Práticas Inclusivas na Educação Básica, p. 66, 2022.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond. **Métodos, programas e técnicas educacionais para autistas**. 2020. Disponível em: https://lepedi-unirio-ufrrj.com.br/wp-content/uploads/2020/11/Autismo-Metodos-e-programas.pdf. Acesso em: 11 out. 2025.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; TEIXEIRA, Andreia de Lima Aragão; SILVA, Milca Ruiz da; SILVA, Lucas Serrão da; CARVALHO, Silvana Nascimento de; VENDITTE, Neuza. **O desafio da inclusão escolar: como a pedagogia contemporânea contribui para a educação inclusiva.** 2024. Disponível em: https://www.passeidireto.com/arquivo/160305770/o-desafio-da-inclusao-escolar. Acesso em: 9 out. 2025.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond. B**rincadeiras na construção do processo de aprendizagem do autista.** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2025. Disponível em: https://proinclusao.ufc.br/wp-content/uploads/2018/09/75-jogos-e-brincadeiras-na-aprendizagem-do-autista-1.pdf. Acesso em: 9 out. 2025.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond. **Autismo e a atuação do professor.** Campinas: PAICA, 2023. Disponível em: https://paicacampinas.org/uploads/2023/12/AUTISMO-E-A-ATUA%C3%87%C3%83O-DO-PROFESSOR.pdf. Acesso em: 9 out. 2025.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; BELCHIOR, Idênis Glória; SILVA, Francisca Araújo da; RONQUE, Wanessa Delgado Silva; DEMO, Giane. **Neuropsicopedagogia e inclusão: transtornos e distúrbios de aprendizagem e o T21.** 2025. Disponível em: https://www.passeidireto.com/arquivo/161188382/neuropsicopedagogia-e-inclusao-t-21. Acesso em: 8 out. 2025.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond. **TEA e alfabetização: mapeamento e análise.** *Revista Brasileira de Educação Básica*, v. 70, p. 1-15, 19 nov. 2024. Disponível em: https://rbeducacaobasica.com.br/2024/11/19/tea-e-alfabetizacao-mapeamento-e-analise/. Acesso em: 8 out. 2025.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond. **Projeto: Autismo e Educação.** 2023. Repositório Institucional da UFPB. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/VKOC22042024. Acesso em: 8 out. 2025.

KASARI, C.; BRADY, N.; LORD, C.; TAGER-FLUSBERG, H. **Assessing the minimally verbal school-aged child with autism**. Autism Research, 6(6), 479-493, 2013.

KASARI, C.; SMITH, T. **Interventions in schools for children with autism spectrum disorder: Methods and recommendations**. Autism, 17(3), 254-267, 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental**. In: Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986. p. 25-44.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. Atualização João Bosco Medeiros. 8. ed. Barueri, SP: Atlas, 2022.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. Atualização da edição por João Bosco Medeiros. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MACHADO, Gabriela Duarte Silva. **A importância da rotina para crianças autistas na educação básica**. Revista Gepesvida, v. 5, n. 10, 2019.

MATOS, Abraão Danziger. **Educação Especial em Pauta: Além das Práticas para uma Escola mais Diversa e Inclusiva**. Práticas Inclusivas na Educação Básica, p. 26, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GUERRIERO, Iara Coelho Zito. **Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 19, p. 1103-1112, 2014.

PAULO, Rosa Monteiro; AMARAL, Carmen Lúcia Costa; SANTIAGO, Rosemary Aparecida. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 10, n. 3, 2010.

PIETSRZAK, Silvane Paula; FACION, José Raimundo. **Pessoas com autismo e seus irmãos**. Revista Intersaberes, v. 1, n. 1, p. 168-185, 2006.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em ciências sociais**. 3. ed. Lisboa: Gradiva, 2008.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, C. M. L. S. A. **Estatística Descritiva: Manual de Auto-Aprendizagem**. 3ª ed. Lisboa: Edições Sílabo, 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016.

SOUZA, C. A. F.; ARAÚJO, H. J. N. DE; BARBOSA, M. F. **Ensino de habilidades sociais para pessoas com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática**. Revista Educação Especial, [S. l.], v. 35, p. e19/1–16, 2022.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **O método materialista histórico e dialético para a pesquisa em educação**. Rev. Simbio-Logias, v. 12, n. 17, 2020.

UNESCO. **Declaração de Salamanca Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Salamanca, Espanha, 1994.

UZÊDA, Sheila de Quadros; BARBOSA, Regiane da Silva. **Formação de professores no Curso de Pedagogia da UFBA e a atuação docente na perspectiva inclusiva**. Revista Exitus, Santarém/PA, vol. 10, p. 01-27, e020095, 2020.

UZÊDA, Sheila de Quadros. **Educação inclusiva**. Superintendência de Educação a Distância. Salvador, 2019.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 14. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

VOLKMAR, F. R.; WIESNER, L. A. **Autismo: guia essencial para compreensão e tratamento**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2018.

VOLKMAR, Fred; WIESNER, Lisa. **Avaliação diagnóstica e perfil de investigação**. In: Autismo: guia essencial para compreensão e tratamento. Tradução: Sandra Maria Mallmann da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2019. p. 25–48.

WHO. World Health Organization et al. **Autism spectrum disorders & other developmental disorders: From raising awareness to building capacity**. Geneva: WHO Document Production Services, 2013.

YIANNI-COUDURIER, C. et al. **What clinical characteristics of children with autism influence their inclusion in regular classrooms?** Journal of Intellectual Disability Research, [Oxford, England], v. 52, n. 10, p. 855-863, Oct. 2008.

E-BOOK - 2025

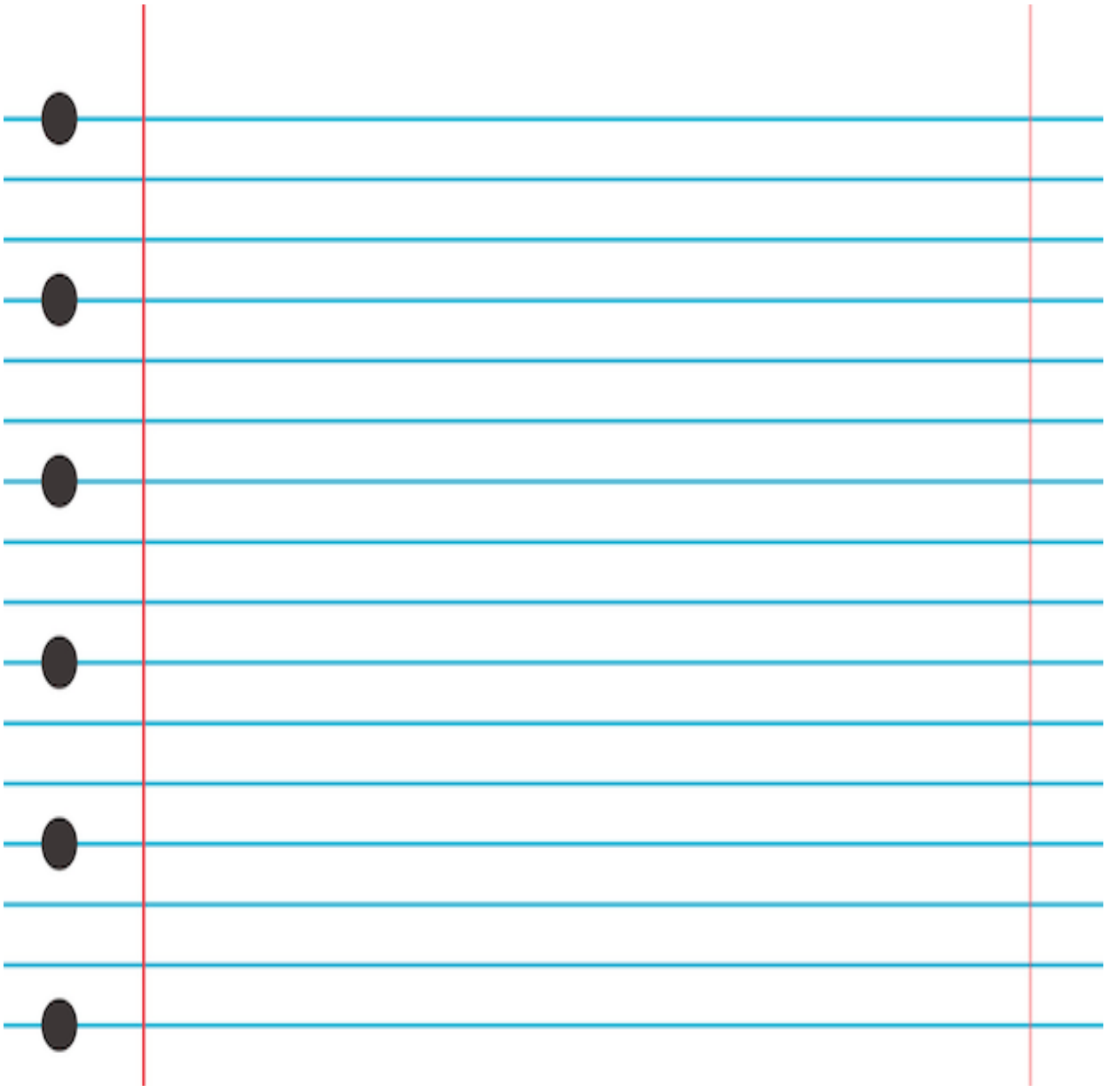
GIANE DEMO

DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NÍVEL 3 NO AMBIENTE ESCOLAR REGULAR

MÉTODOS, PROGRAMAS E TÉCNICAS

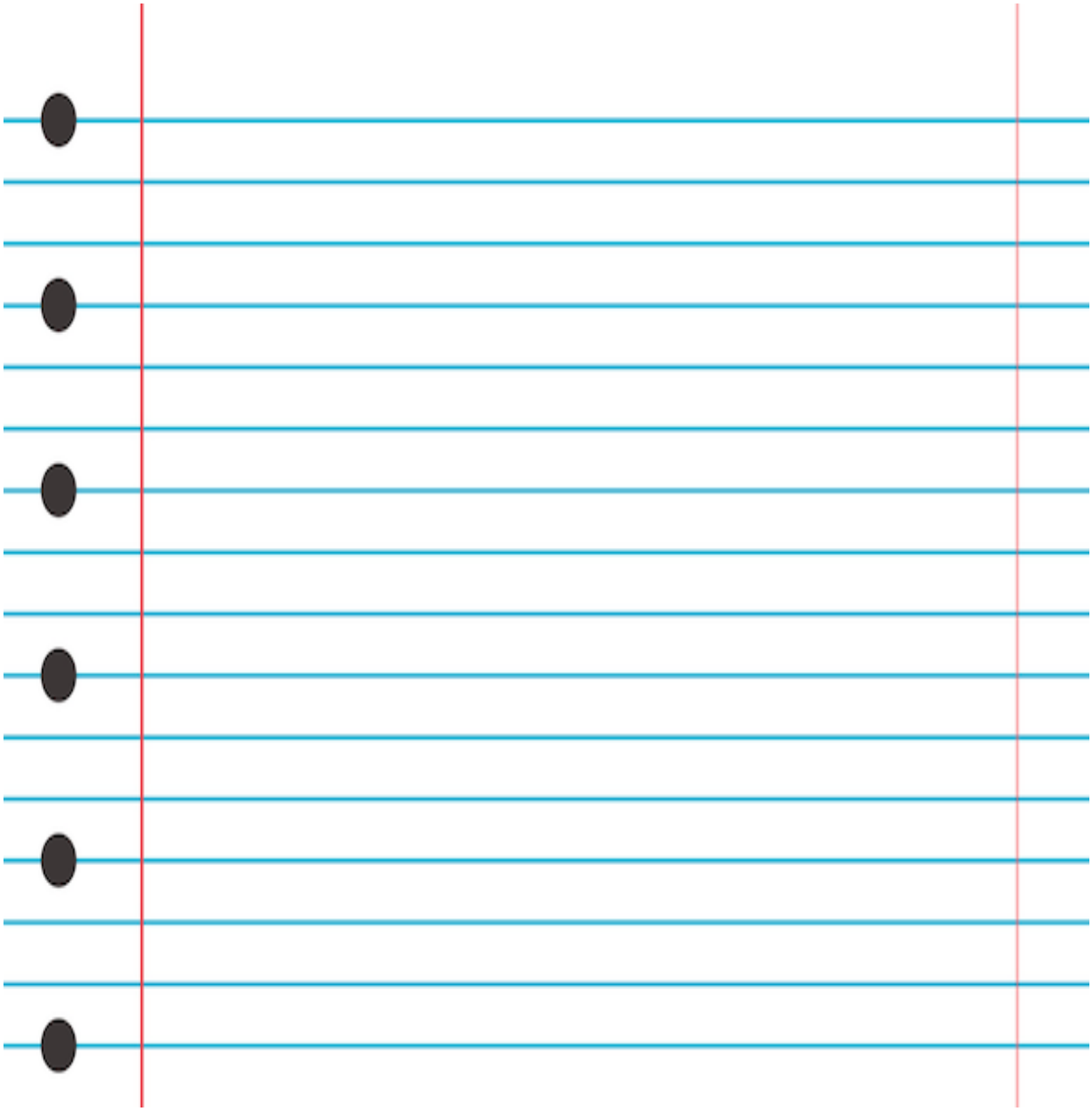
GD – Questão 1: Desafios enfrentados pelos professores na inclusão de estudantes com TEA nível 3

Os professores enfrentam desafios significativos na inclusão de estudantes com TEA nível 3, pois esses alunos frequentemente apresentam comunicação limitada, dificuldades na compreensão de regras sociais e comportamentos repetitivos ou de autossabotagem. A aprendizagem deve ser planejada de forma individualizada, exigindo atenção constante para interpretar sinais não verbais e antecipar necessidades. A subjetividade do desafio também envolve a percepção emocional do docente, que precisa lidar com frustração, ansiedade e a responsabilidade de garantir segurança e engajamento de toda a turma. Criativamente, esses desafios estimulam o desenvolvimento de soluções pedagógicas inovadoras, como atividades sensoriais integradas e métodos de ensino visualmente estruturados.



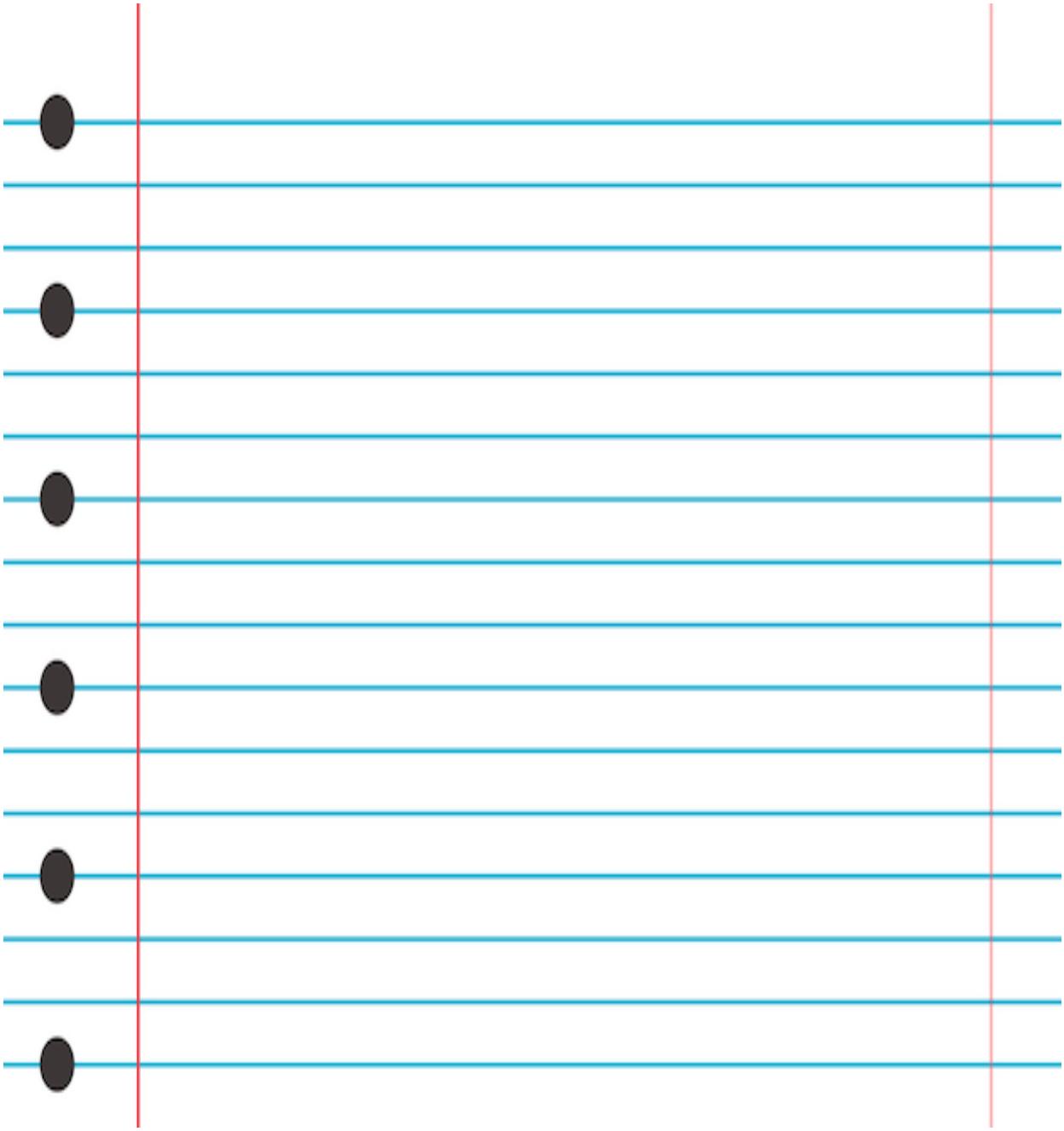
GD – Questão 2: Estratégias para prevenir e gerenciar comportamentos agressivos ou crises de ansiedade

Para prevenir crises de ansiedade ou comportamentos agressivos, os professores podem utilizar rotinas previsíveis, comunicação visual e planejamento de transições gradativas. Estratégias objetivas incluem o estabelecimento de um espaço de calma, o uso de reforços positivos e a antecipação de situações que gerem estresse. Subjetivamente, a empatia do docente é essencial para interpretar sinais sutis de desconforto antes que se transformem em crises. De forma criativa, a construção de um “kit de relaxamento” com objetos sensoriais, fantoches ou atividades lúdicas permite que o aluno regule suas emoções e retorne à atividade com segurança.



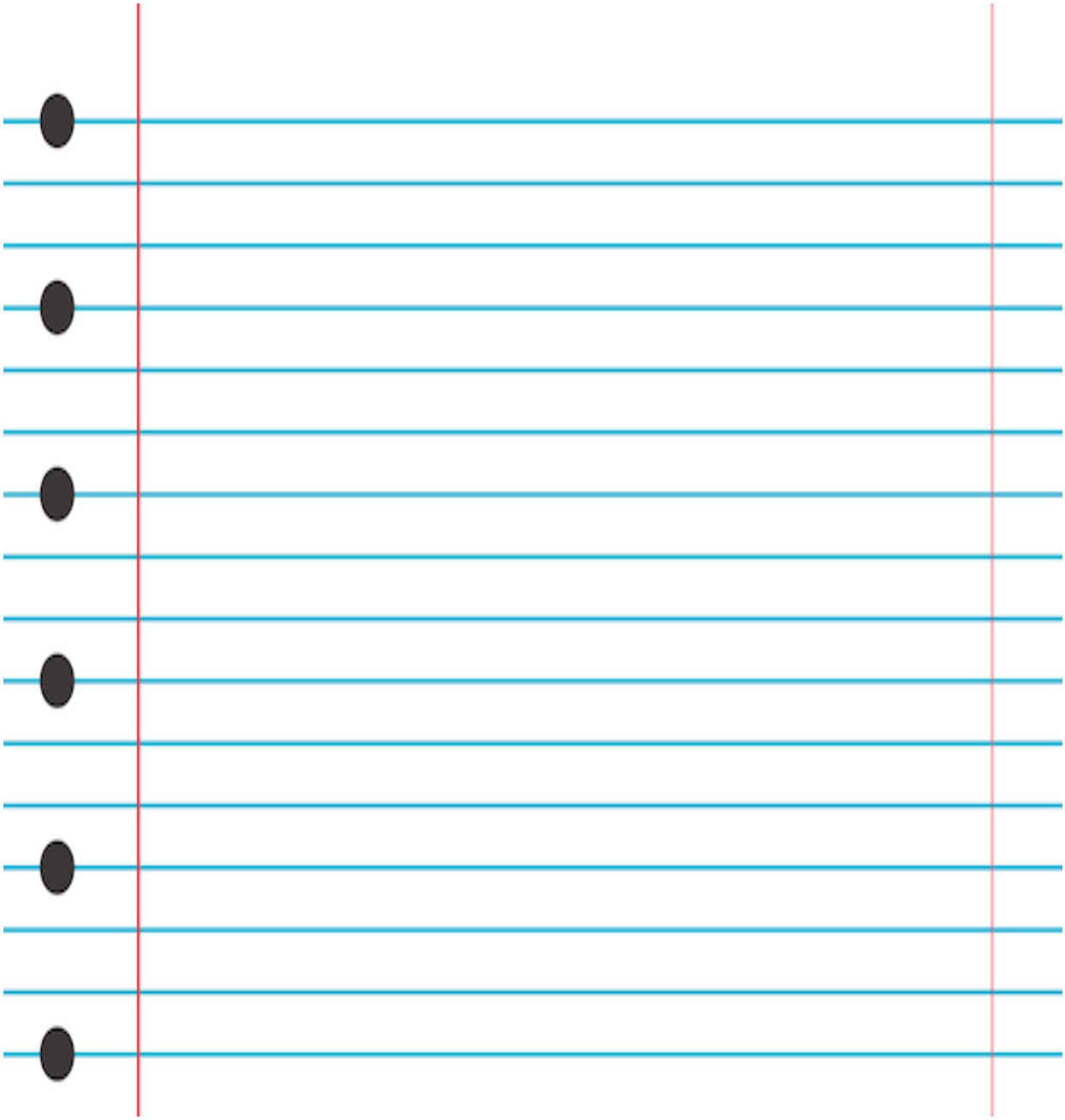
GD – Questão 3: Técnicas e recursos para comunicação de alunos não verbais

Alunos não verbais podem se beneficiar de linguagem alternativa, pictogramas, quadros de rotina e tecnologias assistivas como tablets com aplicativos de comunicação. Objetivamente, a seleção adequada do recurso depende da avaliação das habilidades cognitivas e motoras do aluno. Subjetivamente, é necessário compreender a preferência individual e reforçar a motivação para comunicar-se. Criativamente, jogos interativos, histórias visuais e aplicativos personalizados podem incentivar a expressão, promovendo autonomia e engajamento em contextos acadêmicos e sociais.



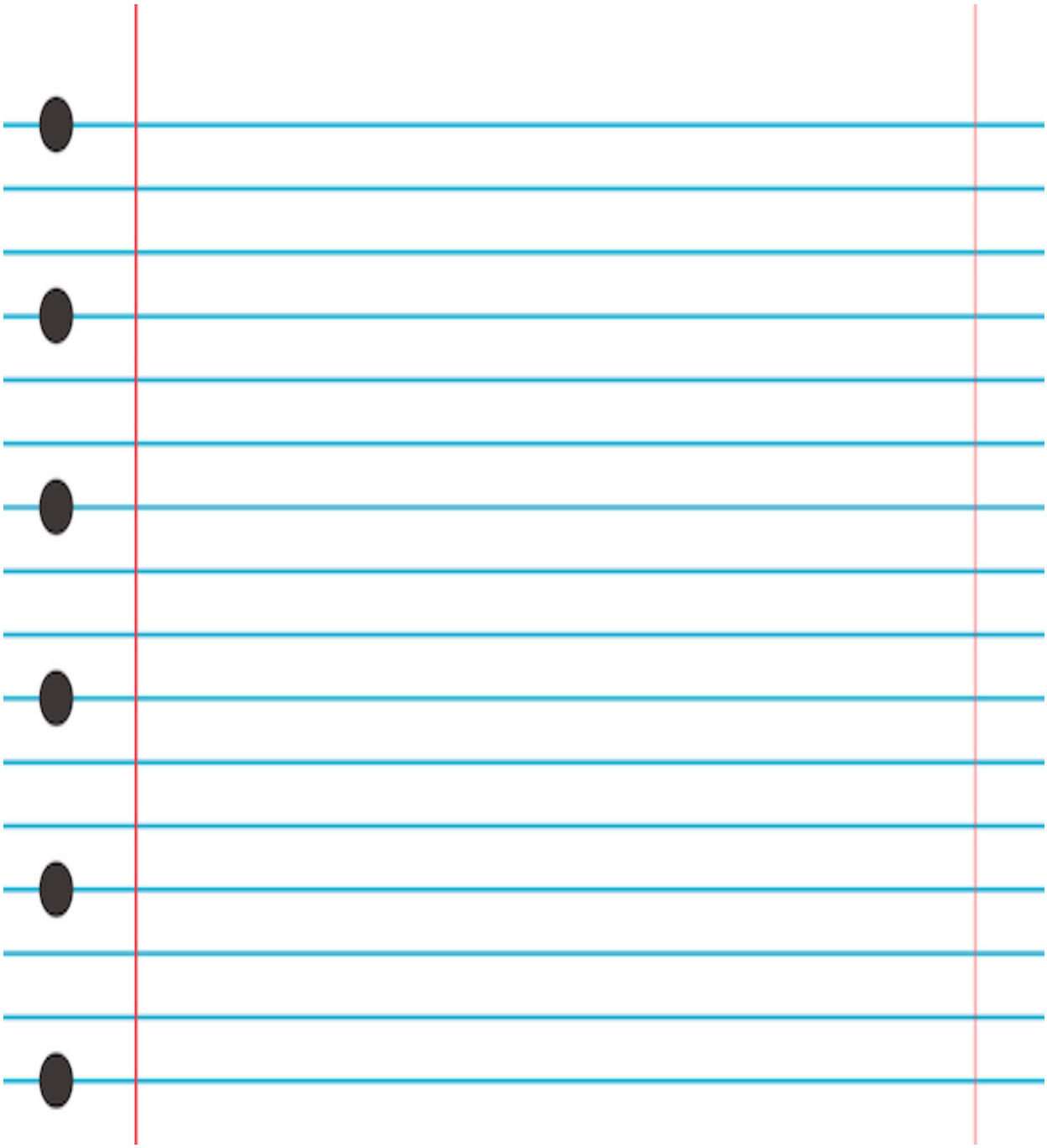
GD – Questão 4: Promoção da socialização e interação positiva com colegas

A socialização de estudantes com TEA nível 3 exige estratégias que respeitem limites sensoriais e comportamentais. Atividades em pequenos grupos, jogos cooperativos e projetos que integrem interesses específicos favorecem a interação gradual. Objetivamente, a mediação de um educador ou assistente garante que a comunicação seja compreendida. Subjetivamente, a paciência e compreensão do grupo são fundamentais. Criativamente, experiências lúdicas e temáticas podem transformar a socialização em uma oportunidade prazerosa e significativa, fortalecendo vínculos afetivos.



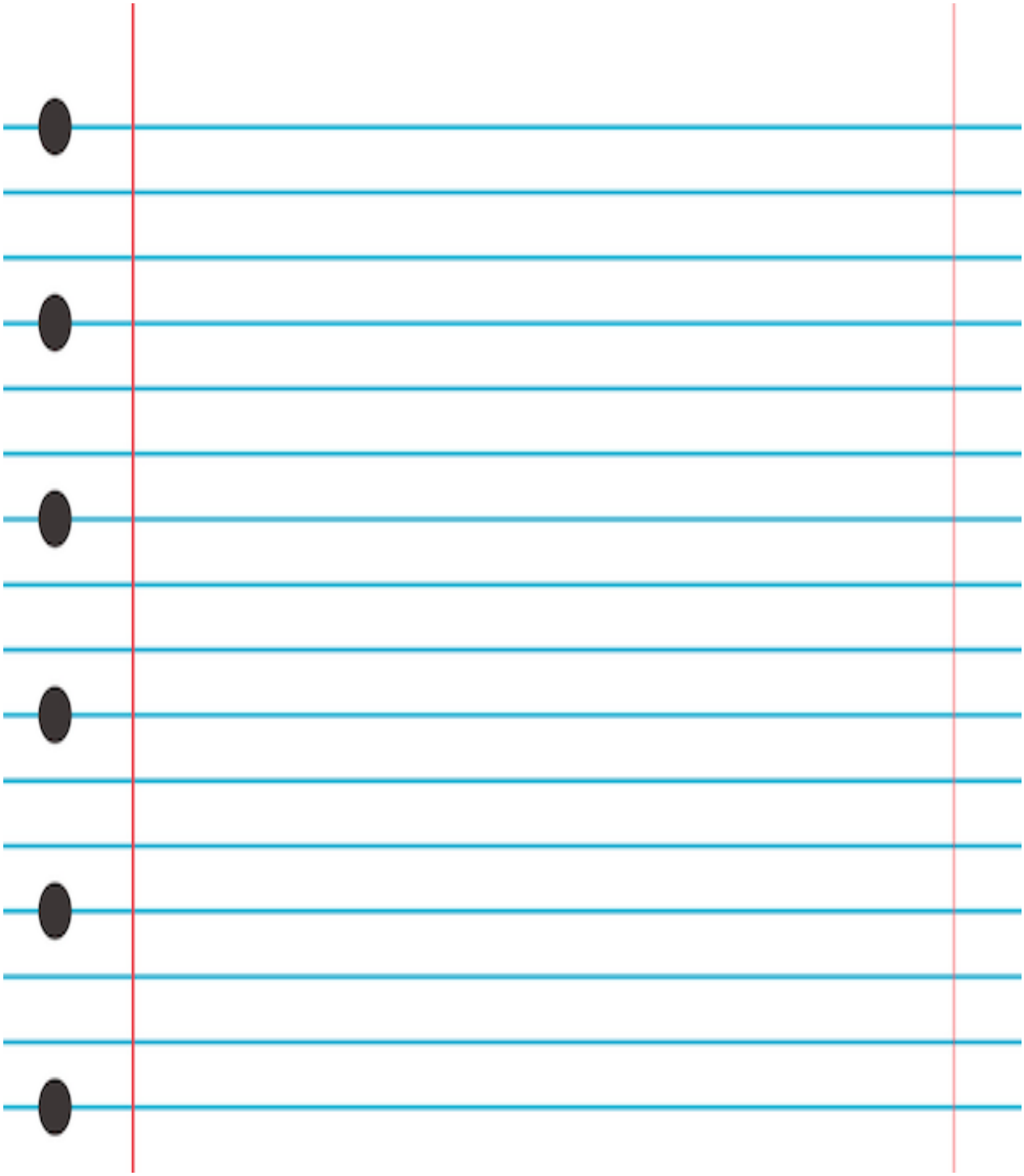
GD – Questão 5: Adaptações curriculares e metodológicas

As adaptações curriculares devem dividir atividades complexas em etapas claras, utilizar instruções visuais e incorporar temas de interesse do aluno. Objetivamente, isso garante compreensão e execução das tarefas. Subjetivamente, a percepção individual do estudante sobre dificuldade ou frustração deve ser considerada para ajustar o ritmo do ensino. Criativamente, a gamificação e atividades práticas contextualizadas podem tornar o aprendizado mais motivador, conectando conteúdo acadêmico e habilidades socioemocionais.



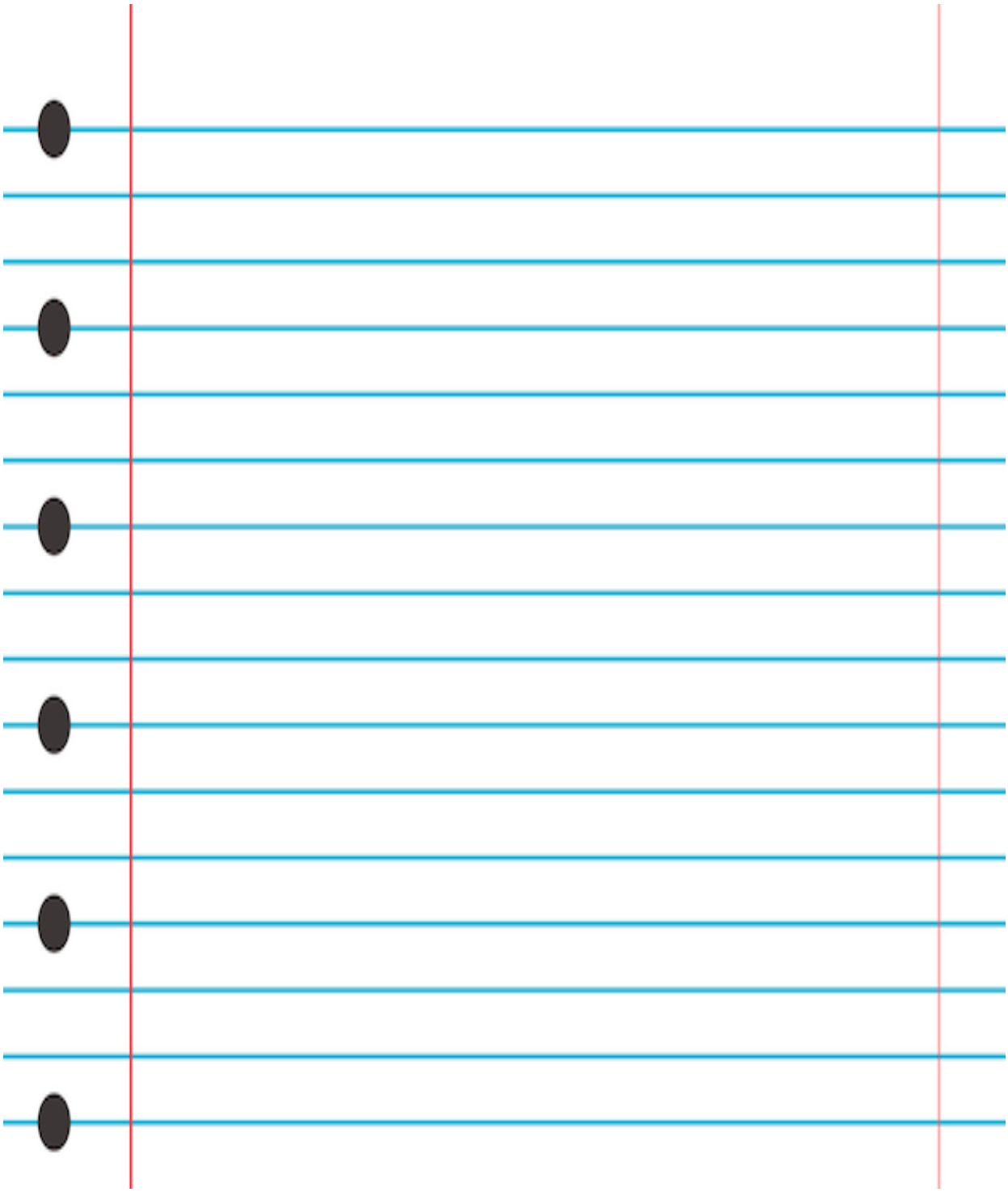
GD – Questão 6: Métodos e programas pedagógicos eficazes

Métodos como ABA, TEACCH, PECS, portfólios educativos e programas de socialização estruturados são eficazes para integrar alunos com TEA nível 3 e alunos típicos. Objetivamente, essas abordagens garantem clareza, repetição e reforço positivo. Subjetivamente, respeitam o ritmo do aluno e sua singularidade. Criativamente, é possível desenvolver adaptações personalizadas para cada contexto, tornando a aprendizagem inclusiva, significativa e divertida, fortalecendo o engajamento de toda a turma.



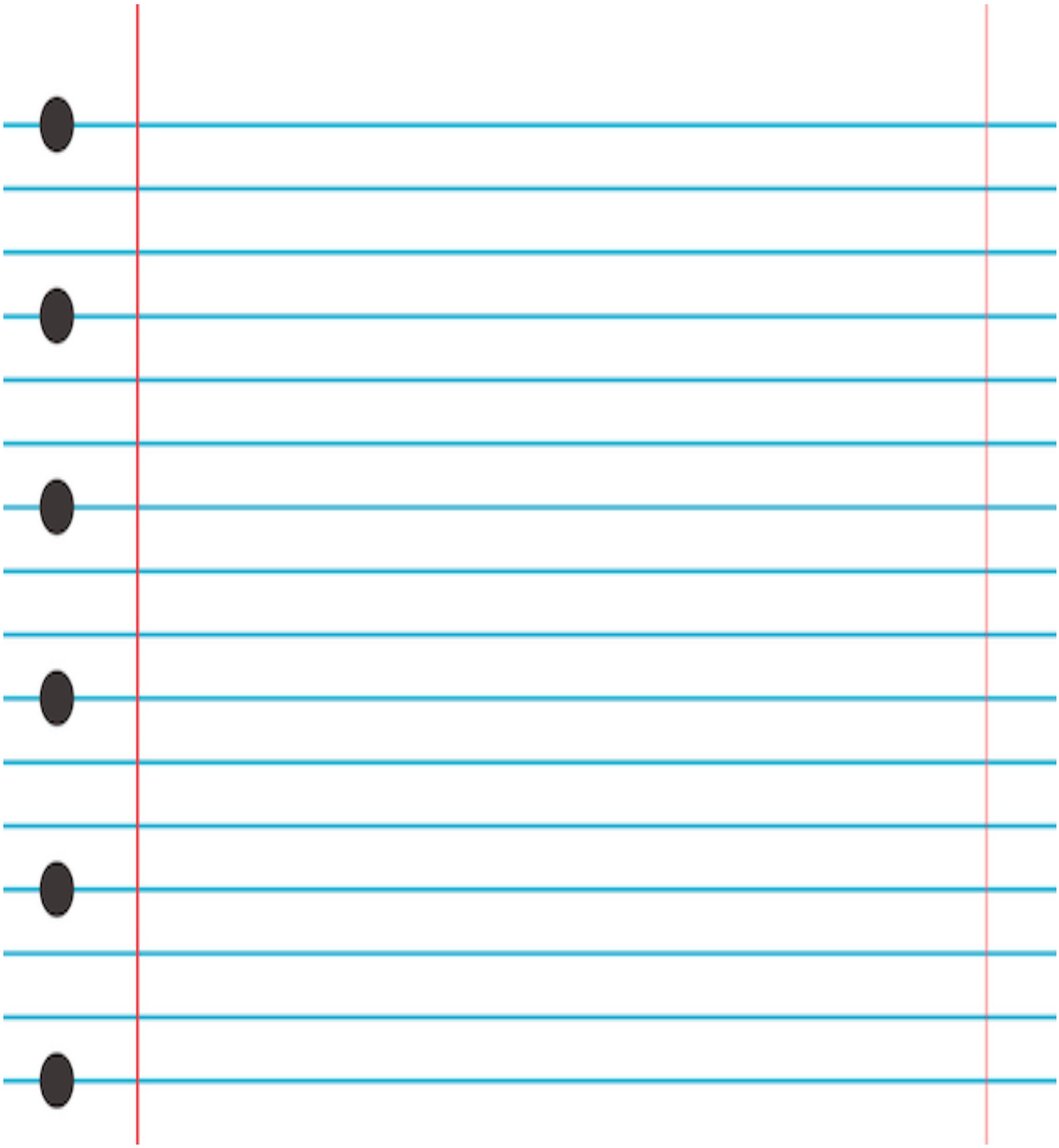
GD – Questão 7: Lidar com sensibilidade a estímulos sensoriais

Alunos com TEA nível 3 podem apresentar hipersensibilidade a luzes, ruídos e texturas. Objetivamente, recomenda-se criar áreas silenciosas, fones de ouvido, materiais táteis apropriados e horários estruturados. Subjetivamente, a atenção aos sinais sutis de desconforto permite intervenções rápidas. Criativamente, a alternância de atividades sensoriais e momentos de relaxamento, como músicas suaves ou exercícios de respiração, contribui para reduzir ansiedade e aumentar concentração.



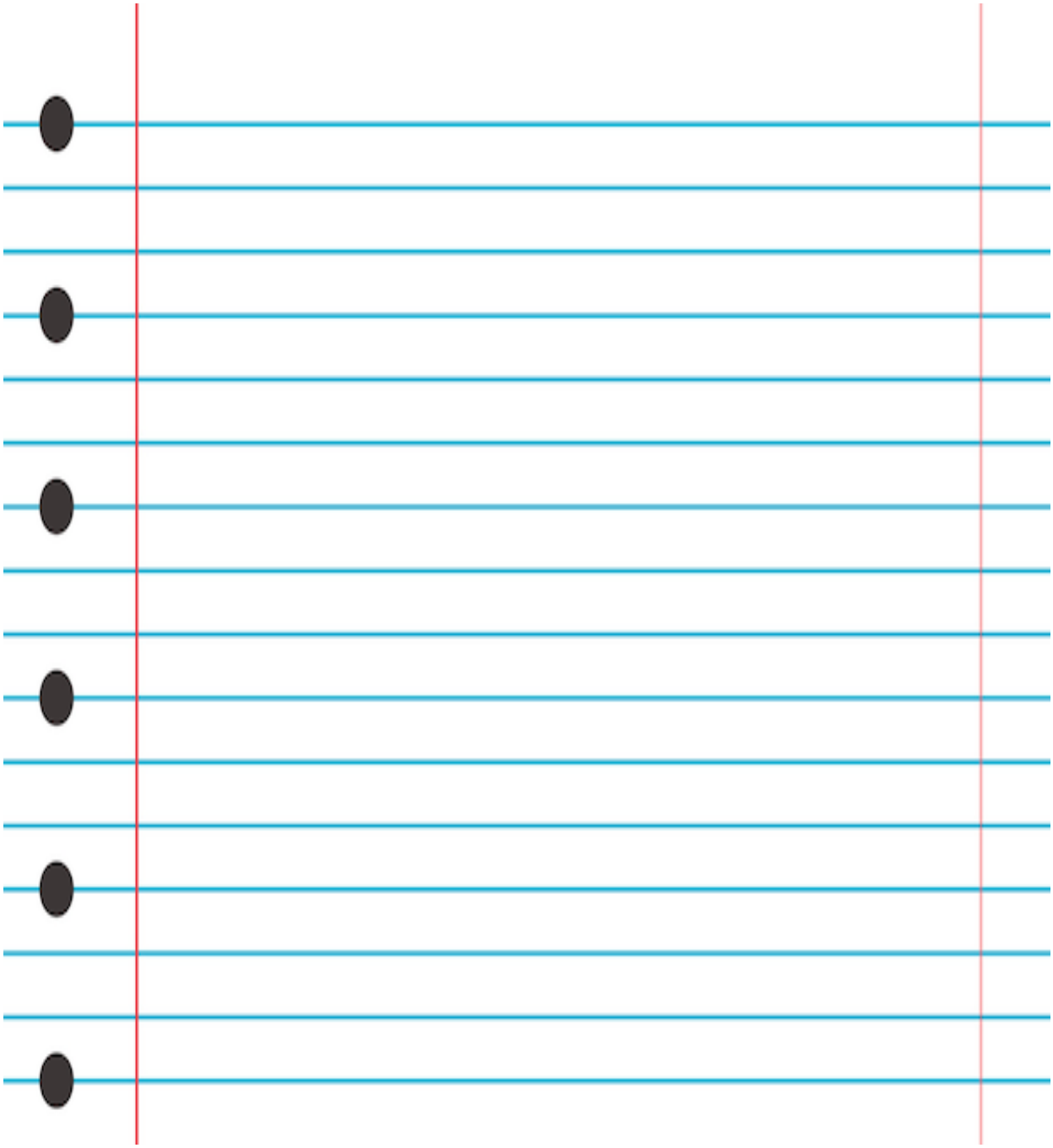
GD – Questão 8: Papel do apoio de profissionais de suporte

Assistentes educacionais, terapeutas ocupacionais e psicólogos atuam como ponte entre o estudante, a família e a escola, garantindo intervenções consistentes e personalizadas. Objetivamente, eles auxiliam na aplicação de estratégias pedagógicas, no registro de progressos e na prevenção de comportamentos desafiadores. Subjetivamente, fortalecem a segurança emocional do aluno e colaboram para que os docentes sintam-se confiantes. Criativamente, podem propor atividades interdisciplinares que integrem objetivos acadêmicos e socioemocionais.



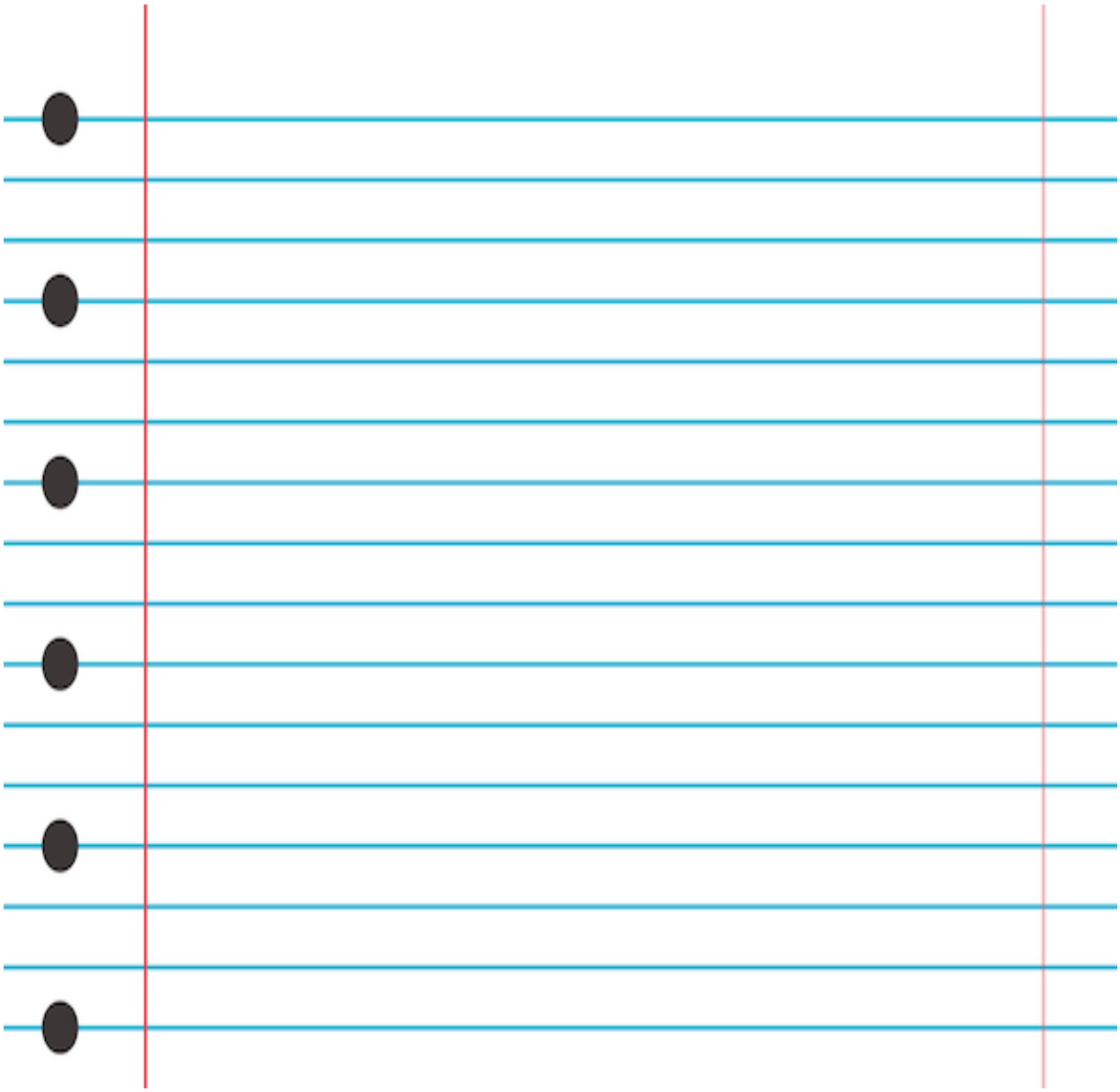
GD – Questão 9: Estratégias para incentivar a autonomia

A promoção da autonomia envolve ensinar habilidades de vida diária, autorregulação emocional e participação nas tarefas escolares. Objetivamente, o planejamento deve contemplar etapas graduais, reforços positivos e supervisão reduzida progressivamente. Subjetivamente, é necessário valorizar conquistas individuais, respeitar limites e reforçar autoestima. Criativamente, atividades gamificadas, listas de tarefas visuais e sistemas de recompensas podem motivar o aluno a assumir responsabilidades, promovendo independência e engajamento contínuo.



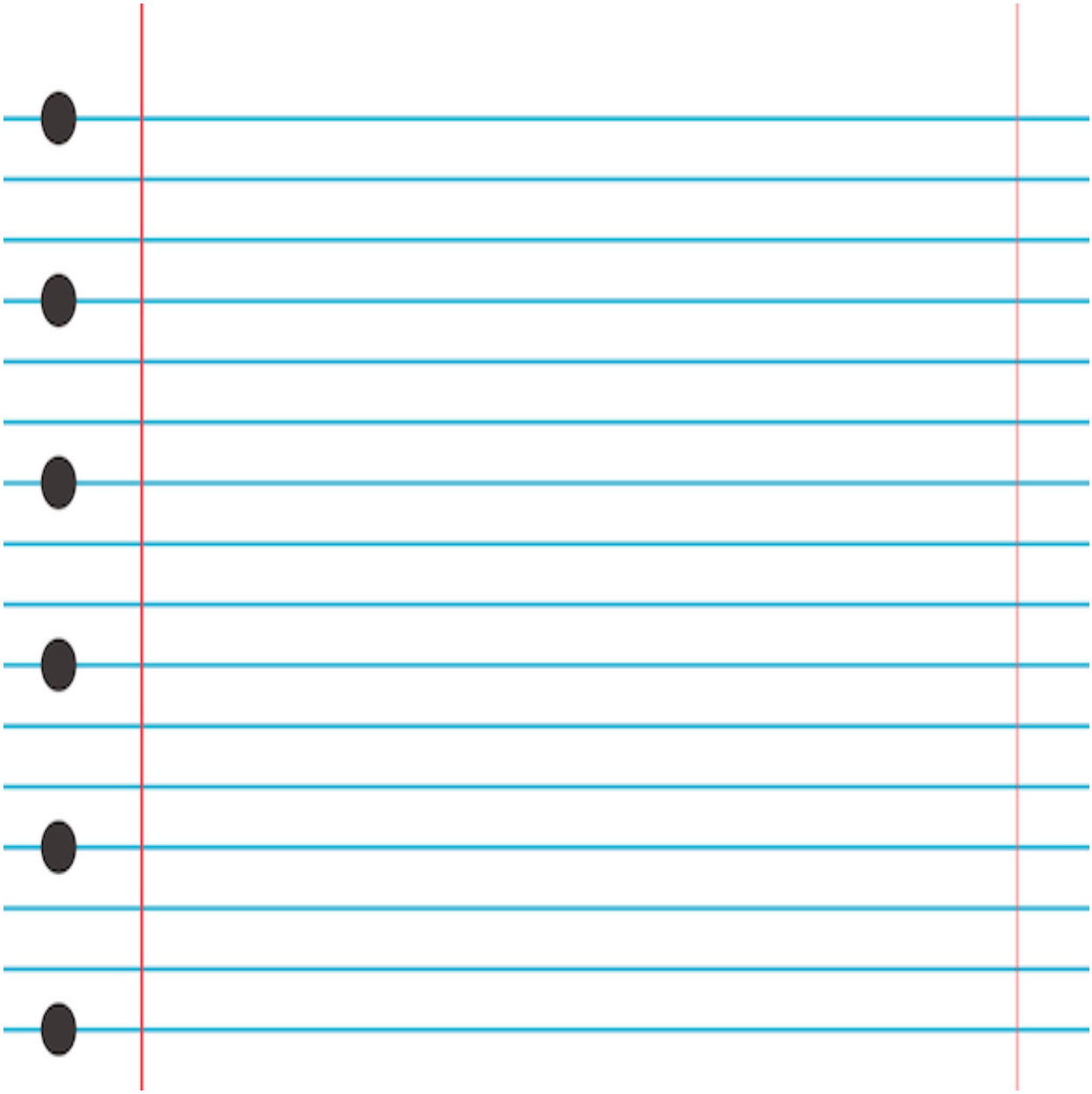
GD – Questão 10: Que tecnologias assistivas e ferramentas digitais podem ser aplicadas para melhorar a comunicação, a aprendizagem e o acompanhamento do progresso do aluno?

Tecnologias assistivas, como tablets, aplicativos de comunicação alternativa, softwares educativos e quadros digitais, são ferramentas essenciais para facilitar a expressão, compreensão e interação de estudantes com TEA nível 3. Objetivamente, permitem ao aluno acessar conteúdos, comunicar necessidades e registrar tarefas de forma adaptada às suas habilidades. Subjetivamente, essas ferramentas aumentam motivação, engajamento e autoestima, tornando a aprendizagem mais significativa. Criativamente, é possível desenvolver jogos educativos, atividades interativas e plataformas personalizadas, que promovam autonomia, inclusão e acompanhamento contínuo do progresso acadêmico e socioemocional do estudante.



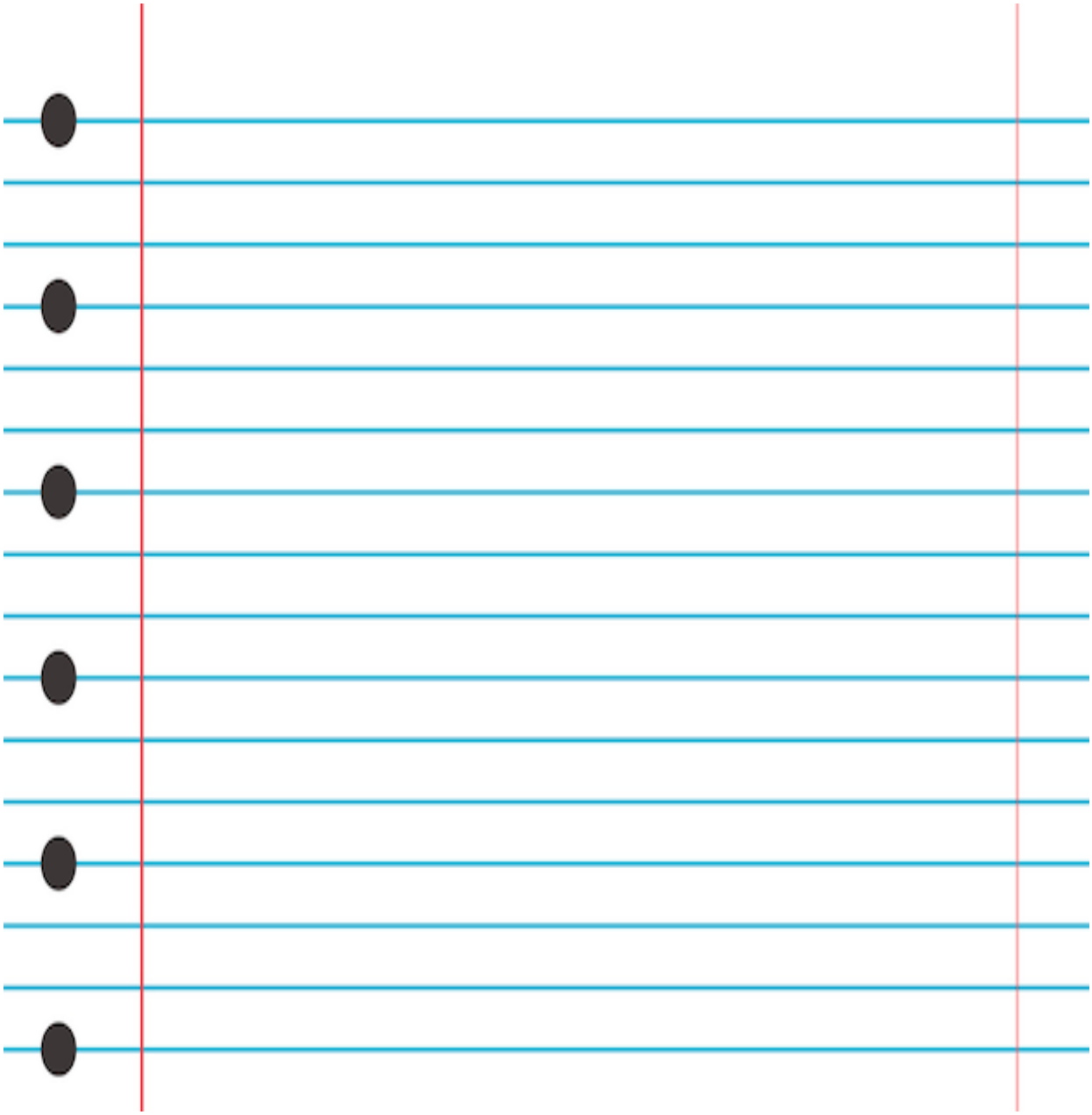
GD – Questão 11: Como envolver e sensibilizar os colegas típicos, promovendo empatia, compreensão e inclusão genuína de estudantes com TEA nível 3 nas atividades escolares?

A sensibilização dos colegas pode ocorrer por meio de atividades cooperativas, rodas de conversa, dramatizações e projetos colaborativos que expliquem, de forma acessível, as características do TEA. Objetivamente, essas estratégias promovem inclusão e interação segura. Subjetivamente, desenvolvem empatia, respeito às diferenças e compreensão das limitações do colega com TEA. Criativamente, atividades lúdicas, simulações e jogos que simulem desafios sensoriais e comportamentais ajudam os alunos típicos a compreender experiências diversas, fortalecendo vínculos e promovendo um ambiente escolar mais acolhedor e inclusivo.



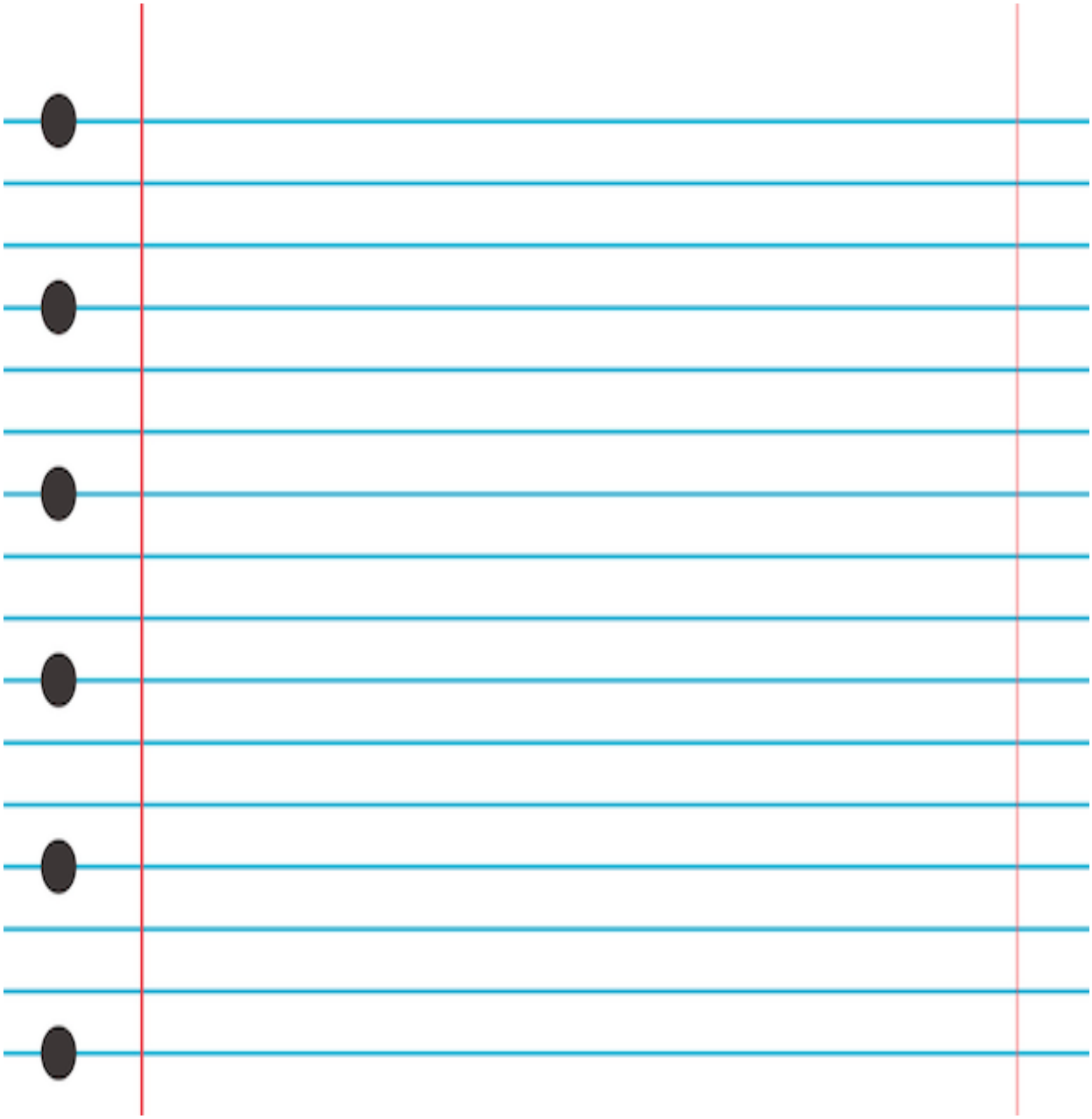
GD – Questão 12: Qual é a importância do planejamento individualizado, de planos de intervenção e de rotinas estruturadas para apoiar o aprendizado e a integração social desses alunos?

O planejamento individualizado, os planos de intervenção e as rotinas estruturadas são fundamentais para criar previsibilidade e segurança, facilitando aprendizagem e integração social. Objetivamente, permitem que professores acompanhem o progresso acadêmico e comportamental, ajustando estratégias conforme necessário. Subjetivamente, reduzem ansiedade, promovem confiança e autoestima, além de valorizar conquistas individuais. Criativamente, rotinas visualmente organizadas, coloridas e com elementos lúdicos tornam o planejamento mais motivador, reforçando autonomia e participação ativa em atividades escolares.



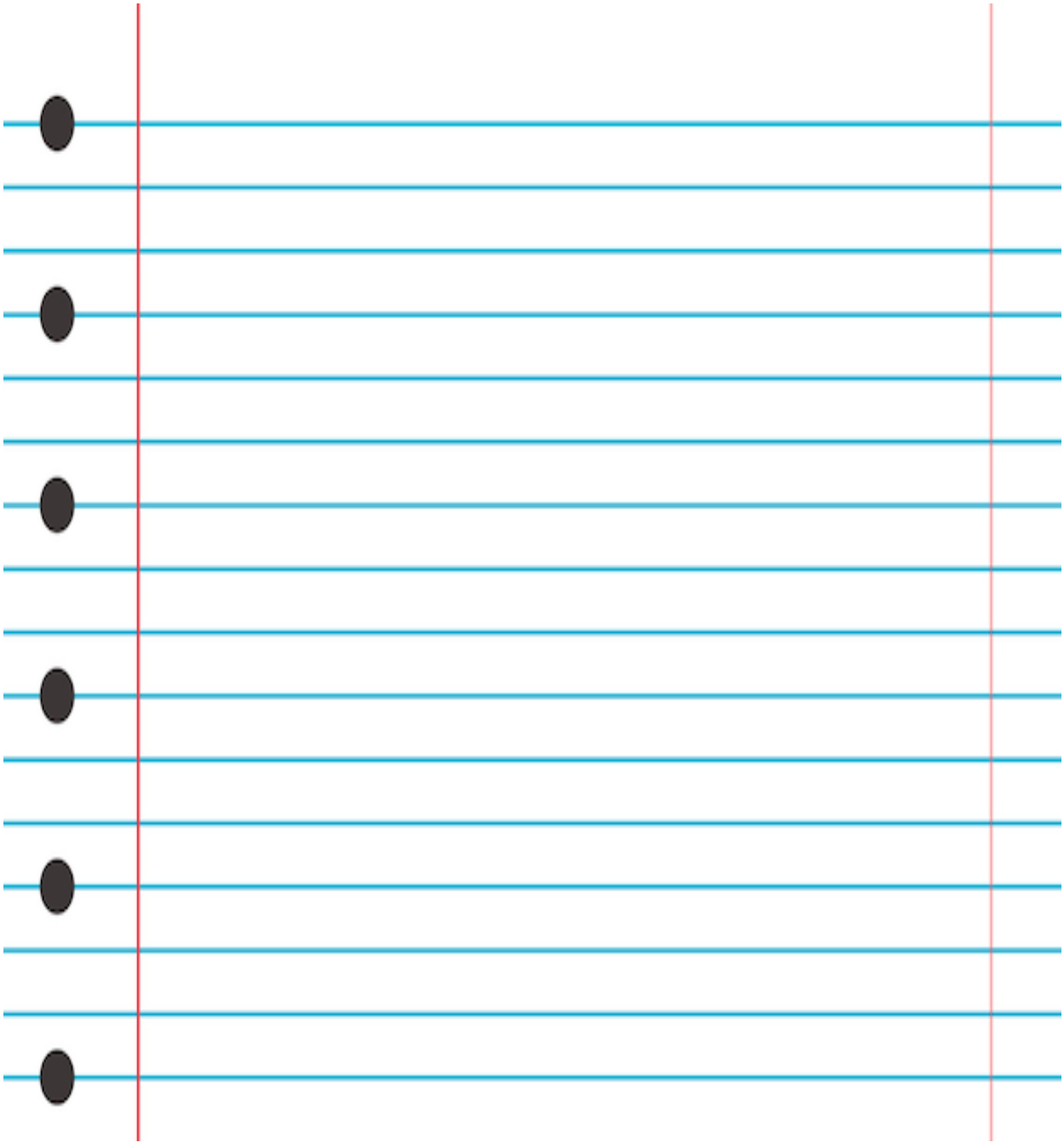
GD – Questão 13: De que forma os pais e familiares podem colaborar com a escola, tanto no desenvolvimento de estratégias pedagógicas quanto no acompanhamento do progresso do aluno?

Pais e familiares colaboram fornecendo informações sobre comportamentos, preferências e reações do aluno, permitindo que a escola adapte estratégias pedagógicas de forma mais eficaz. Objetivamente, fortalecem a consistência das intervenções e o acompanhamento do desenvolvimento acadêmico e socioemocional. Subjetivamente, contribuem para a construção de confiança, segurança emocional e vínculo afetivo entre família e escola. Criativamente, podem participar de atividades lúdicas, projetos de integração e oficinas pedagógicas, aproximando o aprendizado escolar do contexto familiar e potencializando resultados positivos.



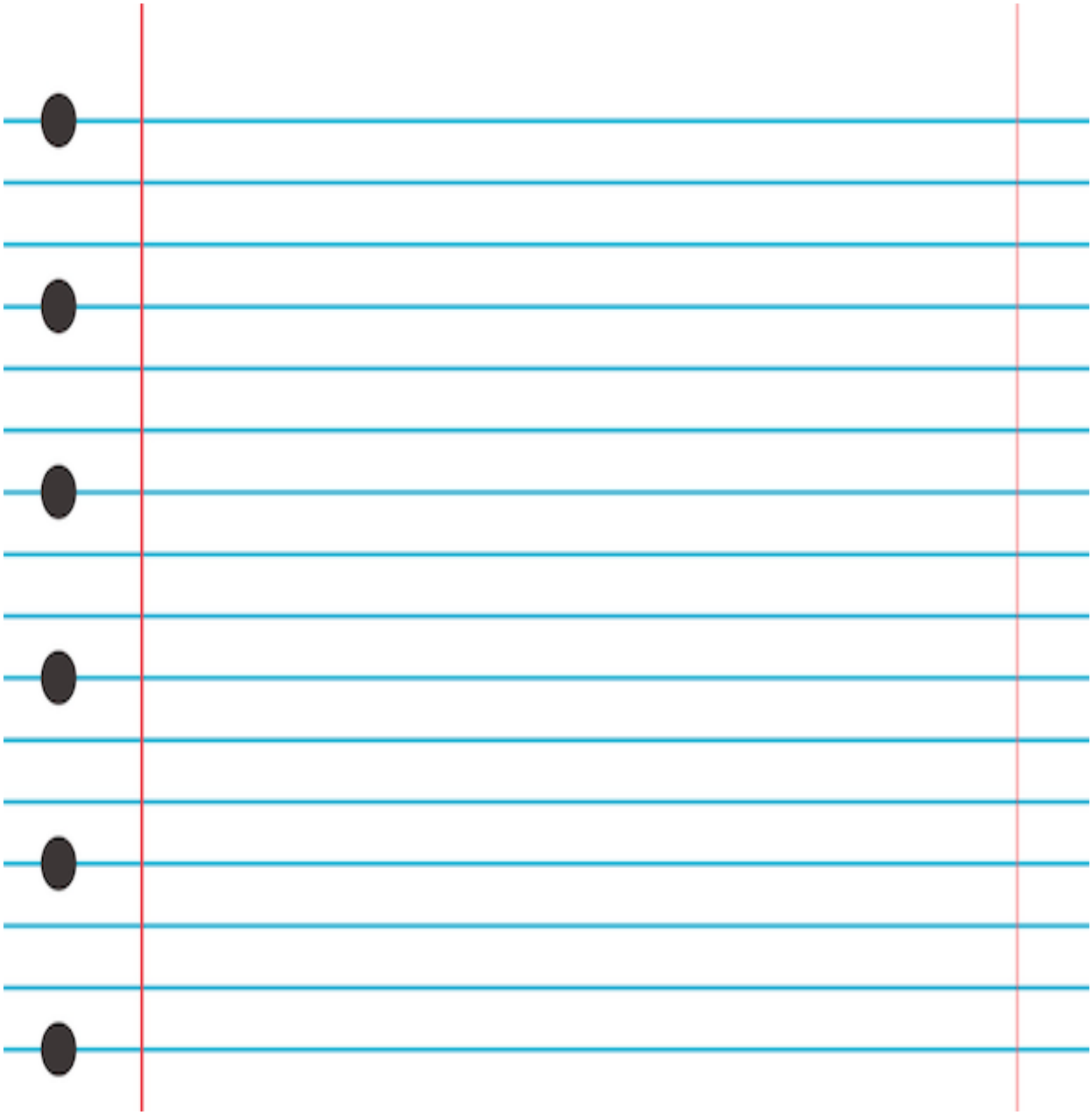
GD – Questão 14: Quais recursos visuais (como quadros de rotina, agendas visuais, pictogramas e cartões de apoio) são mais eficientes para facilitar comunicação, compreensão de regras e autonomia dos alunos não verbais?

Recursos visuais como quadros de rotina, agendas visuais, pictogramas, cartões de apoio e softwares interativos são eficazes para estruturar tarefas, organizar atividades e promover comunicação alternativa. Objetivamente, ajudam o aluno a compreender regras, sequências de tarefas e horários, favorecendo a autonomia. Subjetivamente, reduzem ansiedade e promovem sensação de controle. Criativamente, personalizar recursos com cores, imagens e símbolos significativos para o aluno aumenta engajamento, compreensão e motivação para participar das atividades escolares de forma ativa.



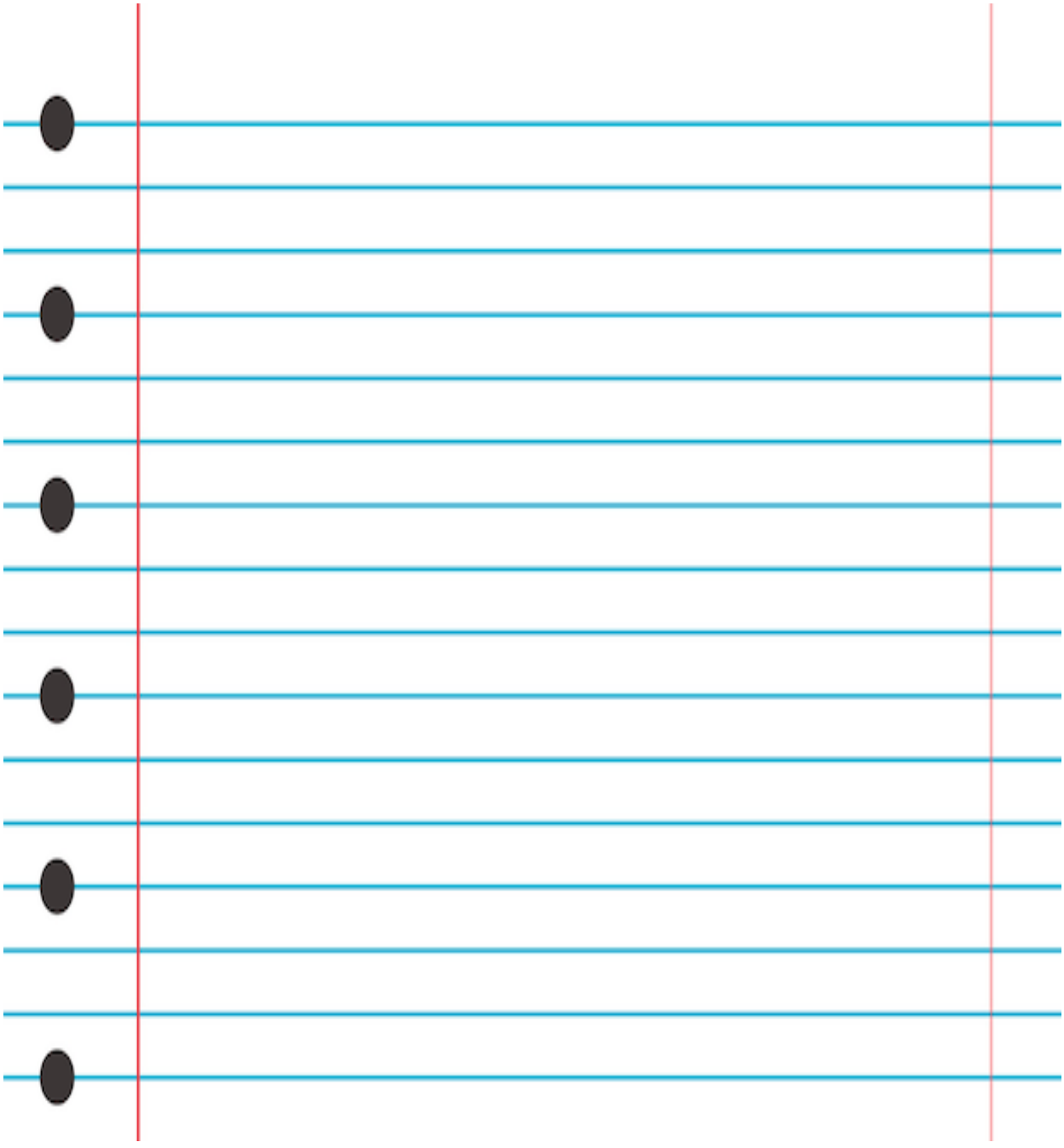
GD – Questão 15: Como monitorar e registrar o progresso acadêmico, comportamental e socioemocional de estudantes com TEA nível 3 de forma sistemática e eficaz?

O monitoramento eficaz envolve registros contínuos, observações estruturadas, uso de portfólios, checklists, diários de aprendizagem e softwares de acompanhamento. Objetivamente, permitem identificar avanços, lacunas e necessidade de ajustes nas estratégias pedagógicas. Subjetivamente, reforçam autoestima do aluno, mostrando progressos alcançados. Criativamente, gráficos visuais, tabelas de conquistas e relatórios personalizados tornam o acompanhamento mais acessível e motivador, incentivando participação do aluno e comunicação efetiva com família e equipe escolar.



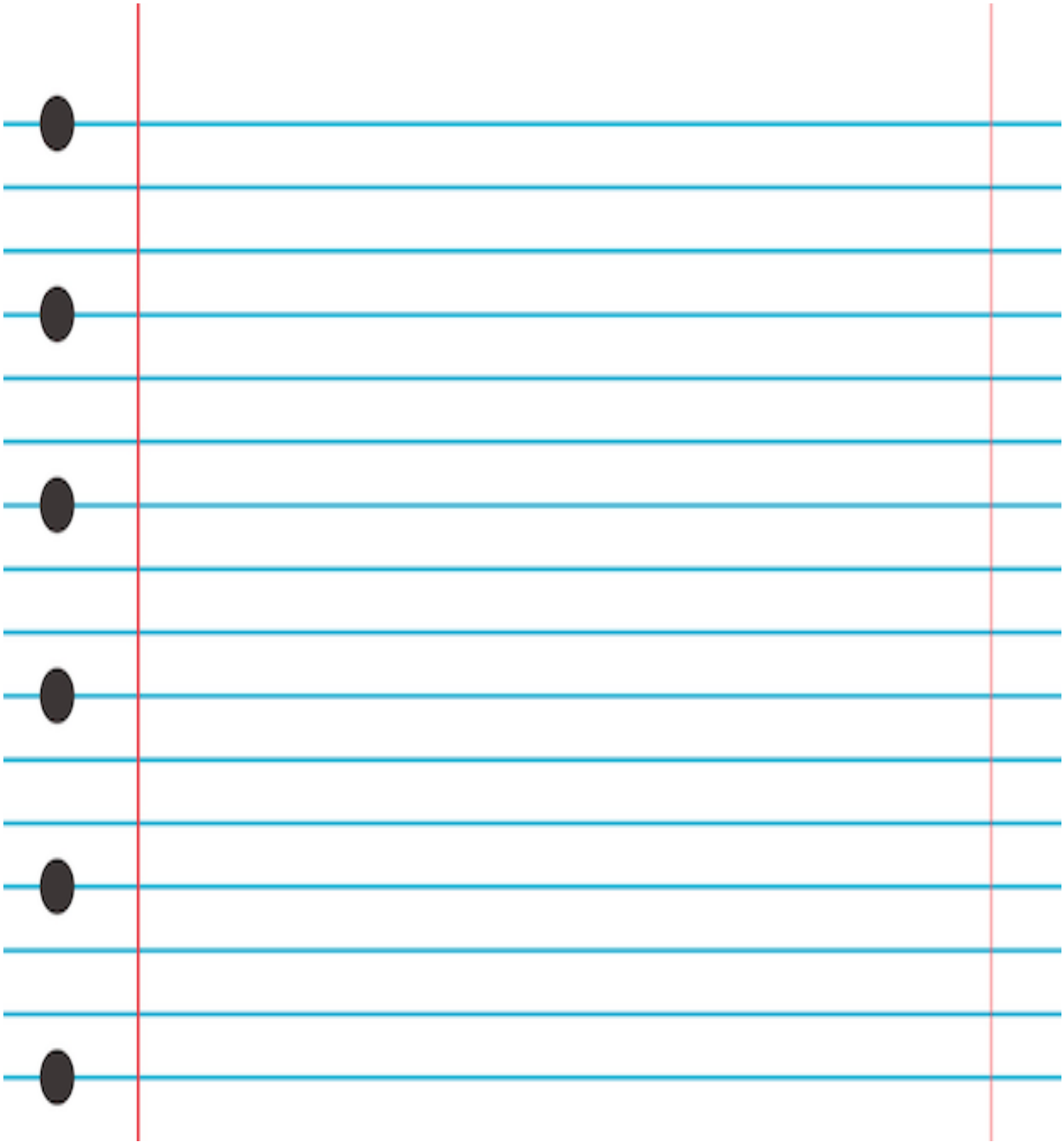
GD – Questão 16: Que estratégias ajudam a reduzir a resistência a mudanças na rotina e a transições entre atividades, minimizando ansiedade e comportamentos desafiadores?

Estratégias eficazes incluem avisos prévios sobre mudanças, uso de sinais visuais, contagem regressiva, planejamento de transições graduais e reforço positivo. Objetivamente, essas ações criam previsibilidade e segurança, facilitando adaptação. Subjetivamente, promovem controle emocional, reduzem ansiedade e aumentam confiança. Criativamente, histórias sociais, simulações de rotina e jogos que ensinem passos de transição tornam a adaptação mais compreensível e até prazerosa, transformando mudanças em oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento de resiliência.



GD – Questão 17: Como equilibrar atividades sociais e acadêmicas de forma que promovam aprendizagem significativa, interação social e inclusão plena de estudantes com TEA nível 3?

O equilíbrio entre atividades sociais e acadêmicas exige planejamento cuidadoso, integração de interesses do aluno e adaptação de atividades de grupo. Objetivamente, garante participação ativa em ambos os contextos, respeitando limites sensoriais e comportamentais. Subjetivamente, fortalece autoestima, senso de pertencimento e motivação para aprender. Criativamente, projetos integradores, jogos cooperativos e atividades temáticas permitem que a aprendizagem acadêmica e social caminhem juntas, promovendo inclusão efetiva, engajamento e desenvolvimento integral do estudante com TEA nível 3.



E-BOOK - 2025